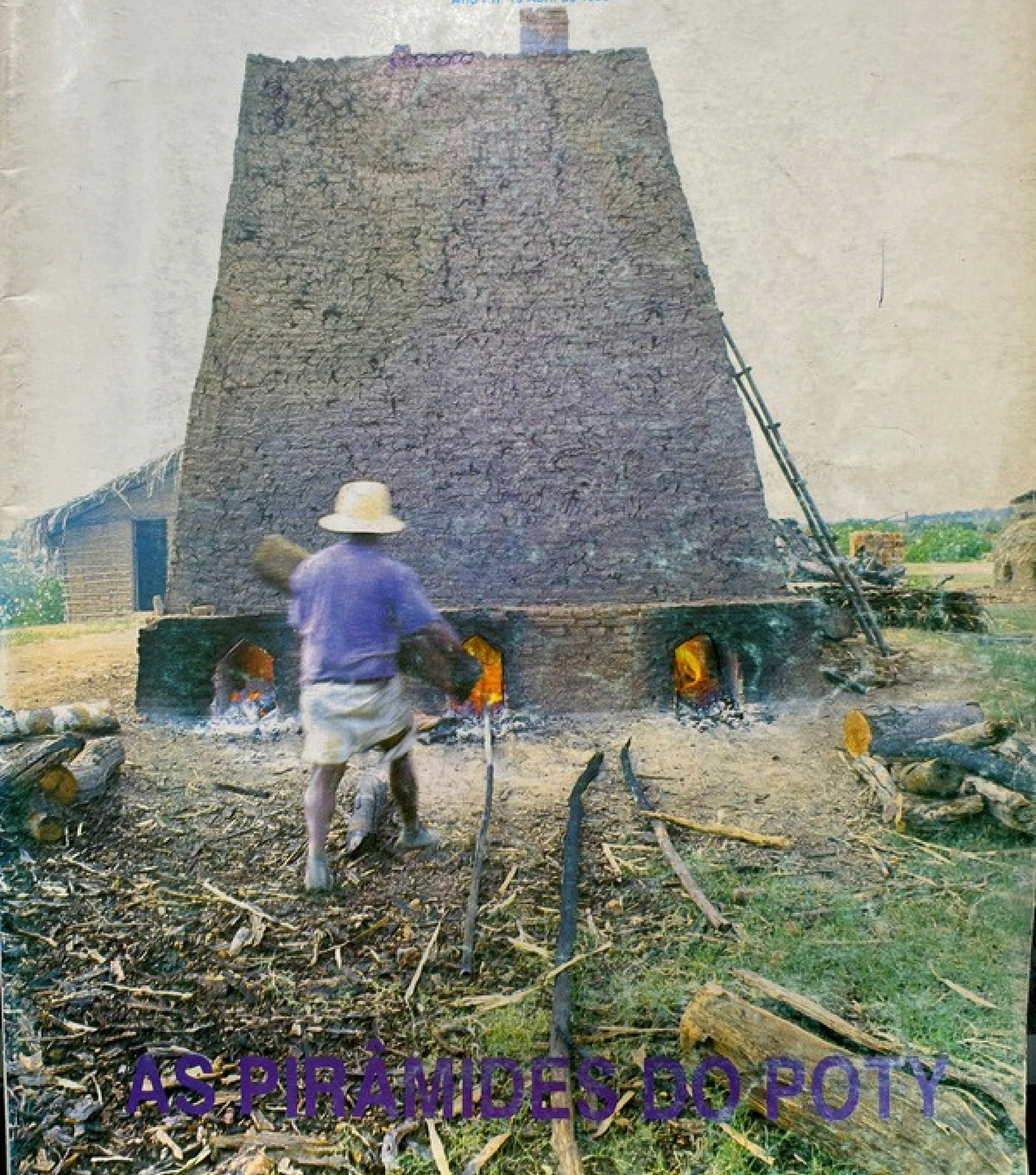


CADERNOS *de tarefas* CADERNOS

Ano 7 n° 13 Abril de 1993



AS PIRÂMIDES DO POTY

CADERNOS DE TERESINA
Revista Informativa da Fundação Cultural Monsenhor Chaves

Ano VII - N° 13 - Teresina, abril de 1993
Publicação quadrimestral

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA
Ramundo Wall Ferraz

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL
MONSENHOR CHAVES**

Eugênia Maria Parentes Fortes Ferraz

SUPERINTENDENTE
Amália Maria Lages Teles

EDITORA
Eugênia Maria Parentes Fortes Ferraz

COORDENADORA DE EDITORAÇÃO
Mariade Lins de Albuquerque

**CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO CULTURAL
MONSENHOR CHAVES**

Antônio Ferreira de Sousa
Marcelino Leal Barroso de Carvalho
Maria Aldemires de Sousa Lima
Mariade Lins de Albuquerque
Rubervam du Nascimento
Silvana Maria Santana de Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL
Mariade Lins de Albuquerque

REDAÇÃO
Ana Kelmá Gallan
Maria Aldemires de Sousa Lima

REVISÃO
Conceição Lemos
Luzete Mameiros
Maria Aldemires de Sousa Lima
Silvana Maria Santana de Oliveira

ILUSTRAÇÃO
Arnaldo Albuquerque
Hélio Fêrrera de Sousa Filho
Polyana Jencó Pinto Coelho

FOTO/CAPA
Antonio Quaresma

ENSAIO FOTOGRAFICO
Antonio Quaresma
Jairo Cezar

COMPOSIÇÃO
Joseph Albano
Marcelo Costa
Goreth Lima

FOTOLITO
Bernardo Moreno
Ramundo Lima
José Freitas

IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Junior

COLABORADORES
Ao Campelo
Adalmar Miranda
Alcebíades Costa Filho
Arnaldo Albuquerque
Carlos Leal
César Augusto de Oliveira Maia
Cláudia Tenório
Domingos Dias
Elias Paz e Silva
Francisca Alves dos Santos
Ismênia Reis
Jamerson Lemos
Kayo Douglas
Marcelo Lopes
Ramundo Alves Lima
Ramsés Ramos
Rubervam du Nascimento
Silvana Maria Santana de Oliveira
Zozêna de Fátima Fréz Costa

S U M Á R I O

3 Editorial

5 Capa: Ensaio Fotográfico - As Pirâmides do Poty

Antonio Quaresma/Jairo Cezar/ Silvana Santana

9 Teatro: Dia Internacional do Teatro

13 Literatura: Resenhas, Conto e Poesias

27 Documento: Imprensa e República no Piauí

29 Quadrinhos

33 Página Aberta: Mandu-Ladino

37 Em foco: Mulher Jornalista

A Notícia está mais feminina?

39 Reportagem Especial: Maestro Reginaldo Carvalho

45 Artes Plásticas: Cinco Moças de Guaratinguetá

Cesar Augusto de Oliveira Maia

49 Entrevista: Rubervam du Nascimento

57 Ponto de Partida: Biodança e Produção de Textos

Ismênia Reis

61 Ecologia

62 Arquitetura e Urbanismo

63 Suplemento: Mestre Dezinho

Um Santeiro e a Arte da Imortalidade

FUNDAÇÃO CULTURAL MONS. CHAVES

Rua Elzeu Martins, 1426 - Centro
Fone: (086) 223-3648

PRESIDENTE

Eugênia Maria Parentes Fortes Ferraz

SUPERINTENDENTE

Amália Maria Lages Teles

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ARTE

Francisco Aci Gomes Campelo

DIR. DEPTº. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

José Aírton G. Gomes

DIR. DEPTº. PROJETOS ESPECIAIS

Silvana Maria Santana de Oliveira

DIR. DEPTº ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Vilma Veras Teles

ASS. DE ESTUDOS E PLANEJAMENTO

Warrington Wallace Veras de Araújo

ASS. DE ASSUNTOS JURÍDICOS

Antonio Pires Ferreira Neto

CHEFE DE GABINETE

Rita de Cássia Costa Rodrigues dos Santos

COORD. DE LITERATURA E EDITORAÇÃO

Marlene Lins de Albuquerque

COORD. DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO

Stael da Nóbrega

COORD. DE MÚSICA

Raimundo Aurélio de Mello

COORD. DE ARTES PLÁSTICAS

Pollyanna Jericó Pinto Coelho

COORD. DE ARTES CÊNICAS

Maria do Rosário Sales

COORD. DOS CIARTES

João Cardoso de Brito Neto - Matadouro

Raimundo Wilson Costa Filho-Matadouro

José Fábio Costa-Centro

Francisco das Chagas de Carvalho Castro-Centro

Lúcia de Fátima Ferraz Martins-São João

Maria de Fátima da Silva Lima-Teatro de Arena

NÚCLEO DE AVALIAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Raimundo Alves de Lima

É preciso fôlego para que uma revista conscienciosa, comprometida com a qualidade, tenha as excelências necessárias para transgredir os embotados folhetins das produções literárias em geral.

Nesta 13ª edição da revista "Cadernos de Teresina" as "Moças de Guaratinguetá" visitam nossas páginas, liricamente apresentadas numa análise semiótica irrepreensível dessa obra de Di Cavalcanti.

O brilho, o carisma e o talento do notável maestro Reginaldo Carvalho recebem a homenagem de uma cidade que, entre palmas e bravos, aprendeu a amá-lo e respeitá-lo em sua trajetória como pessoa e profissional.

Ramsês Ramos envia da Tchécoslováquia um breve ensaio sobre o poeta americano Walt Whitman, de lirismo eloquente derramando-se em versos claros e livres.

Na Página Aberta a saga de Mandu-Ladino numa denúncia ao extermínio dos índios piauienses.

A gênese das olarias do Poty Velho pela lente de Quaresma e Jairo Cezar, onde a vida e a morte são amalgamadas pelo inóspito das fornalhas piramidais.

Criatividade, produção de texto e uma nova disciplina - Biodança - a inquietante busca das ilimitadas possibilidades do ser através da palavra, em depoimento de Ismênia Reis.

O Suplemento Especial com Mestre Dezinho revela o talento nativo, simples - a arte de esculpir e produzir singelamento o belo.

A história da imprensa no Piauí, focalizando a primeira república, na pesquisa minuciosa de Alcebiades Filho.

O importante é poder constatar que, apesar das dificuldades implícitas no fazer cultural, o Piauí produz arte de reconhecida qualidade.

Neste espírito, o Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves retorna a publicar quadrimestralmente a revista "Cadernos de Teresina", garantindo aos leitores a permanência deste importante projeto editorial.

Conselho Editorial



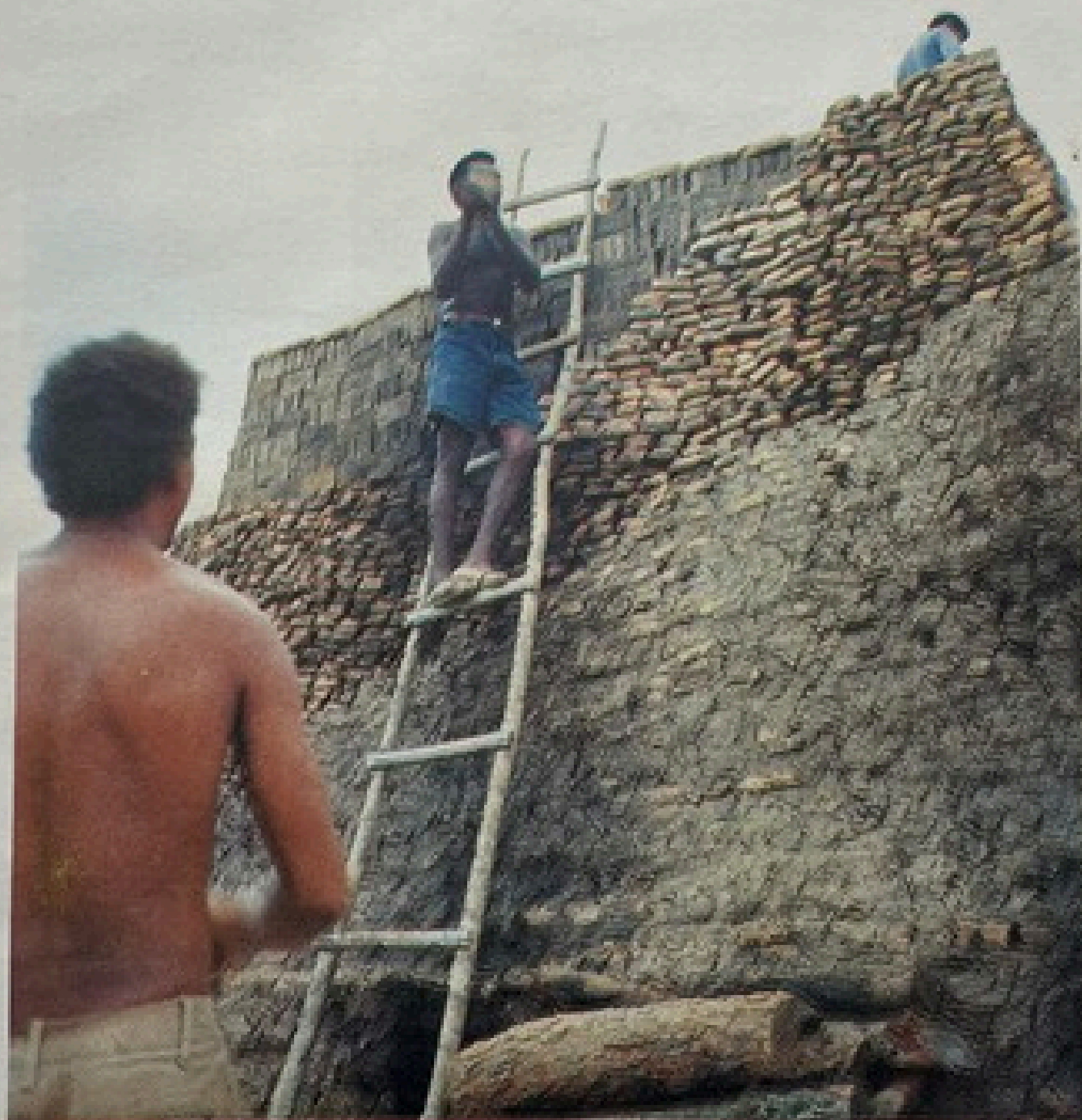
Gênese

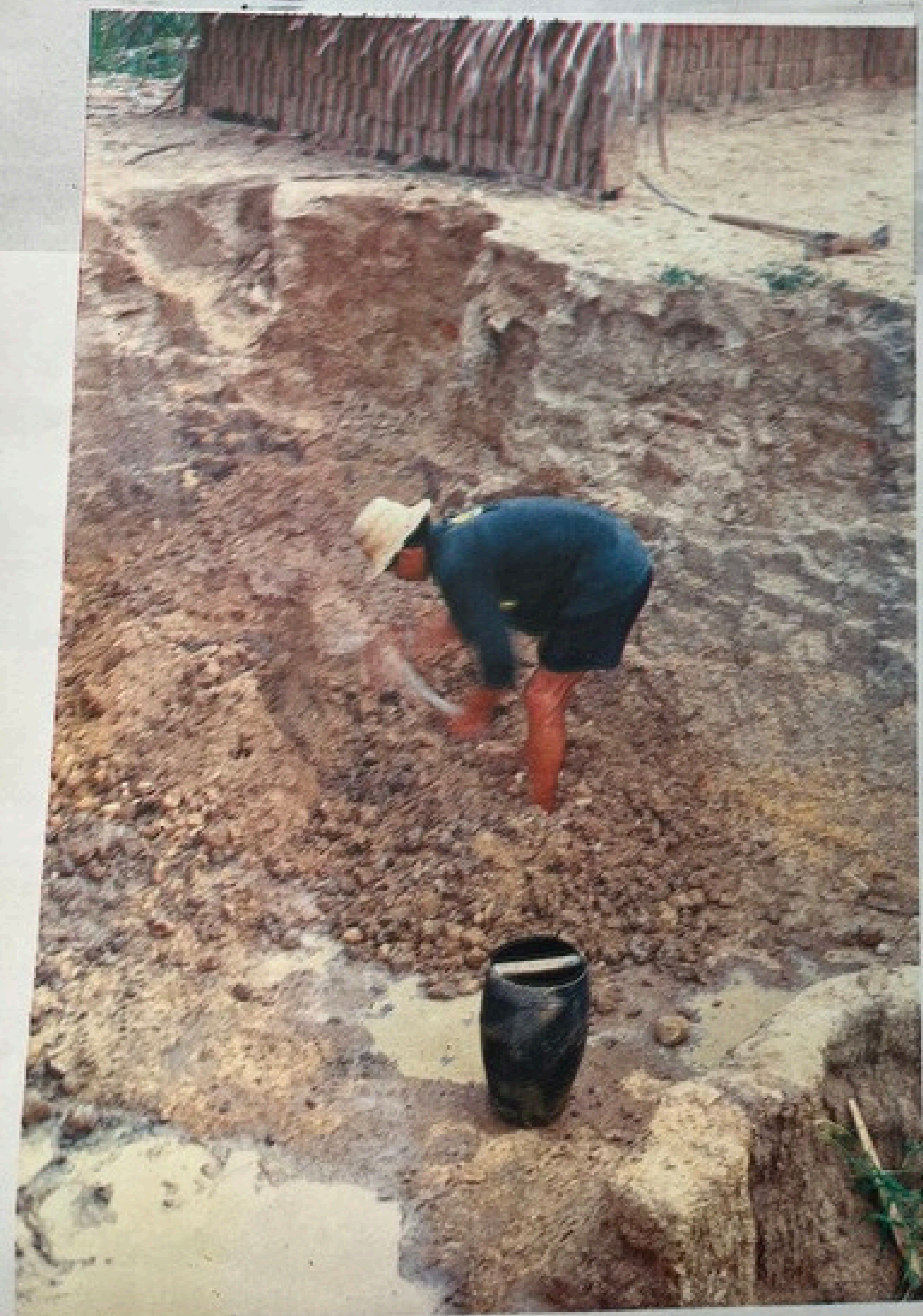
**Aqui há o homem
Que sendo Deus é Homem
E sendo homem é barro.**

**Êxule do tempo e da vida
No topo da pirâmide
Ígnea sepultura**

**Aqui jaz a vida
Feito lama que escorre
Nos veios tortos da cidade inerte.**

Ensaio Fotográfico: Antonio Quaresma/Jairo Cezar
Texto: Silvana Santana









No dia 27 de março de todo ano é comemorado o Dia Internacional do Teatro. As festividades são realizadas em todo mundo, numa promoção do ITT - Instituto Internacional do Teatro, órgão da Unesco, ficando a cargo de cada país, de cada estado a forma de comemorar a data. O Dia Internacional do Teatro serve para reflexão, homenagem e conagração da classe teatral.

Há quase vinte anos a Federação de Teatro Amador do Piauí promove as festividades do Dia Internacional do Teatro no Estado. Este ano de 1993, a FETAPI partiu para homenagem mais simbólica, deixando o lado político da feita para o Sindicato dos Artistas e Técnicos do Piauí, que entregou documento de reivindicação dos Técnicos do Teatro 4 de Setembro ao governador do Estado, denunciando a situação de trabalho e as condições salariais.

Da programação promovida pela FETAPI foram homenageados onze artistas amadores e duas personalidades do mundo artístico cultural, sendo os seguintes:

* Melhor Produção Amadora - Aventuras de um Diabo Malandro (Grumochôa de Teatro Teresina-Pi.) TROFÉU SANTANA E SILVA;

* Melhor Texto Amador - Acorda Manual (Grupo do SESC - Parnaíba-Pi.) TROFÉU FRANCISCO PEREIRA DA SILVA;

* Filhos de Ogum (Grupo Paratodos/Teresina Pi.) TROFÉU FRANCISCO PEREIRA DA SILVA;

* Baduel (Grupo Tasa/Teresina-Pi.) TROFÉU FRANCISCO PEREIRA DA SILVA;

* Incentivo ao Teatro Amador - TROFÉU NOÉ MENDES DE OLIVEIRA;

* José Elias Martins Arêa Leão - TROFÉU NOÉ MENDES DE OLIVEIRA;

* Artista com mais de 10 anos de atividade teatral - MARIA BITTENCOURT;

* Ator que se destacou em 1992 (Grupo Teniente/Teresina-Piauí - JOSÉ CARLOS;

* Ator revelação em 1992 (Grupo Alard/Bom Jesus-Pi. - FÁBIO NOVO;

* Melhor Atriz em 1992 - SANDRA VITÓRIA;

* Melhor Diretor em 1992 (Grupo Fantástico Teresina-Pi.) - WILSON COSTA;

* Melhor Cenotécnico em 1992 (Grumochôa de Teatro/Teresina-Pi.) - CARLOS B. FILHO;

* Homenagem Alternativa (Teresina-Pi.) - CARMEM LÚCIA

Tivemos, ainda, como parte da programação do Dia Internacional do Teatro, a Campanha em prol da restauração do antigo Teatro Concórdia, localizado no Centro de Artesanato. A restauração do teatro seria um passo importante para a cidade de Teresina, que teria não só mais um espaço para manifestações artístico-culturais como o resgate de um símbolo da cultura piauiense.



NÚCLEO DE FORMAÇÃO TEATRAL

Com a reinauguração do Theatro 4 de Setembro, em 1975, única casa de espetáculos de Teresina à época, inúmeros grupos de teatro amador foram fundados, contando-se atualmente com cerca de 20 (vinte) grupos na capital e outros tantos no interior do Estado, o que dá em média, 300 (trezentas) pessoas envolvidas. De lá para cá outros espaços foram criados, como o Teatro do Matadouro e a Sala Madre Escobar, o que incentiva o aparecimento de mais grupos amadores. Estes grupos têm participado ativamente de eventos artísticos-culturais dentro e fora do Piauí e, apesar do autodidatismo de seus integrantes, são muitos os prêmios ganhos em festivais fora do Estado. Todavia, têm-se notado, apesar dos esforços, uma certa estagnação na maioria absoluta das montagens amadoras.

Durante alguns anos atrás, órgãos ligados à educação e a cultura do Estado do Piauí, promoveram cursos na área teatral, porém, de uma forma isolada, com curta carga horária, e um tanto distante da realidade, de maneira que pouco ou quase nenhum efeito de grande relevância propiciaram aos participantes.

Nos últimos anos, e apesar do número crescente dos que fazem teatro, quase nenhum curso de especialização foi oferecido em Teresina, e o que se assiste é uma grande defasagem de formação-informação, o que gera uma enorme falta de conhecimento daqueles que praticam o teatro no nosso meio e não têm oportunidade de obter os ensinamentos teóricos-práticos através de um curso que propicie uma profunda dinâmica no processo teatral, ora praticado. Poderia esse panorama ser mudado com a criação de uma Escola de Teatro ou mesmo com a retomada, em outro nível, do curso de Artes Cênicas, da Universidade Federal do Piauí. No entanto, por questões de força política ou mesmo de puro descaso o Curso de Artes Cênicas da FUFPI continua desativado, ficando, por conseguinte os interessados fora do processo educacional formal. A consequência é que os grupos de teatro iniciam suas atividades no puro autodidatismo, pois dificilmente seus integrantes conseguem fazer cursos fora do Estado. A falta de capacitação resulta numa enorme queda de qualidade dos espetáculos e na falta de discussão aprofundada sobre a linguagem cênica.

No ano de 1989, criou-se o Núcleo de Formação Teatral do Theatro 4 de Setembro, que gerou uma grande expectativa e produziu um espetáculo, de certa forma polêmico, "Romeu e Julieta", de William Shakespeare, dirigido por Arimatã Martins. O Núcleo durou pouco por falta de estrutura. Em 1990 é criado o Sindicato dos Artistas e Técnicos do Piauí, com o aparecimento do SATED-PI veio a idéia de formação e capacitação de pessoas para o teatro. O SATED encampando o



projeto de nossa autoria deu início, em 1992, ao Núcleo de Formação Teatral de Teresina, matriculando 20 (vinte) artistas amadores, as disciplinas iniciais oferecidas pelo Núcleo foram: Interpretação; Expressão do Corpo; Expressão da Voz; História do Teatro e Interpretação II.

O Núcleo de Formação Teatral de Teresina, com apoio inicial da Fundação Cultural do Piauí, continua com a primeira turma tendo sido professores até o momento a atriz Lorena Campelo, o bailarino Frank Lauro, dramaturgo Aci Campelo e a atriz Vera Leite.

Precisa-se reverter esse processo de formação teatral no Estado do Piauí e, para isso, o esforço de órgãos culturais, entidades ligada à cultura e à própria Universidade Federal do Piauí se faz fundamental.

RAIMUNDA PRÊMIO, SIM SENHOR!



Foto: MAURICIO SPINOLA

Raimunda Prêmio, sim senhor!

Jorge Luis Borges, o bruxo, costumava dizer que o fracasso é esteticamente superior ao sucesso. O enveredar pelos porões da existência dilui a pretensão de ver o sucesso como o momento definitivo da criação, antes a queda que revolve o húmus fecundo da alma humana.

Em Raimunda Pinto, sim senhor! O ciclo do eterno retorno - ascensão e queda - é essencial na saga de Raimunda. Talvez, também por isso, a empatia imediata, levada pelo estilo facilitador da comédia escrachada, onde os espectadores inserem em suas próprias vidas as desordens existenciais das personagens.

A cada declínio Raimunda ressurge fortalecida. Perde a 'fanhosidade', metáfora da feiúra, da virgindade e sintoma postiço de miséria - transforma-se em cidadã do mundo. Mas carrega o Nordeste no coração e no espírito: "no Ceará não tem disso não" - canção de abertura e arremate do espetáculo marca a identidade cultural nordestina e acaba por caracterizar-se como um mote de distensão na peça.

Cinderela caricata (há um momento recorrente ao conto infantil no quadro do 'sapatinho' de Raimunda) o texto não foge ao happy-end. E, já que a vida repete a arte, Raimunda Pinto caminha para sua trigésima apresentação de uma montagem vencedora: arrebatou cinco prêmios no I Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga-Ce, em março. Prêmio de melhor ator, melhor diretor, música e espetáculo, além de prêmio do júri popular.

O minimalismo do cenário exige apuro e entrega na composição das personagens. O que cativa em "Raimunda...", é essa fluidez verbal e a movimentação cênica - braços, coxas, um enroscar voluptuoso, a presença da sensualidade e a harmonia que envolve os atores. E a sensação de estar assistindo a um musical é inarredável.

O Grupo Harém agora se prepara para a execução de um projeto que prevê apresentações em Floriano, Oeiras, Campo Maior, Parnaíba e Picos. Maceió, Rio e São Paulo também estão na rota do grupo que, na vida como na arte, refazem o caminho de Raimunda Pinto, sim senhor!

FICHA TÉCNICA:

Elenco: Francisco Pellé
Francisco de Castro
Mariano Gomes
Moisés Chaves
Maneco Nascimento
Jorge Carlos
Marcel Julian
Dirceu Andrade

Autor: Francisco Pereira da Silva

Iluminação: Assai Campelo

Músicas e Efeitos: Edgar Lippo

Figurinos: Grupo Harém de Teatro

Músicos: Edgar Lippo

Donizzete Bugija

Pizeca

Participações Especiais: Rubens Lima

Airton Martins

Direção: Arimatan Martins

Guaramiranga é uma cidade serrana do Ceará. Clima ameno, alamedas floridas. Lá, o Teatro Raquel de Queiroz, em desuso quase permanente, foi palco do I Festival Nordestino de Teatro que leva o nome da cidade. O Festival contou com a participação de espetáculos da Paraíba, Ceará e Alagoas. Mas o Piauí, através do Grupo Harém de Teatro, foi o grande vencedor.

Francisco Pellé, que incorpora a Raimunda na peça, conquistou o prêmio de melhor ator do Festival. A direção criteriosa de Arimatan Martins transformou 'Raimunda...' numa espécie de unanimidade que arrebatou os prêmios de melhor direção e melhor espetáculo. Não parou aí: melhor música e prêmio especial do júri popular também vieram para o Piauí.

A ida do grupo foi facilitada pelo apoio da Fundação Cultural do Estado e Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

Mamulengos longilíneos

Conta a lenda, que se confunde com a realidade, que uma guerreira expandia seus territórios na antiga Grécia. Seu exército sob seu comando implacável, era imbatível. O confronto era tempo perdido. Seus inimigos, dizimados sem piedade.

Mas havia um foco de resistência que precisava ser abolido. Era para lá que ela se encaminhava.

A pequena cidade grega era conhecida pela intensa atividade plástica de seus artistas e artesãos. Muros foram construídos ao seu redor para dificultar o acesso do exército que se aproximava. Até que uma idéia cândida surgiu. Não de um general de brigada, comandante de infantaria ou título correspondente, mas de um artista: confeccionar bonecos antropomórficos gigantes que fossem vistos a quilômetros de distância como guardiões dos portões da cidade. Sem demora foram mobilizados todos os artesãos e, em pouco tempo, imensos bonecos competiam com as fortificações em tamanho e higidez.

O exército guerreiro já podia avistar a cidade em mira de conquista. Retornaram estupefatos. Um exército de anões seria esmagado ao se confrontar com os gigantes, filhos dos deuses, que protegiam sua morada.

Essa a anotação mais antiga que marca a gênese dos bonecos de grandes proporções. A Grécia politeísta, berço da civilização ocidental, surge como a mãe desses mamulengos que ao longo da história foram incorporados às mais diversas culturas e adaptados às condições locais e aos materiais disponíveis na natureza.

Aqui Afonso Miguel, Wellington Sampaio, já percorreram a cidade com seus bonecos, mas a introdução de bonecos gigantes no carnaval de Teresina, a exemplo de Olinda, foi idéia de Kleyton Marinho.

Conhecido pelas oficinas que costuma oferecer dentro da confecção de mamulengos, Kleyton associou-se ao também artista Fernando Machado e, juntos, deram vida a bonecos gigantes que animaram as festas momescas.

A incorporação dessa arte popular devolveu um selo criativo ao carnaval de Teresina que há muito se ressentia de imaginação ao tentar imitar os carnavais suntuosos de outras capitais.



Carlos Leal - professor, licenciado em Letras pela UFPI.

É difícil não se dar um suspiro, procurar instigações e demarcar retratos de angústia ao se deparar diante da poesia carregada de pessimismo de Álvaro de Campos. Seu mundo é um constante meditar despersonalizado, sem preocupações com a metafísica para não perturbar o dado técnico-científico. É um louco e não há para ele maior dádiva: **"Graças a Deus que estou louco"**. O seu "eu" constrói um mundo próprio de comportamento marcado pelo conflito, pelas inquietações e aniquilamentos. Parece-nos a própria figura do anti-Cristo, Nietzscheano: rebelde, odioso, macerado e torpe.

Na construção do seu universo niilista a problemática do homem contemporâneo é questionada, dando vez ainda para os seus constantes temas: morte, solidão, cansaço, tédio e desejo.

A morte é algo que muito lhe persegue. Tem caráter evasivo, denotando sinônimos de liberdade, fuga do mundo tedioso. Pode trazer a verdadeira imagem do que somos, numa espécie de **cartarse**.

"Talvez, matando-se o conheças finalmente..."

"Talvez, acabando, começas"

A vida e o mundo interior não permitem muitas vezes, que **conheçamos** a nós mesmos. "A única conclusão é morrer". Fugir do peso que é a vida "Raios partam a vida e quem lá ande." A morte é uma "Substância natural de todas as noites". Vida nova, numa outra esfera, existirá com a vinda da morte. Esse novo começar de vida dá-se em todos os níveis. Tudo pode morrer e renascer. "Tabacaria" - seu melhor retrato-fortalece bem essa concepção de morte:

"Ele morrerá e eu morrerei"

Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também;

Depois de certa altura morrerá a lua onde estive a tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos."

Tudo passará por um processo enfadonho, que refletirá a presença tediosa do ser. Tudo será **"Sempre uma coisa tão inútil como a outra"**. Mas não existe nada melhor que **"Morrer triturado por um motor"**, é como se fosse **"O sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída"**.

O conflito do ser em busca do nada deseja liberdade, que pode ser traduzida na constante inquietação do fugir. Álvaro de Campos, a partir do instante em que adormece em seus navios mergulhando nas coisas do passado ou

"gosto do Pessoa na pessoa"
Caetano Veloso

nos questionamentos cotidianos, deseja se libertar. "Ode triunfal", numa avalanche brusca e violenta, canta a máquina e xinga a podridão da moral humana ao mesmo tempo. A própria ação da rapidez moderna expressa liberdade, na medida em que os versos são eletrizantes, imaginísticos e onomatopéicos. Liberdade é **"Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isso"**. A morte, o mar - tão constante em sua poesia - representam a liberdade.

Até agora temos visto a questão da morte e da liberdade expressadas nos mais diversos níveis. Na verdade estas questões relacionam-se a uma cadeia de fatos e elementos lógicos: angústia, loucura, tédio - existencialismo. É uma cadeia construída em toda a obra de Campos. Elementos perturbadores fazem parte do seu cotidiano banalizado: a construção do nada. O ser divaga, estacela-se, identifica-se pessimista:

"Não: não quero nada"

Já disse que não quero nada".

Não aceita conceitos. Quer fugir odiosamente do "Pensar".

"Não me tragam estéticas.

Não me falem em moral.

Tirem-me daqui a metafísica.

Pois "Nada me prende a nada", numa conclusão absolutamente niilista. Chega aos extremos quando nega as perspectivas de vida, do tempo, anulando sua identidade.

"Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada".

Não há mais nada para se preocupar, **"É inútil tudo, é inútil tudo, é inútil tudo"**. Não existem anseios, apenas aniquilações.

"O niilismo de Pessoa é o do seu tempo". (PERRONE-MOISÉS, 1982:58). Reflete as inquietações do homem europeu contemporâneo, a degradação dos falsos valores e prazeres desmedidos.

Assim, a vida mundana é abominável. Torna-se cada vez mais degradante e depressiva. "E no rastro dessa angústia existencial que o poeta (re)visita, um mito particularmente seu (...) - o mito da infância." A infância aqui caracteriza-se por ser um corpo de pureza, um ato de purgação à mediocridade.

"Ode marítima" parece abençoar esse mito perfeitamente. Nas evasões o poeta lembra o passado e a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim. "Lembra Lisboa, o tejo, a casa, as brincadeiras, as virtudes e tudo se foi: "Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto..." Infância é como algo suave, é como as manhãs. Liberdade também ela o é. Hoje tudo não passa de recordações de "Aquele felicidade que nunca mais tornarei a ter." Hoje há apenas avessos: uma vida adulta que cansa, trazendo rancor e tédio, sofrimento e dor.

"A fúria da pirataria, das chacinas, o apetite quase do paladar, do sangue da chacina inútil de mulheres e de crianças".

Infância é alegria; a vida adulta, uma caldeira massacrante.

"(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim, particular ou público, ou do vizinho.

Sei muito bem que brincamos (ora) o dono dela e que a tristeza é de hoje).

Em todo o seu universo nillista, a solidão passa também a ser um elemento cantado. Sentimento conseqüente da própria negação, a solidão constrói-se nos versos de Campos.

"Fazer falta? O sonhar fútil chamada gente.
Ninguém faz falta: não fazes falta a ninguém
Sem ti correrá tudo sem ti."

O homem está condenado a ser um solitário. Ele não tem sentido de ser estar, ninguém o terá como referências. A solidão traz amarguras e constrange por trazer coisas dolorosas.

"Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca

Como uma verdade de que não partilho".)

A solidão penetra-lhe e ele não sente remorsos em afirmar que prefere assim ser.

"Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço

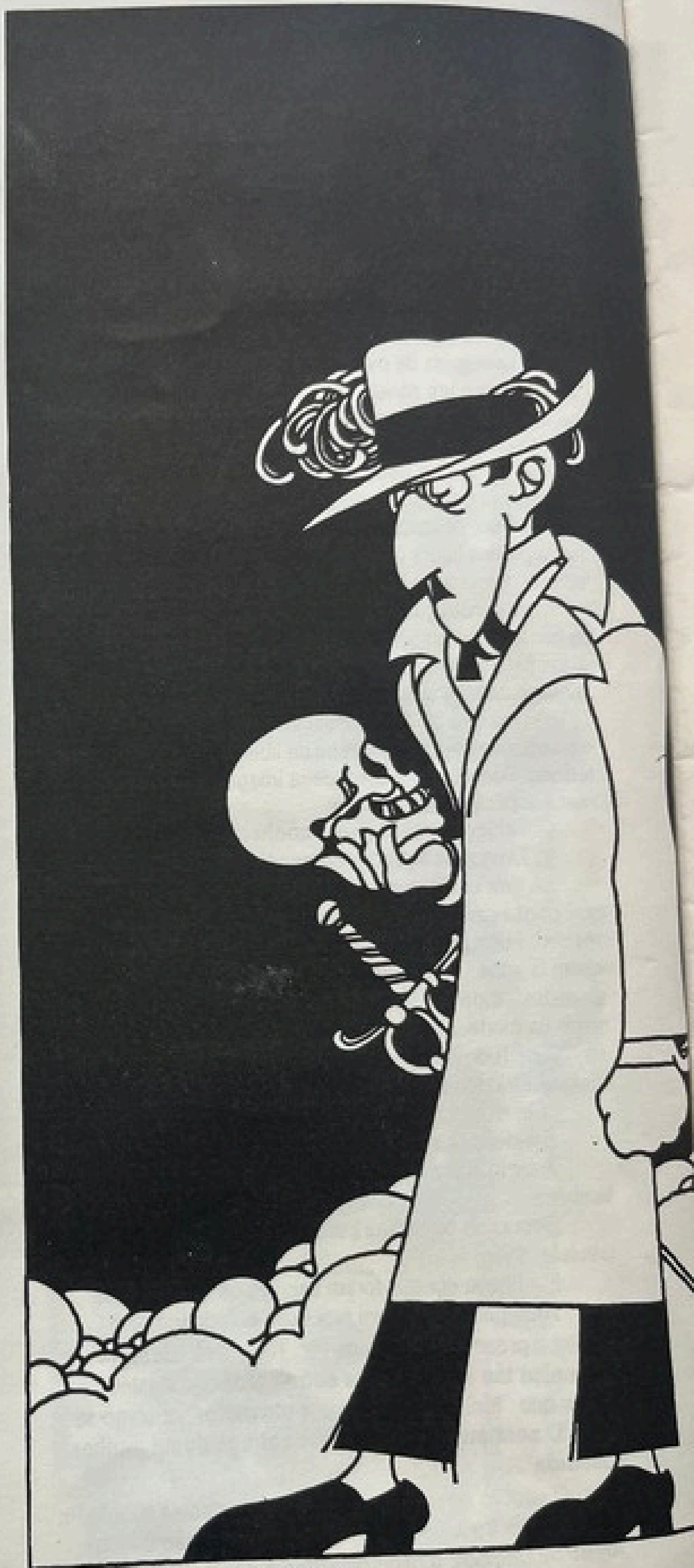
(Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!"

Solidão cura males: "conclusões", "ciências", civilização moderna," "metafísica", "moral". 3

Partindo para outro nível, a solidão quando provoca a busca de identidade torna-se um martírio ao ponto do indivíduo perceber-se estrangeiro no seu próprio mundo. Caetano Veloso, no seu "O estrangeiro" 4 parece refletir bem esta idéia. O homem torna-se estranho e solitário no seu mundo, "Estrangeiro aqui como em toda a parte" como nas "solidões marítimas". Tudo transforma-se num deserto: Não se contenta. É radical: implora que o deixem só.



FERNANDO PESSOA

"Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo..."

E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero
estar sozinho!"

Todos os elementos trabalhados por Campos são desorganizados no universo lógico. Há uma constante quebra de pensamento. Morte, solidão, infância - são temas colocados de forma cinematográfica, procurando vácuos, esvaindo-se em pedaços.

O ser é múltiplo e complexo, perdido numa realidade fragmentada. Esta estrutura fragmentada explica-se pelo fato do mundo ser distorcido pelo "departamentalismo", viver realidades gritantes e avessas. O poeta vê apenas conturbações na sociedade contemporânea. Esta mesma sociedade desfruta a invasão das máquinas do progresso enquanto mergulha na degradação e decadentismo clássico. Há dor, inquietações, velocidades. Há desequilíbrios. Partindo desses conceitos, podemos ver como Campos sente necessidade de fugir do seu universo físico numa loucura absolutamente extrema. Há, muitas vezes, um "eu" que deseja excluir-se dos acontecimentos mundanos. Não quer participar da problemática, não quer ser cúmplice da degradação.

"Não me apregoem sistemas completos, não
me enfileire conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das
(ciências!)-

Das ciências, das artes, da civilização moderna!"

Este mundo não nos dá a certeza de nada. É preciso excluir-se dele e procurar outros.

"Pode ser que para outro mundo possa levar o
que sonhei." Vimos, então, como O "EU" comporta-se diante do mundo: abomina-o, nega-o.

Quando este mesmo "EU" coloca-se ao ridículo, desenhando um narcisismo completamente despersonalizado, no "Poema em linha reta", nada mais é c desejo louco de ser diferente. É querer sair do mundo que finge em nome de um certo Ideal.

"Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência
pra tomar banho

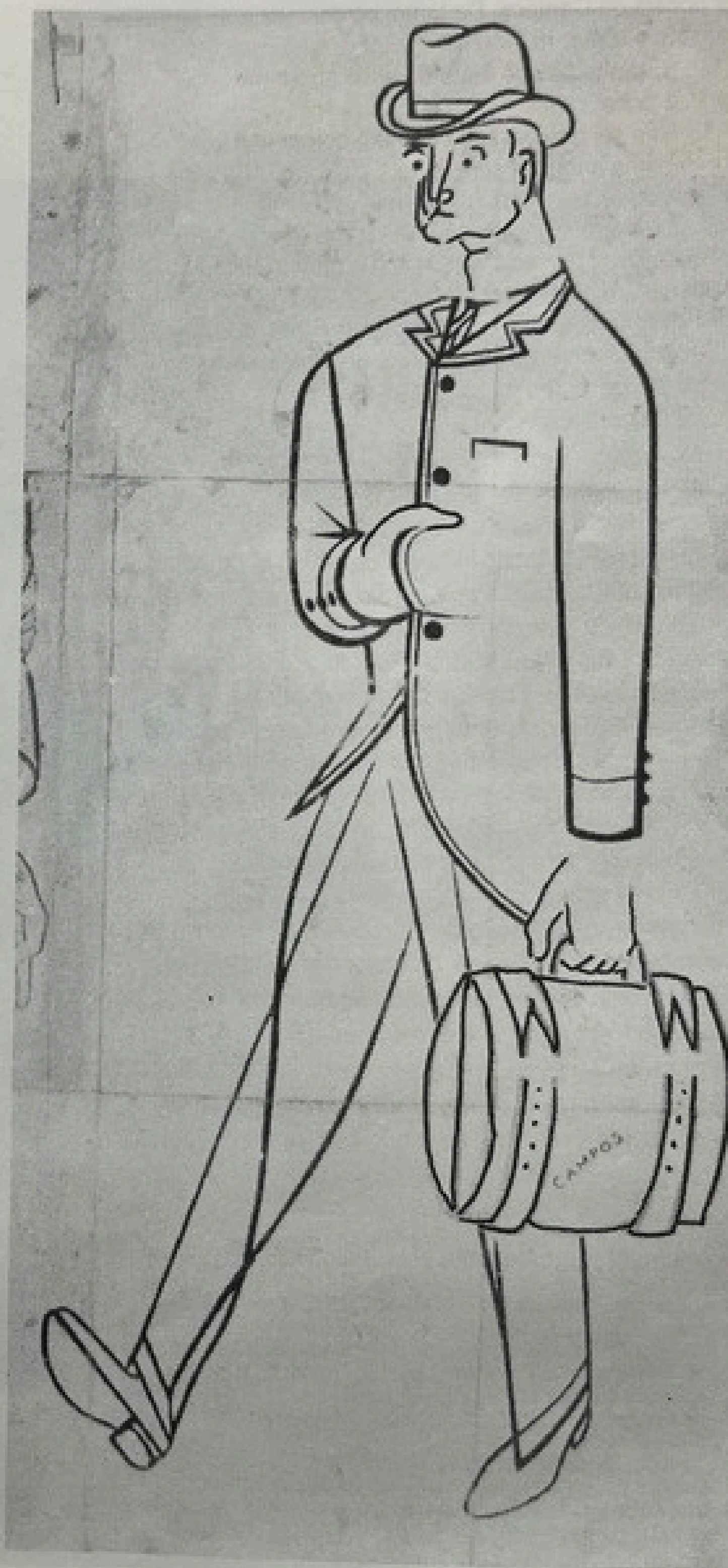
Eu, que tenho sido cômico com as criadas do
hotel,

Eu verifico que não tenho par nisto tudo
neste mundo."

Muito interessante, ainda, é a força da fé e do agradecimento pelo mundo moderno e suas máquinas. Campos consegue construir o seu magnificat tão bem quanto o da Bíblia. Magnificat é um cântico que louva fé e gratidão. É um tributo de adoração. Maria agradece a Deus por ter sido escolhida para guiar o seu rebanho. Campos agradece, no entanto, às máquinas, à modernidade, por dar-lhe conforto, rapidez e liberdade. "Ode triunfal" é um verdadeiro cântico de louvor:

"E arde-me a cabeça devo querer cantar
em excesso

De expressão de todas as minhas sensações
Com excesso contemporâneo de vós, ó
máquina!"



Todas as "Coisas modernas" são a "Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus."

O seu louvor chega a ser extremamente masoquista como em "Ode marítima":

"Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!

Humilhai-me e batei-me!

Fazei de mim o vosso escravo e vossa causa."

Por outro lado, parece até meio absurdo louvar modernidades, submetendo-se a especulações masoquistas e sádicas. É que na verdade isto reflete um pouco a convivência do cansaço, tédio e desejo simultâneo na poesia de Campos. De tanto, os desejos e as fantasias cansam e torturam:

"É um tédio que é até do tédio arroja-me a praia

Não sei que destino ou futuro compete a minha angústia sem leme.

Não sei que ilhas do sul impossível aguardam-me naufrágio

Aproveitar a vida e as horas é uma questão maleável: os desejos explicam, mesmo que o cansaço atormente-os:

"É o cansaço de tudo em nós que nos corrompe para uma sensação exata e precisa e ativa da vida!

Cada rua é um canal de uma veneza de tédios"

Pois, adiante, "as horas cor de silêncio e angústia" o cansaço chega e faz nascer o pessimismo.

O louvor niilista deste poeta moderno e futurista consegue estabelecer a ideia perturbadora de um mundo fragmentado, no qual dor, angústia e inquietações perambulam. Não há logicidade estrutural, existem o caos e a negação a tudo. Trata-se da poesia anti-humanística de Álvaro de Campos, poeta plenamente consciente do descentramento do homem numa sociedade que elegem o objeto como centro de sua ordem de valores." (QUESADO, 1976: 110,111). É uma expressão de "angústia existencial" que processa sempre através de um subjetivismo extremamente especial.

O Universo de Álvaro de Campos vive em crise, o "EU" vive também em crise e as razões são claras: as máquinas, a velocidade, a degradação humana, os valores burgueses, o tédio, o cansaço, a sociedade contemporânea e decadente. A solução é louvar a morte como fuga e libertação, cantar a solidão, expressando posições niilistas a respeito de tudo: vida, homem, mundo.

BIBLIOGRAFIA

1. PERRONE, MOISES Leyla. Fernando Pessoa alguém do eu, do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1982
2. PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos e outros poemas. (Selec. int. Massaud Moises) São Paulo, Circulo do Livro, 1989.
3. QUESADO, José Clecio Basilio. O constelado Fernando Pessoa. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
4. MOISES, Massaud. Introdução. IN: OP. CIT., p. 23
5. Esses elementos foram retirados do poema Lisbon revisited (1923) IN: Fernando Pessoa, op. cit., p. 178.
6. Veloso, Caetano. Estrangeiro. LP Polygram PHILIPS nº 8382971, 1989 L.A. 1.1
7. O texto bíblico, intitulado "O cântico de Maria" (ou magnificat) está em LCI, 46-55. É um cântico de gratidão cantado por Maria logo ao saber que fora escolhida pelo Senhor para ser a mãe do povo de Deus.



"Álvaro de Campos em pessoa: o monólogo do não ser".

Gestos bruscos. Fala compassada: aumenta e diminui, enquanto o tempo encerra-se numa rapidez tétrica e futurista. A fala-na verdade a própria "existência" humana - e o tempo debatem-se. No meio de tudo isto uma afirmação seca: "Eu sou eu". Esta afirmação que a princípio nos parece tão individualista, norteia toda a encenação de um espetáculo marcado pela descaracterização do ser, numa linguagem profundamente, tediosa e niilista. Como bem soube fazer Álvaro de Campos. É assim que Adalmir Miranda dirige e sustenta sua leitura de "Álvaro de Campos em pessoa", um monólogo instigante.

Quem foi ao teatro - mesmo não sabendo que o espetáculo prestigiava os 75 anos da Academia Piauiense de Letras - indiscutivelmente nem tivera tempo para questionar-se saber a que fins a poesia subjetivista e niilista de Campos pretendia chegar. Se assim o fez, a leitura de Adalmir conseguiu um efeito: discutir o nada, o não ser apresentando apenas a banalização, o homem diante a corrida tresloucada das máquinas, o desespero da partida em um cais, a negação a todos os valores existenciais, morais, éticos, metafísicos. Simplesmente o nada, já que "ninguém faz falta."

Adalmir encara Campos num ritmo alucinante, cercado pela predominância das cores negras, por uma música dramática e imperiosa. O ator parece dono de si mesmo: na fala, no silêncio, no jogo dolorido entre o ser e a velocidade dos efeitos especiais, que tornam o palco um ambiente comprimido, sem entradas nem saídas. É um niilismo que também ganha força no desenvolvimento das bailarinas, encenando movimentos de angústia e depressão. Digno de Álvaro de Campos.

A cada apresentação, este monólogo desenvolve nova leitura. Nesta última, por exemplo, houve novidades. Nada, no entanto, tirou o brilho, nem a inoportuna hora em que o ator ensaia uma canção destoante da peça. Avohé, mesmo assim!



WALT WHITMAN

Nesses momentos de ansiedade e devaneio

Quando estou nesses momentos de ansiedade
e devaneio

imagino que há outros homens em outras
terras, angustiados e pensativos

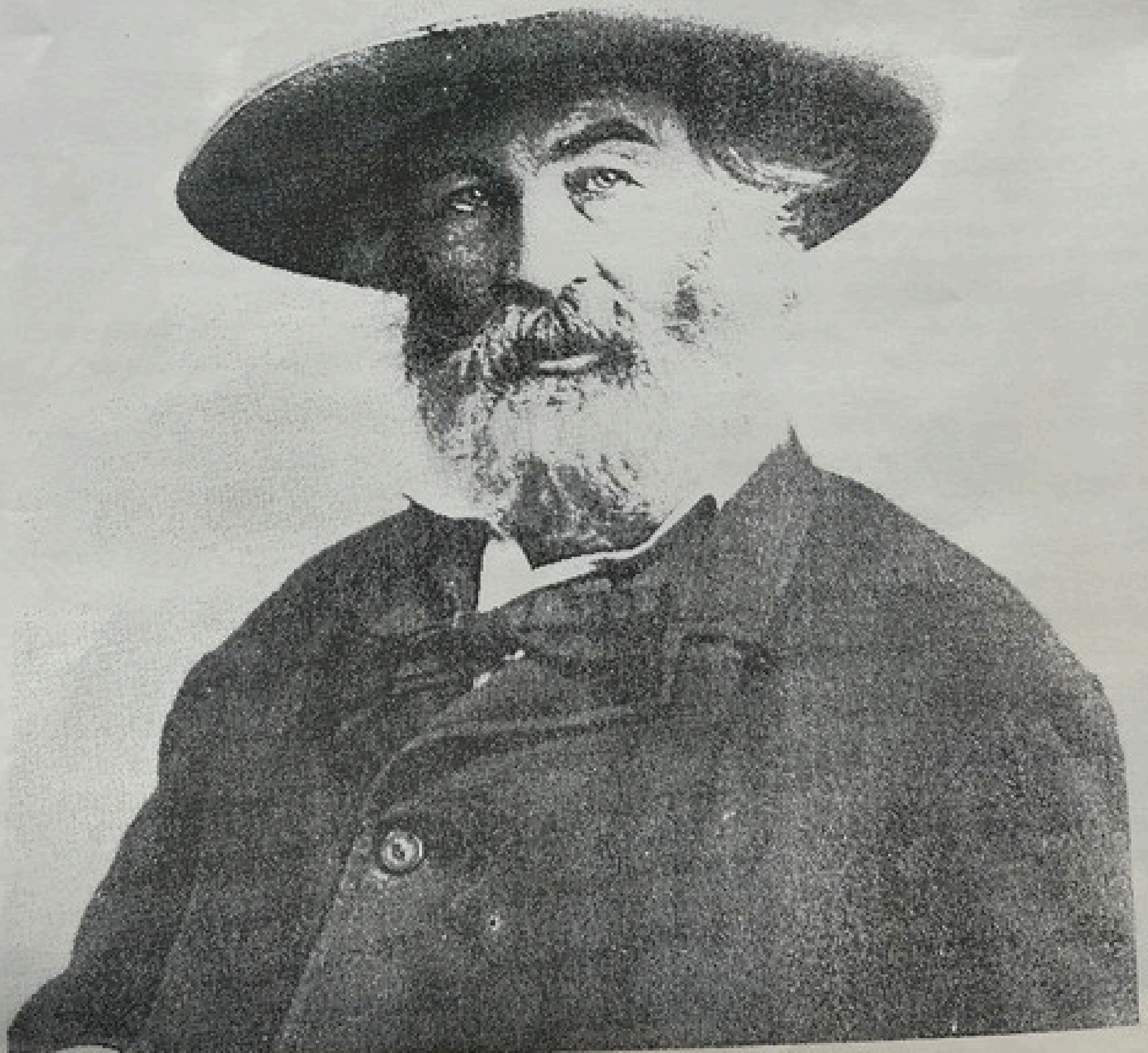
Sinto como se pudesse ver através deles, na
Alemanha, Itália, França, Espanha

Ou longe, bem longe, na China, Rússia ou
Japão, falando outros dialetos

E sei que poderia ligar-me a eles como aos
homens de minha terra,

Bem poderíamos ser irmãos e amantes,

E eu seria, decerto, feliz com eles.



walt whitman

Celebrado como o maior poeta moderno norte-americano, Walt Whitman nasceu num 31 de maio de 1819 em West Hills, Long Island, em Nova York e criou-se no bairro do Brooklyn. Sua escola foi a escola da vida, das ruas, dos cafés, da observação criteriosa e imaginativa da realidade, das pessoas, dos comportamentos, da cidade. Whitman trabalhou como tipógrafo, jornalista e outras profissões.

Em 1855 deu ao mundo sua obra primeira e prima, *Leaves of Grass*, que seguiu pelo resto de sua vida aperfeiçoando, aumentando, cortando alguns poemas, mudando seus títulos, extraindo cá e adicionando lá, editando enfim o mesmo livro até morrer, em 26 de março de 1892.

O livro imediatamente atraiu a atenção de Ralph Waldo Emerson - então a maior voz poética norte-americana - que o celebrou como uma das maiores jóias da literatura de seu país, o que chocou a sociedade literária, dados os temas do livro e o próprio *modus faciendi* - o canto ao amor livre, à "camaradagem", à mulher moderna em versos livres, não rimados, longos - não corriqueiros na literatura da época.

Toda a obra de WW é um grande discurso eloquente pela tolerância, compreensão, alegria e, sobretudo, "camaradagem", termo que ele reinventa para designar uma atitude de sabedoria e naturalidade e de amor descompromissado e descorrompido perante a vida. WW foi o primeiro poeta norte-americano a trazer para sua poesia temas-tabus como o amor entre dois homens, a mulher que nada, corre, trabalha, a prostituta e o escravo em toda sua humanidade.

Seu amor pela natureza coloca-o como o pai da consciência ecológica poética moderna nos EUA. O amor pela América como solo novo a ser descoberto e a gerar novos seres, liberados, democráticos, conscientes; continente atlântico, onde germinaria toda a sorte de indivíduos de sentimentos puros, naturais, transformando o ser humano num ser ético e estendendo essa ética descorrompida a todas as manifestações do espírito humano, das mais sensuais às mais altas.

WW foi o maior cantor do "eu" de que os Estados Unidos têm notícia. Em *"Leaves of Grass"* o "eu" ocupa lugar cêntrico, de onde emanam todas ilações. "Song of myself" o poema longo (mais de mil e quinhentos versos) que ocupa grande parte do livro é o canto *par excellence* do ser, do soul, do mim, do eu; espelho mimético a refletir todos os ângulos conscientes, inconscientes e subconscientes do ser. Um ser que se quer se-melhante aos outros e que os atrai, por isso, à sua descoberta interior.

O poeta é um arauto, ser-que-convida, à sua caminhada interior de auto-descoberta. É, ao mesmo tempo, o bardo que vaticina, adianta, prevê, anuncia uma nova verdade que será o *topos* de todos os seus conceitos mais caros, a grama onde florescerão todas essas idéias de liberdade, prazer, sapiência, sensualidade. Esse novo *ethos*, comprometido com o ser integral, belo, natural.

Uma mulher espera por mim. Ela contém tudo, nada lhe falta, mesmo que nada importasse se não houvesse o sexo, ou se o amálgama do homem certo lhe faltasse.

O Sexo contém tudo, corpos, almas, sentidos, provas, pureza, leveza, resultado e proclamação, canções, conselhos, saúde, confiança e o mistério materno, o leite seminal
esperança, bênção, todos os amores, paixões, belezas, prazeres terrenos
todos os governos, leis, deuses, homens iluminados,
a tudo isso contém o sexo, como partes e razões de si mesmo.

Sem pudor o homem que gosto reconhece
a delícia de seu sexo
também a mulher que gosto a si se reconhece.

Agora deixo que vão as mulheres impassíveis,
ficarei com a que me espera, com as que
são cálidas e me são suficientes
vejo que elas me entendem e não me negam
e isso me basta. Serei um marido forte para elas.

Elas em nada me são inferiores.
Têm as faces rosadas pelo calor dos sóis
e o roçar dos ventos
em seu corpo, elasticidade ancestral e força divina.
Elas sabem nadar, remar, cavalgar, lutar, atirar, correr
atacar, recuar, avançar, resistir, defender-se
são sua própria medida - calmas, claras,
seguras de si.

Eu te trago para perto, mulher,
não posso deixar-te partir - queria te fazer feliz
estou para ti e estás para mim, não só para o nosso bem,
mas para o dos outros
envoltos em teus sonhos, heróis e bardos
recusam-se a despertar ao toque de outro homem
que não eu.

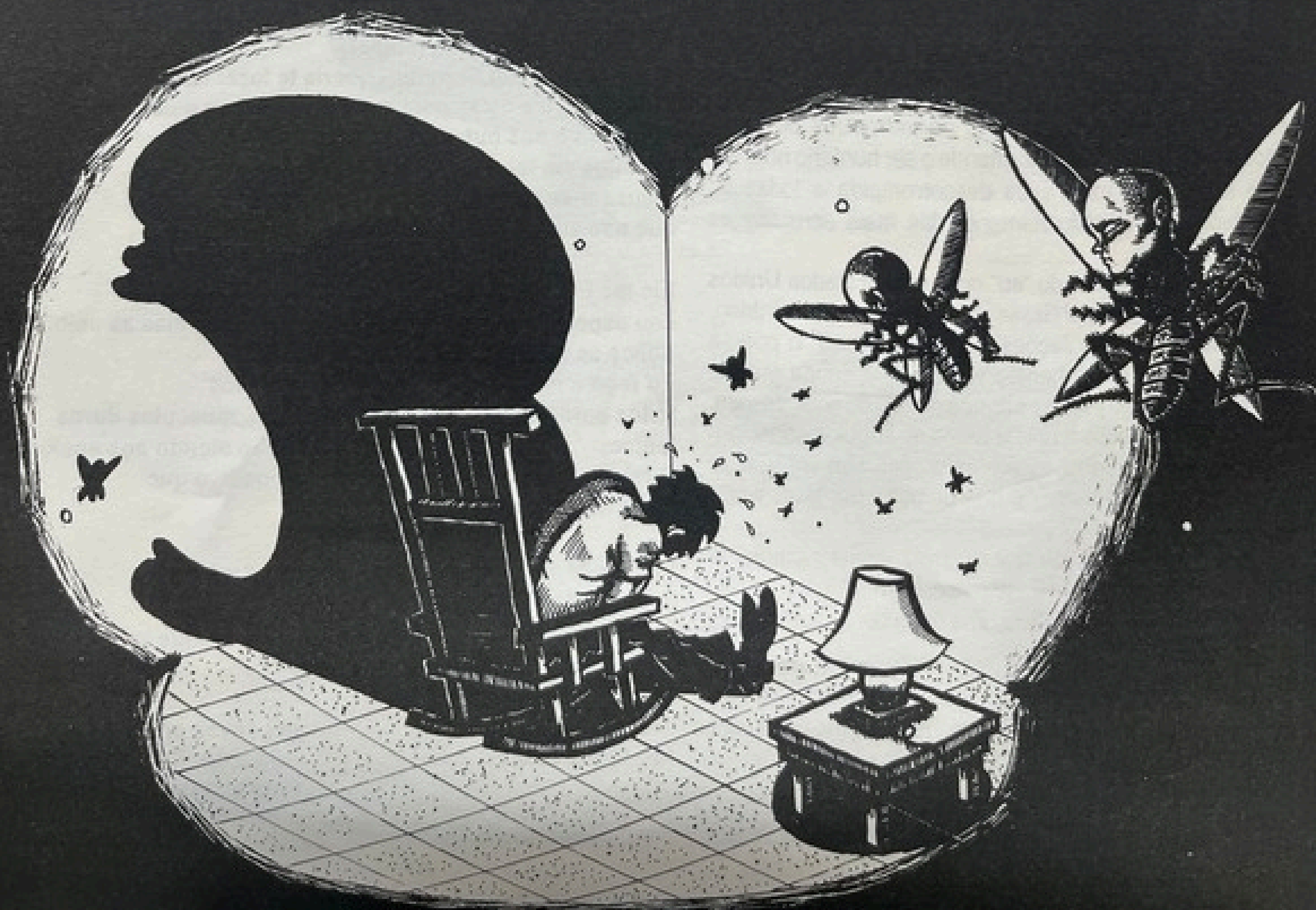
Eis-me Eu, traçando meu caminho
sou áspero, rude, impertinente, grandalhão, mas as amo,
nunca as firo mais do que precisam
Eu rego a matéria para a floração de filhos
feitos para esses * Estados. Com meus músculos duros
lentamente pressiono, enrijeço-me, não atendo aos apelos.
Que não partam antes que nelas deposite o que
tanto trago acumulado.

Para vocês correm meus rios represados
em vocês inscrevo mil anos-luz
em vocês enxerto mudas da América e do que
mais amo em mim. (...)

* Estados Unidos.

in *Leaves of Grass*
tradução: Ramsés Ramos
Praga, maio de 91.

UM ESTADO INTERESSANTE



Um vazio imenso e obscuro rasga a solidão da sala úmida. Nenhum ruído anormal se manifesta, somente grilos, ratos e um vento frio que teima com uma mecha do cabelo, fazendo-a roçar, de forma incômoda, a testa.

Rápidas lembranças desfilam pela mente. Um cheiro estranho estrangula as narinas. Não consigo entender a imobilidade corpórea, não abro os olhos, não imagino essa presença dormiente neste ambiente inquietante. Os braços caem pesadamente sobre os braços da velha cadeira de balanço, não lembro bem a posição das mãos, parecem contorcidas. As pernas e os pés parecem ganhar mais peso a cada momento que passa. As calças comprimem o ventre, a posição é inadequada, como quando alguém escorrega pela cadeira e não se dá conta. A cabeça inclinada para a frente faz o queixo comprimir a clavícula, o coração acelera e a respiração torna-se ofegante. Dores compassadas percorrem a barriga... A minha barriga! Como posso esquecer! carrego um ser vivente no meu ventre. Com todo esforço, transfiro uma das mãos para o pé da barriga, não sinto a mão, mas percebo que a mobilidade habita em mim, pois dá socos e ponta-pés querendo sair, como se não suportasse mais esse marasmo mortal. Com forças de milhares cargas d'água arrasto a minha mão até o queixo e confiro a barba. Há tempos não a faço, talvez seja essa a causa: a displicência.

Como pode um homem ser tão negligente diante de um estado tão interessante? Talvez seja por isso que os homens não engravidam normalmente, ou melhor, nunca! Mas, e eu? Como pôde ter acontecido? Sempre soube que as mulheres é que nasceram para isso. Sempre desprezei tal coisa: dezenas de foras por causa de abortos (sei lá quantos!).

Aborto! Seria uma saída? Não! Não consigo. Com elas seria mais fácil, comigo é assustador! Grávido!... Na verdade já me acostumei com a idéia. E de repente surgiu o inesperado: O carinho! Um carinho sincero por algo que se move dentro de minhas visceras. É absurdamente estranho, mas é real. Nunca me passou pela mente que a responsabilidade de dar vida a um serzinho qualquer pesasse tanto.

Mas o que fazer? Todas as mulheres do mundo abandonaram-me. A última cansada dos meus caprichos machistas, dos infintos abortos, foi-se sem saber que me deixou na mão.

Agora estou aqui, só! Há meses trancado nesse apartamento, antes de minha mãe, que se foi para longe em busca de felicidade. Uma vez ou outra aparece para me deixar mantimentos.

Na verdade, o mundo não está preparado para isso, nem eu!

Mas nesse momento, por que parei? Por que a paralisia? Por que o domínio da consciência sobre a inconsciência? Por fim, um homem não merece isso!

Tenho que me mover virar-me, pois tenho toda a humanidade a enfrentar. Carrego todo o desafio nas costas, sou o último dos homens!

O cansaço já me tomou todos os espaços. Minha barriga parece inchar mais e mais, parece que engoli um boi inteiro e vivo!...

Estou de volta à sala, mosquitos trouxeram-me de volta e fazem vôos rasantes sobre minha cabeça. Ardem-me os

pulsos nas mãos dormentes e desce pela barriga nua, uma substância líquida. O cheiro chega mais perto e torna-se familiar. Sangue! Um fato de lembrança solta da memória e esclarece tudo: suicídio! Os pulsos cortados! Eu havia tentado o suicídio!

Surgem de repente, violentos sopetões na minha barriga, o fedelho quer sair a todo custo. As dores aumentam. Surgem pancadas vindas da porta. Ouço gritos:

Édipo! Édipo!

A porta se abre e uma imensa claridade invade minha alma. Apaguei.

Abro os olhos lentamente. Acordei. Um senhor simpático olha-me com apreensão. Dói todo o corpo. Não há mais sala, não há mais quarto, não há mais cadeira, não há mais barriga, somente sinto arder os pulsos. Realmente fora um pesadelo terrível.

O velho doutor aproxima-se:

Não se preocupe meu rapaz! Agora já está tudo bem! Já passou! É uma linda menina!

Apaguei novamente!

Adalmir Miranda.



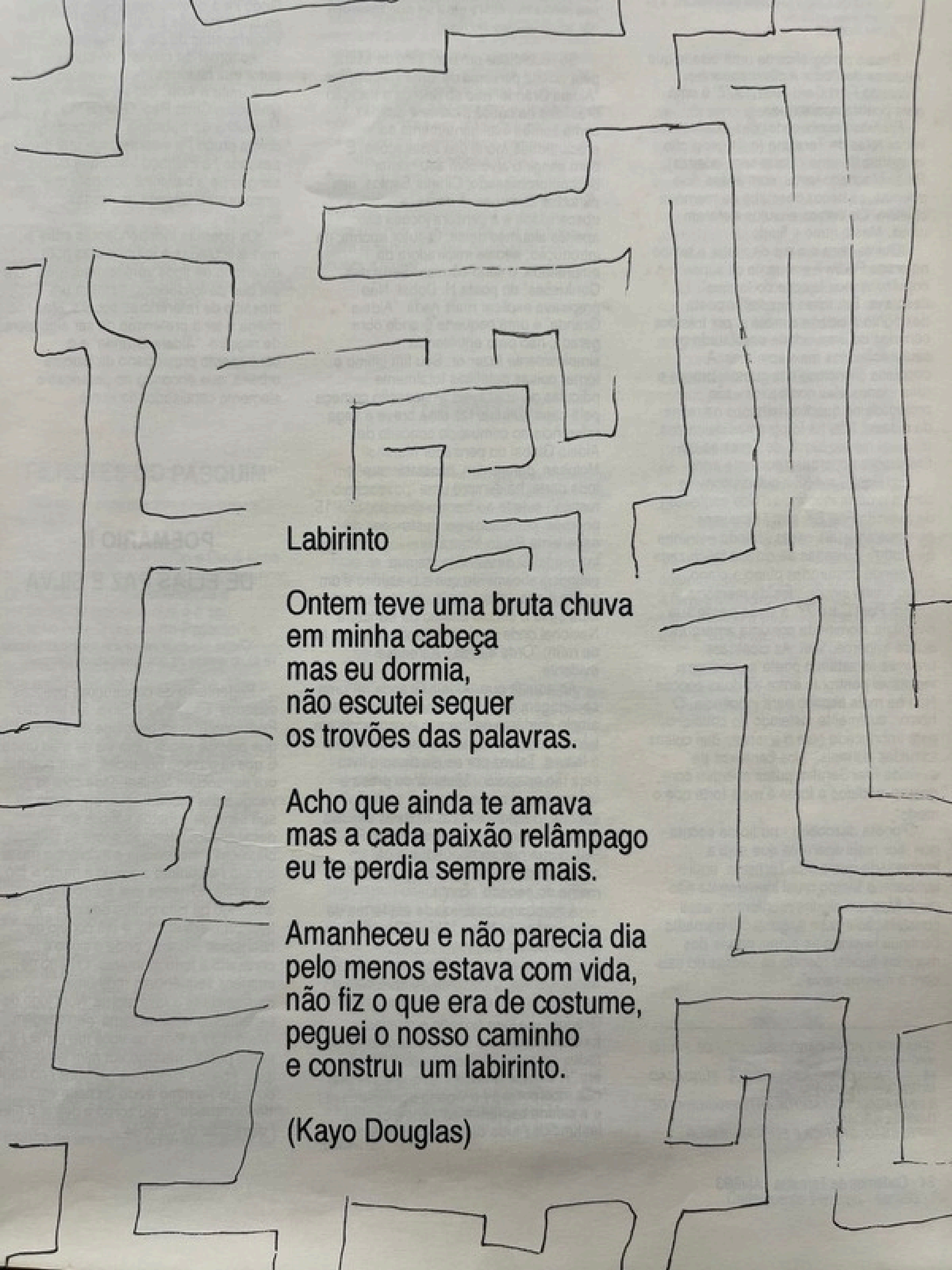


A Poda, os Poetas

Jul do

Jamerson Lemos

Confirmado: a Cidade mata
os seus Poetas. A cilada é
trazê-los, chilreando aber-
tamente de flores. Ata-
ca a Vila o Bardo. A mata
se lhes fecha o mel.
Risca o Poeta o seu papel -
A Cidade os ataca.
De loiro sol pinga ratazana
carnívora pólvora vatina
arca atroz ventos de Pandora!
Apunhalas, minha Cigana!
Morrer de punhal é nossa sina.
Mata-nos Cidade - Nossa Senhora!



Labirinto

Ontem teve uma bruta chuva
em minha cabeça
mas eu dormia,
não escutei sequer
os trovões das palavras.

Acho que ainda te amava
mas a cada paixão relâmpago
eu te perdia sempre mais.

Amanheceu e não parecia dia
pelo menos estava com vida,
não fiz o que era de costume,
peguei o nosso caminho
e construí um labirinto.

(Kayo Douglas)

LITERATURA LANÇAMENTOS "TERESINA - POST CARD 1957/1977

"No meu País onde os mortos caminhavam, e os vivos eram feitos de cartão".
(EZRA POUND)

Ensaio pictográfico de uma cidade que reluta se desnudar a olhos estranhos, "Teresina Post Card 1957/1977" é uma obra poética apaixonada.

Profundo conhecedor das indefectíveis linhas retas de Teresina (e da geografia imagética de uma cidade sem ladeiras), Paulo Machado lavou, com esses dois poemas, os becos obscuros da memória coletiva. Os versos enxutos evitaram rimas. Mas o ritmo é fluido.

"Quinta-feira era dia de matar o tempo na praça Pedro II enquanto os sapos copulavam nos lajedos do tanque", descreve. Em takes rápidos, o poeta desmonta a cidade e mostra, por trás dos cenários de uma cidade ensolarada os seus recônditos mais sombrios. A pesquisa silenciosa dos quetos, praças e ruas - todos eles nomeados - são projeções de quadros talhados na retina da cidade. Não há fotogramas delirantes, mas um retrato lúcido de Teresina em flashbacks separados por vinte anos.

Em Post Card 57 a cidade convive com a própria inocência. "Nos canteiros da avenida Frei Serafim / os cupins construíram suas casas / fiando estranha quietude". As cenas da cidade fetichizada vão sendo costuradas plano a plano, como flashes sincopados da memória.

Em Post Card 77, a visão perde sua nostalgia, dominada por uma amargura quase imperceptível. As cicatrizes urbanas arrastam o poeta a um duro e inevitável confronto entre as duas épocas. Não há mais espaço para inocência. O horror, sutilmente instalado no cotidiano, está imbricado com o absurdo das coisas tornadas normais. "Nos canteiros da avenida Frei Serafim/putas acenam com gestos medidos a fome é mais forte que o medo".

O poeta descobriu - no fio da escrita - que, por mais aparente que seja a imobilidade que cerca Teresina, aqui também, o tempo cruel literalmente não pára. Mas em alguns momentos, essa constatação é puro engano. "O pamaiba continua lavando as almas pagas dos merinos fujões/ roendo as pedras do cais com a mesma raiva".

TERESINA - POST CARD 1957/1977 - DE PAULO MACHADO. 1992

48 PÁGINAS. PUBLICADO PELA FUNDAÇÃO MONSENHOR CHAVES.

ILUSTRAÇÃO: TRATADO DE ARTE/PRANCHAS DE GABRIEL ARCANJO

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA JUNIOR

"ALDEIA GRANDE" - Cíneas Santos.

Ilustração: Paulo Moura.

"(Tudo aconteceu) direitinho deste jeito, sem tirar nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma história inventada e não é um caso acontecido, não senhor" (Guimarães Rosa)

Se reconhece um bom livro de sátira pela acidez perversa de suas insinuações. "Aldeia Grande" não só reforça a tradição brasileira na crítica picante e mordaz, como zomba inteligentemente da precariedade moral das instituições. E para atingir o alvo com seu humor descompromissado, Cíneas Santos, usa de todas as armas. A ironia, a obscenidade e a censura jocosa são apenas algumas delas. O autor aponta, na introdução, a fonte inspiradora da empreitada: o sério-cômico "Serra das Confusões" do poeta H. Dobal. Não precisava explicar mais nada. "Aldeia Grande" é uma pequena grande obra, gerada, não para entreter ou simplesmente fazer rir. Seu fim último é tornar coisas patéticas totalmente ridículas ou aceitáveis. A gozação começa pela capa. O título faz uma breve e vaga referência ao combatido conceito de Aldeia Global do pensador Marshall McLuhan, para enfim, constatar que, em toda parte, há sempre uma "povoação rústica", sujeita ao frenesi dionísio. São 15 poemas, pontuados por ilustrações do experiente Paulo Moura, que logo na capa faz piada. O desenhista insinua pictoriograficamente que o brasileiro é um pobre diabo exibicionista, ao usar como tapa-sexo o círculo interno da Bandeira Nacional onde se lê (num português prá lá de ruim) "Orde é orde". A ironia é evidente.

Ao admitir que "Aldeia Grande" é "uma sacanagem explícita", Cíneas oferece um amplo cardápio de dramas e comédias em trânsito entre a ficção e a realidade, para a leitura. Talvez por causa disso o livro seja tão episódico. Misturando prosa e versos livres, como manda a tradição satírica, o autor pinça as fissuras sexuais de uma cidadezinha do interior do Piauí. "Ali, o que não se enquadrava na categoria do crime não escapava da malha do pecado", conta.

A zombaria dissimulada em forma de reminiscências torna "Aldeia Grande" um manual sobre a subversão. As dissimulações, os conflitos, as emulações adolescentes, o convívio oblíquo com a prostituição e o desejo, tornam "Aldeia Grande" um livro gozado e revelador. Exemplo disso é o desmascaramento das redes de opressão social estabelecidas em "A Cidade Sitiada": "O que o prefeito não incorporava / o vigário açambarcava / e a cidade espremia-se / entre os dois latifúndios / tudo demarcado / tudo

proibido / tudo vigiado. / Só no ALTO DA FAVELA reinava a litoria: / a pinga de januária / a sanfona do Nanô / o surdo do Godô / e a democrática ração de sílis, / cortesia das três putas velhas / escoraçadas do cais de Remanso".

Ao tornar-se cronista do burlesco, o autor traz histórias impagáveis como "A Vida Imita a Arte" (No sábado de Aleluia / Chegou o Circo Real Grandeza / "A citava Maravilha da Babilônia" / um bode que comia prego / a vidente cega que previa o passado / o Palhaço tísico que cuspiu sangue / e a bailarina-acrobata que, por cinco pratas, engolia as nossas espadas").

Os poemas independentes entre si, mas articuladas e imbricadas num repertório de tipos verossímeis (mas com um quê de folclóricos) formam um mosaico de referências sociais. Mas não chega a ter a pretensão de ser algo além de registro. "Aldeia Grande" é o contraponto provinciano da loucura urbana, que encontra no paradoxo o elemento catalisador da ironia.

POEMÁRIO II - DE ELIAS PAZ E SILVA

"O olho não pode ver-se a si mesmo (...) O olho vê-se no avesso do olho" (Haroldo de Campos)

Engenheiro de construções poéticas ousadas, Elias Paz e Silva, fez em seu Poemário II, uma bricolage de estilos. Não que precise seguir uma via de mão única. E que já passou por todas. Seus poemas ora denunciavam familiaridade com as vanguardas modernistas, ora, como na sua série de sonetos sáficos em decassílabos, domínio sobre as técnicas clássicas: "me assalta a indolência neste agosto / e contrito a pálido e mudo e frio / me acalanto nesse mel sol oposto / ansiando da vida outros desafios". A trajetória, entretanto, é um cortejo de talentosos ensaios, onde o signo é cortejado a todo momento. O ritmo de imagens sequenciais rege uma musicalidade quase atonal. Num jogo de espelhos, o leitor se torna personagem: "Meio-dia / a fome de você me come / a mesa posta / mastigo em mim lembranças tuas: / beijos sussurros gemidos / no canto do prato / o ritmo ávido da noite em descompasso: / teu corpo a delirar o meu / digressão de carícias".

Poemário II não pretende instaurar o novo, mas alimentar um processo de referências contínuas, onde a cidade - e suas múltiplas histórias - é o eixo em torno do qual giram freneticamente todos os *déja-vus* do poeta. Por um lado, Elias Paz e Silva desmonta a composição poética empregando a sedução do ritmo em seus *Hai-Kais* impagáveis ("poeta / dobre a língua / senão a palavra mingua"); por outro, ele resgata, a cortes precisos, a percussividade da fala coloquial, em versos livres: "a laranja do sol o dia / ao meio / o poema / estuga a vista".

Poemário II é um inevitável estudo do olhar. As metáforas vibrantes, a morte que atravessa os dias ou a solidão do único passageiro do corpo, são fragmentos do testamento poético de um Voyeur que não pôde calar o impacto da vida.

"FILHOTES DO PASQUIM"

"Não sou eu quem falo, mas o meu disfarce"
(Maud Mannoni)

"No princípio era o verbo e Deus tinha o hábito de falar sozinho". Com esse mote genial, Dodó Macedo prenuncia a sucessão de gracejos que é o seu primeiro livro. "Filhotes do Pasquim" é, antes de tudo, um manual bem-humorado que não esconde suas fraquezas, nem sua predileção pelos trocadilhos. Mas o repertório de metáforas é surpreendente, ainda quando inseridos num curral de frases estanques. Nesse sentido, os trocadilhos buscam bem mais do que simplesmente testar a versatilidade do autor, mas inserir no óbvio, uma criatividade delirante: "antigamente falava-se muito em holocausto nuclear. Depois o boom passou". Em frases desse tipo, "Filhotes do Pasquim" constrói uma sátira histriônica sobre toda uma época. Os nervosos anos 80, são o pano de fundo de uma controvertida salada de referenciais. É impossível seguir o fio da meada, enquanto o enovelamento for parte da gozação.

O livro reúne os melhores motejos produzidos por Dodó Macedo, publicados no Pasquim de 1983 a 1991. O título revela uma homenagem justa pelo tablóide que fez a cabeça de milhares de brasileiros e formou toda uma geração de desenhistas. Dodó Macedo não dissimula seu saudosismo, afinal, ele foi testemunha de um tempo onde era melhor ter

uma piada velada no Pasquim do que censurada na boca. Se o tempo agora é de escracho, o piadista não reverbera novos gracejos. Prefere dizer que a modernidade é comer o pão que o diabo amassou e assou num forno de microondas. A mofa pelos binômios simplificadores da sociedade é a sua tônica preferida. Mas não recrimina os pastiches cômicos. Piada por piada, os políticos ainda são os melhores no ramo.

Nas suas 64 páginas, o livro não nega fogo num tiroteio antigo. É que para esse bancário sério, que nunca escondeu sua vontade de provocar risos, a história humana não se cansa de dar motivos para que humoristas de plantão continuem a existir.

"DA PAIXÃO"

A paixão não faz perguntas. Instala-se desordeira e "caminha rumo à utopia." Na tentativa de penetrar nos desvãos e desvarios desse sentimento, Ramsés Ramos (para desvendar o enigma?) lança mão de seis idiomas em interrogações e afirmativas que reconstituem o universo poética atormentado e fugaz da paixão:

paixão ligeira
será essa a maneira?

Aqui, os tradutores-o próprio autor em espanhol-não são meros repetidores de imagens mas, através de um exercício de sensibilidade e lucidez, transformam-se em capturadores de essências. Esse reordenamento textual causa certa estranheza a quem percorre com desenvoltura as traduções que, sem trair o texto, recriam-no.

As faces caleidoscópicas da paixão se sucedem página a página. Mas a linguagem desregrada desse sentimento humano que se apodera vorazmente do coração do homem, não o resgata de sua solidão cósmica, extracorpórea. É, antes, um prenúncio momentâneo de reencontro, religamento a algo que parecia perdido definitivamente.

paixão
movimento vão?

As construções frasais em "Da paixão" são precisas, de curta definição. Mas a paixão nunca foi mesmo de muitas palavras.

EDIÇÕES NÃO SER

Ler o magazine Não ser incomoda. O discurso *nilista* adotado pela publicação é de uma sonoridade dispare que ricocheteia e põe a descoberto todos os nossos valores morais.

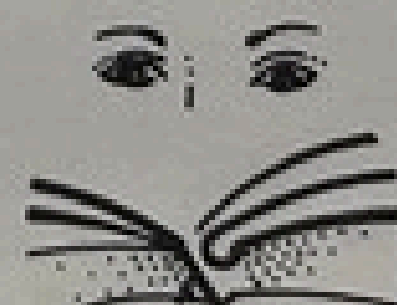
Com textos de Nietzsche, Bakunin, pessimistas e *nilistas* em geral, quem pôde ler (o primeiro número foi, por motivos óbvios-o vil metal-limitado em 500 unidades) não escapou ileso.

Não Ser bombardeia as nossas bem comportadas e gentis consciências.

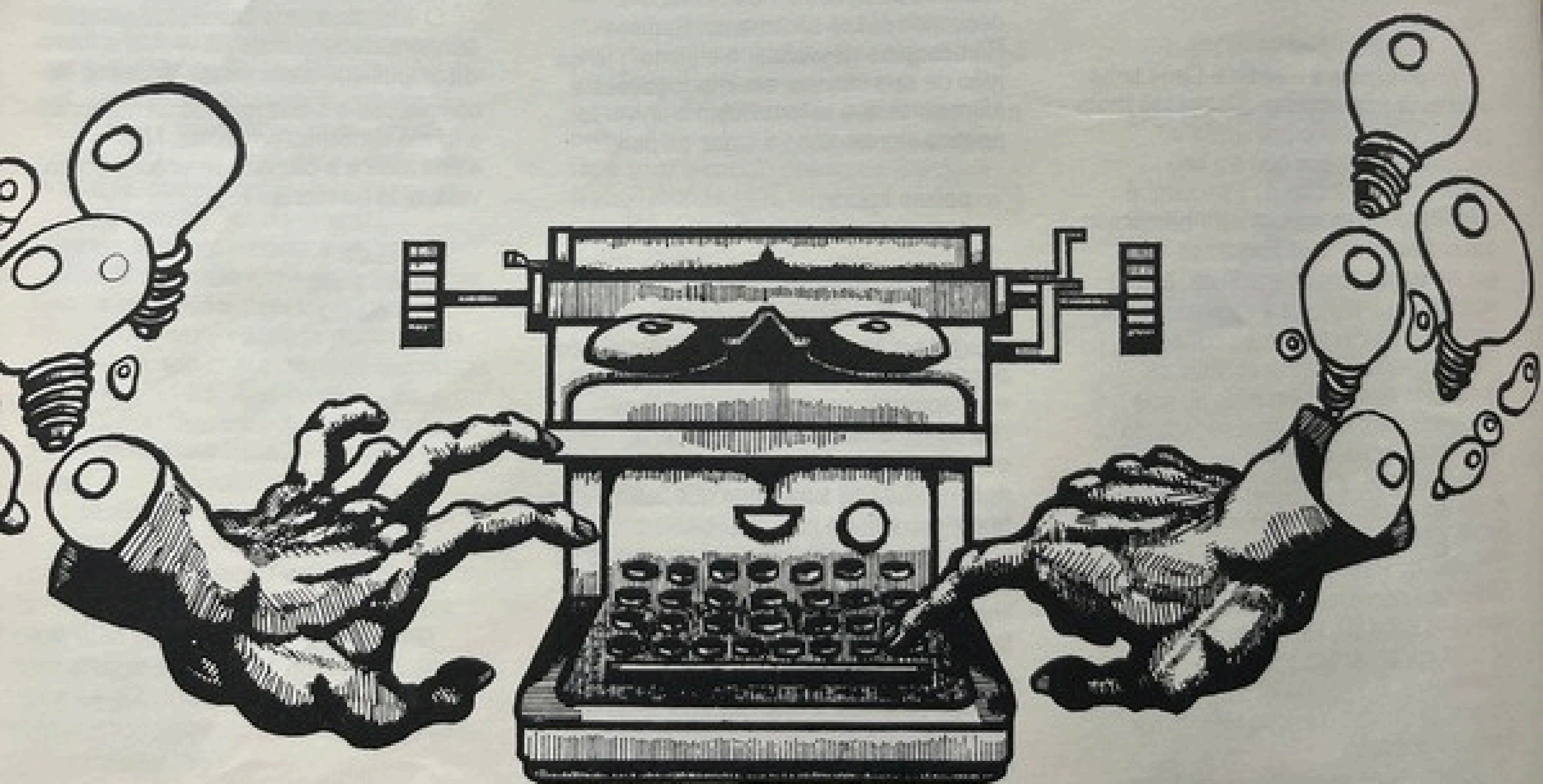
O significado da decadência, o conceito de liberdade, o poder corruptor e o tédio, esse "isolamento em nós". O magazine desvela e põe a nu o lado obscuro e pantanoso da existência e não se perde em banalidades. É a vida potencializada na dor infinita de ser para nada. A organização é de Marleide Lins que também idealizou o "little book" 8 para ela. São 8 *hai-kais* que se assentam no mesmo estilo *blasé* de Não Ser e anuncia: "A paixão é uma dose vital todavia letal".

O oito, algarismo cabalístico, remete à temporalidade quando na vertical a forma da ampulheta; à eternidade-sinônimo de completude-e à paz quando na horizontal a forma simbólica do infinito. Mas a eternidade e a paz não se encontram na vida, mas na morte:

Plenitude...
anseio a paz
mas ela jaz.



IMPrensa , E REPÚBLICA NO PIAUÍ



No Piauí, o ideal republicano, diferente do que comumente se imagina, teve seu espaço. Neste texto, tenta-se através da imprensa escrita detectar um aspecto deste movimento.

Desapaixonadamente, as figuras de David Moreira Caldas e Joaquim Nogueira Paranaguá são o centro do movimento republicano. Entretanto, no período de 1870 a 1889, surgiram várias publicações que nas entrelinhas demonstraram a existência de simpatizantes, se não da República, mas de aspectos do liberalismo que se opunha ao decadente sistema monárquico.

Os jornais "O Amigo do Povo" e "Oitenta e Nove" foram, declaradamente republicanos e circularam nas décadas de sessenta e setenta. Circulou primeiro "O Amigo do Povo"; é a melhor fase do jornalismo de David Caldas, o editor proprietário. Criado em 1868 com feição liberal, só em 1872 circularia como simpatizante do ideal republicano. No artigo programa declarava não ser inimigo do Império nem de suas instituições; mas o que ficou marcado ao longo da publicação foram os constantes ataques às estruturas monárquicas e seus delegados. Publicou sobre acontecimentos internacionais; transcreveu matérias dos grandes jornais do país, especialmente as que defendiam o ideal republicano.

Em sua "História da Imprensa no Piauí", Celso Pinheiro Filho faz uma análise dos artigos publicados pelo "O Amigo do Povo" relativo a política provincial ... "comentava os fatos do dia como se tivessem acontecido na China ou na Turquia, tratando os personagens por xaxás ou mandarins, utilizando conhecida figura de 'etórica'. Esse recurso utilizado pelo editor dificulta uma análise completa e satisfatória do jornal. A folha impressa tinha, ainda, uma coluna denominada "Sintética" com máximas que sugeriam reflexão política, destacamos: "O estellionato merece execração, tratando-se de um crime civil; quanto mais tratando-se de um crime político! No primeiro caso; o estellionato prejudica apenas uma família; no segundo, porém rouba direitos a uma nação inteira" e "O governo torna-se um centauro, quando o povo se deixa cavalgar".

Em 1873, o jornal "O Amigo do Povo" deu lugar ao "Oitenta e Nove". A folha teve vida efêmera e foi marcada pelo lado místico introspectivo de David Caldas; neste jornal, ele anunciou a proclamação da República para 1889 e lançou os fundamentos de uma nova ciência, a Conscienciologia. Comparando com "O Amigo do Povo" a linguagem jornalística nesta folha é peculiar ao meio provincial; os artigos são quase todos a pedido e de responsabilidade de seus autores. Conservava as transcrições de notícias dos jornais do Sul; a coluna noticiosa toma quase todo o jornal e os anúncios são em maior quantidade.

Com a morte do sr. Caldas termina a primeira fase do jornalismo liberal que trouxe para o Piauí a idéia

republicana. A segunda fase compreende os anos oitenta. Nesta não havia jornais nem jornalistas confessadamente republicanos, entretanto é inegável o esforço jornalístico no sentido de acompanhar a movimentação liberal nacional. O discurso liberalizante aparece através da análise do desenvolvimento do pensamento científico; da propaganda abolicionista e dos escritos anticlericais. Não se encontra uma defesa ideológica da República. Mas esses temas não apaixonam o público provincial que lê jornal. É o jornalismo de combate com sua linguagem rancorosa que desdenha do opositor o preferido dos leitores. Nos jornais da época ficou registrado ódio e paixão partidária; erros e acertos; xingamentos; denúncias dos embustes em que se envolveram os políticos provinciais.

O jornalismo de combate marcou a história do jornalismo no segundo reinado; os dois partidos da época, Liberal e Conservador, mantinham órgão de divulgação de seus interesses.

Teresina foi o centro da atividade jornalística no Piauí provincial. Entre 1870/1889 publicaria setenta e sete títulos entre jornais, revistas e almanaques, enquanto Parnaíba publicou dois periódicos; Amarante e Oeiras três; Campo Maior um e os demais municípios nenhum, segundo dados de Celso Pinheiro Filho. É necessário colocar que estas publicações tiveram vida efêmera, desapareceram logo após os primeiros números. Do período, encontramos na hemeroteca do Arquivo Público do Piauí, alguns títulos publicados em Teresina: O Telefone, Abolicionista, A Reforma, A Falange, Revista Mensal de Literatura, Ciências e Artes, A Imprensa e A Época.

É possível que os dois últimos fossem os mais lidos. "A Imprensa" era órgão do Partido Liberal; entre seus redatores-Deolindo Mendes da Silva Moura, David M. Caldas, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, entre outros. "A Época" é o jornal do Partido Conservador; entre os redatores do semanário destacam-se Teodoro A. Pacheco, Raimundo de Area Leão e Simplicio Coelho de Resende. Não havia diferença entre o trabalho jornalístico dos conservadores e liberais, embora entre os últimos estivesse a nata da inteligentzia piauiense no século XIX. As matérias dominantes são de defesa e ataque aos políticos; era comum as incursões à vida privada dos adversários.

O jornal "O Telefone" começou a circular em 1883, era semanário e pertencia a Antônio Joaquim Diniz. Apesar da feição liberal e abolicionista, adotava postura moderada em relação ao republicanismo. Na oficina desse jornal foi impresso o "Abolicionista", o único jornal piauiense fundado com objetivo de combater a escravidão; nos números que foi possível consultar não há referências ao ideal republicano. Fato estranho, pois no final do século XIX ambas as idéias, abolicionista e republicana, representam manifestações do pensamento liberal. Não há referências a respeito de diretores e redatores do jornal. No mesmo ano que circulou o "Abolicionista", 1884, circulou "O Reator".

Jornal anticlerical; o anticlericalismo, como o abolicionismo foram manifestações do liberalismo da época. Não encontramos nenhum número do jornal; sabe-se que era órgão maçônico e teve entre seus redatores Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Miguel Rosa, Abdias Neves e Domingos Monteiro. Teve apenas oito edições entre 1884 a 1902.

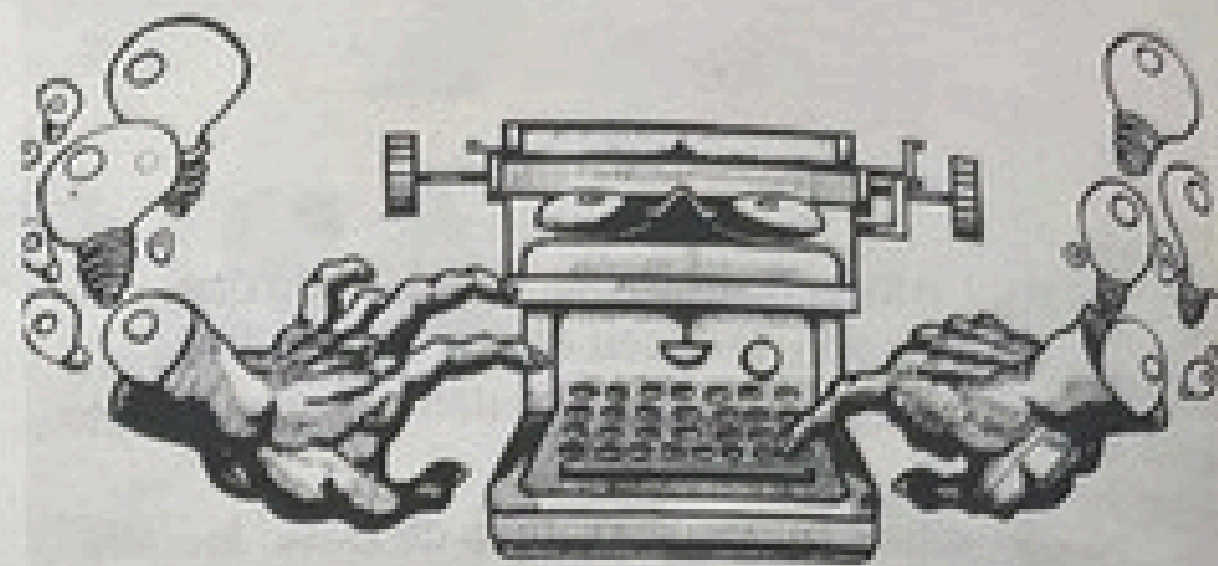
No ano de 1887 circulou o primeiro número do jornal "A Reforma". Entre a primeira e a décima quinta publicação circulou como propriedade de Mariano Gil Castelo Branco e redação dos bacharéis Clodoaldo Freitas e Antonio Sousa Rubim, ambos do Partido Liberal. Declarava ser um periódico político, literário e noticioso. A tendência abolicionista e republicana dessa folha mereceu censuras da direção do Partido Liberal, o que fez com que a partir do décimo sexto número o jornal circulasse como órgão especial do comércio; anunciava ser neutro entre os partidos e ser propriedade de Antônio S. Rubim. Já não aparece o nome dos srs. Castelo Branco e Freitas, expressivas figuras do "meio liberal" piauiense. Apesar da reprimenda o jornal não deixou de divulgar as idéias pelas quais tinha simpatia. Como os outros jornais, publicou transcrições dos jornais do Sul do País, noticiou sobre a política provincial e outros assuntos.

O fato denuncia muito bem o caráter conservador característico dos liberais piauienses que se tornaram republicanos no dia seguinte a proclamação da República. O poder de reprimir o que representava avanço político, por parte do Partido Liberal - no Piauí, era lugar comum; não se protegeram contra qualquer idéia antimonarquista como cooptaram aqueles capazes de se oporem ao regime. A publicação de "A Reforma" representa um monumento ímpar da história dos liberais piauienses onde uma cisão partidária poderia ter dado ao movimento republicano uma feição diferente, que não fosse resultado da ação de David Caldas e J. Nogueira Paranaguá.

É, também, de 1887 a Revista Mensal de Literatura, Ciências e Artes redigida por Leônidas Benício de Mariz e Sá e Nascimento Filho. Entre as publicações do período é a mais sintonizada com os ideais liberais de abolição e república. Enquadra-se muito bem no movimento literário, artístico e científico nacional que marcou o final do século passado e foi indicador de mudanças sócio-políticas.

Na revista há artigos assinados por Nascimento Filho, Leônidas e Sá, Clodoaldo Freitas e Higino Cunha.

Entre os artigos publicados destacamos um trecho de um poema de Nascimento Filho, uma saudação ao republicanismo: "Agita-se o paiz! O trono oscila fraco./ E o povo espesinhado só quer revolução./ A casa de Bragança abala-se na base/Ao sopro impetuoso de enorme furação! (...) E assim não tardará que role pelo pó/ um trono carcomido de vício e corrupção./ E venha outro systema mais nobre de governo/Erguer-nos da baixesa da torpe servidão." Nascimento Filho e Leônidas e Sá são as principais figuras da revista; para eles, a revolução que derrubaria as estruturas da sociedade monárquica seria

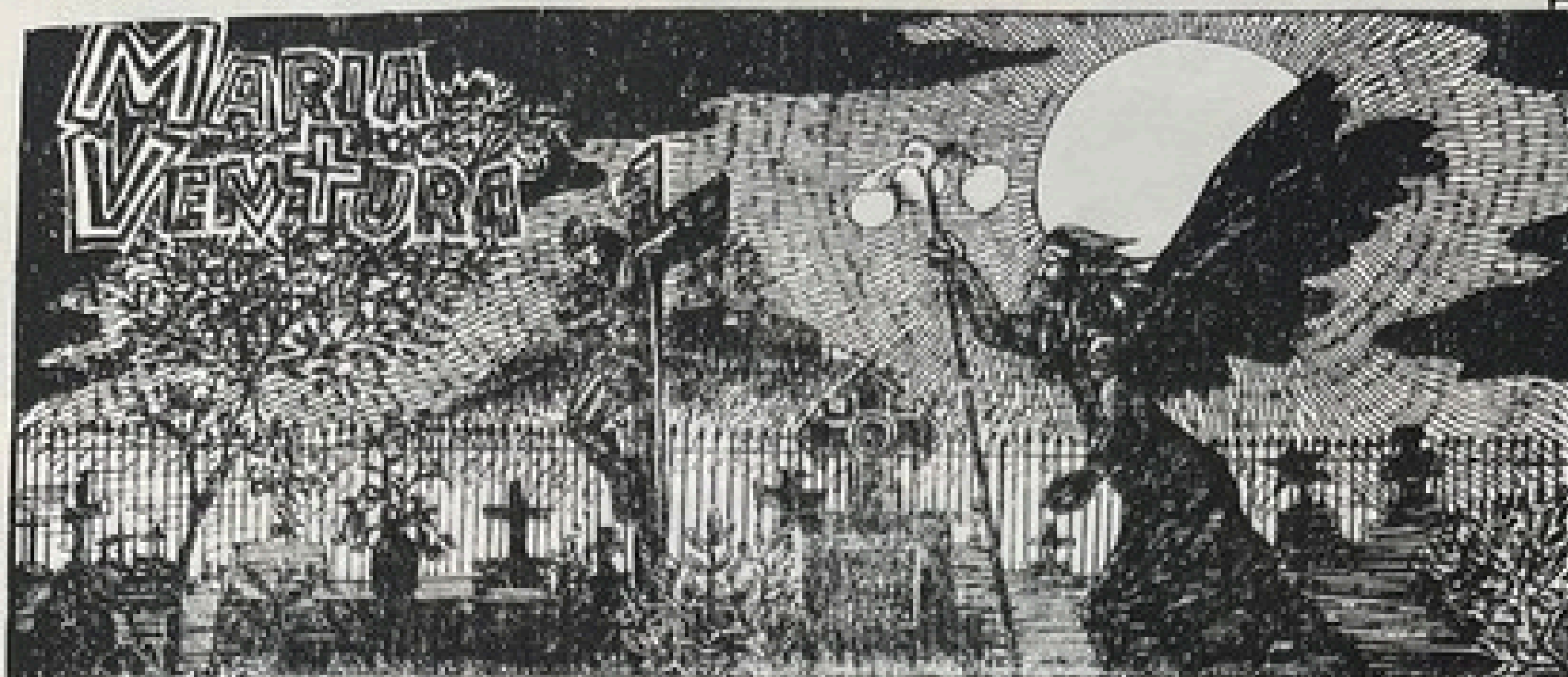


pacífica e decorrente da evolução do pensamento e da ciência. Em poesia oferecida a Astrolábio Passos, Leônidas dizia: "Nós que somos filhos da Sacra Evolução/Queremos uma luta de penna e pensamento, (...) Queremos que a palavra clarim retrocedor/Echôe pelo seio da vasta multidão/Que o rei rasgue seu manto de sangue ennodado/Lavando a torpe mancha de sangue da negra escravidão." Vale, ainda, destacar um outro trecho de Nascimento Filho em sua poesia "Idéias Modernas": Nós somos os romeiros do bem e do progresso,/Queremos igualdade nas classes sociais,/ Lutamos pela luz que jorra da ciência,/E temos muito ódio das púrpuras reaes (...) Marchamos em procura de todas as reformas/ Que sejam necessárias e úteis a Nação...

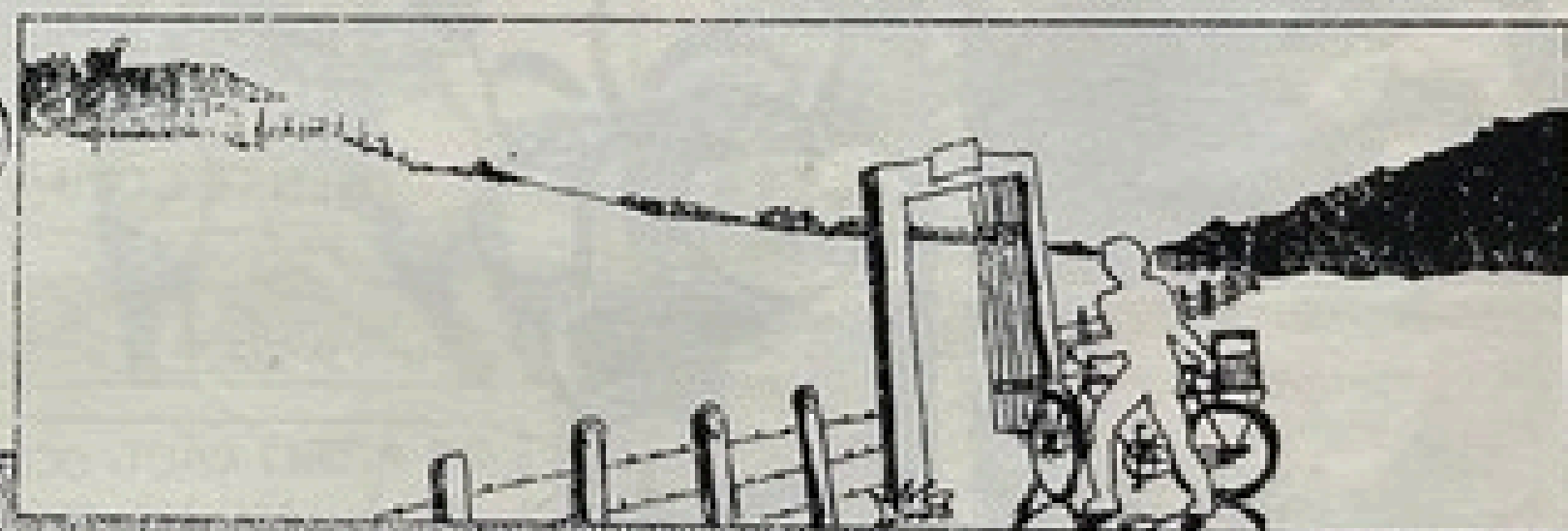
Quanto ao jornal "A Falange" é resultado de uma cisão ocorrida no Partido Conservador em 1888. Um grupo com apoio de Coelho Rodrigues se opõe à liderança de Coelho de Rezende que abandonou o partido e fundou o jornal. A despeito do grupo opositor a folha circulou com o subtítulo de órgão conservador. Apesar de ter um redator monarquista incondicional "A Falange" reconhece que o império estava no fim; em artigo de 09/08/1889 lê-se "... Attingimos a história do baixo império; chegamos aos resíduos do governo monarchico. O cataclisma geme como o Simon do deserto. Depois o Dilúvio...". Vaticinador, este monarquista; passado mais de cem anos a nação continua mergulhada nas águas turvas do "dilúvio". Mas a República tenta emergir e quer trilhar o caminho que leva à igualdade e à probidade.

No ano da proclamação da República, 1889, destaca-se a atuação jornalística de Focion Caldas que junto a um grupo composto por Benjamin de Moura Batista, João Lima, Domingos Monteiro e Cesário Sousa publicaram os jornais "O Povo" e "A Revolução", ambos literários, de tendência abertamente republicana.

Não encontramos nenhuma publicação local com a data da proclamação da República. Cinco dias depois, os jornais em circulação não davam importância ao acontecimento. Nem mesmo os jornais de propriedade particular e tendência liberal circularam com notícias sobre o movimento de 15 de novembro. Os jornais partidários aguardaram o desenrolar dos acontecimentos; voltariam a circular com nomes diferentes, falando em República como se essa fosse uma antiga, declarada e anunciada aspiração, agora, plenamente realizada.



AS SOMBRAS DA NOITE ATRAVÉS DOS TEMPO TEM ATEMORIZADO O HOMEM. A MALDADE NASCE NOS MISTÉRIOS DA NOITE. AS NOITES DE LUA CHEIA AINDA SÃO PIOR. É QUANDO SAEM OS DUENDES, SACÍS, MULAS-SEM-CABEÇA, LOBISOMENS...

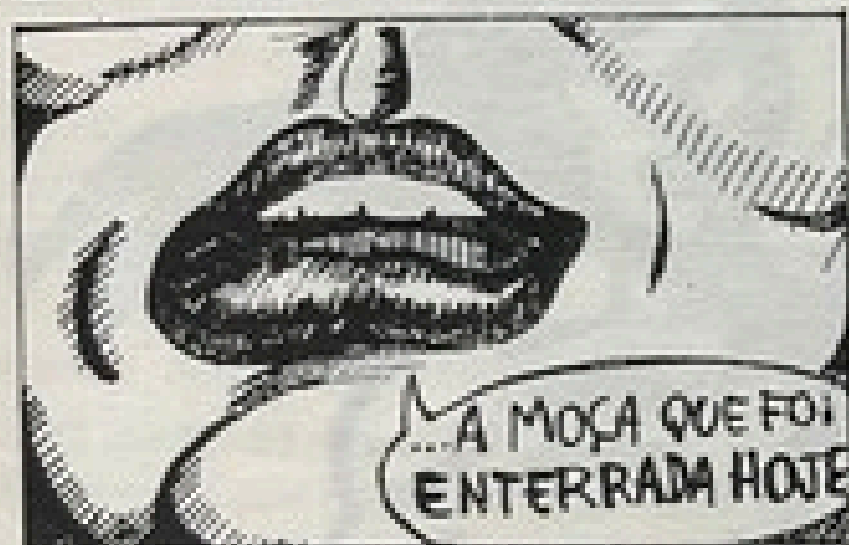


A black and white illustration of a stone building with a tiled roof, possibly a temple or palace, with a tree in the foreground. The building has a prominent corner and a small arched opening. The roof is covered in a grid of tiles. A large tree with many leaves is in the foreground on the left. The style is a detailed line drawing with cross-hatching for shading.

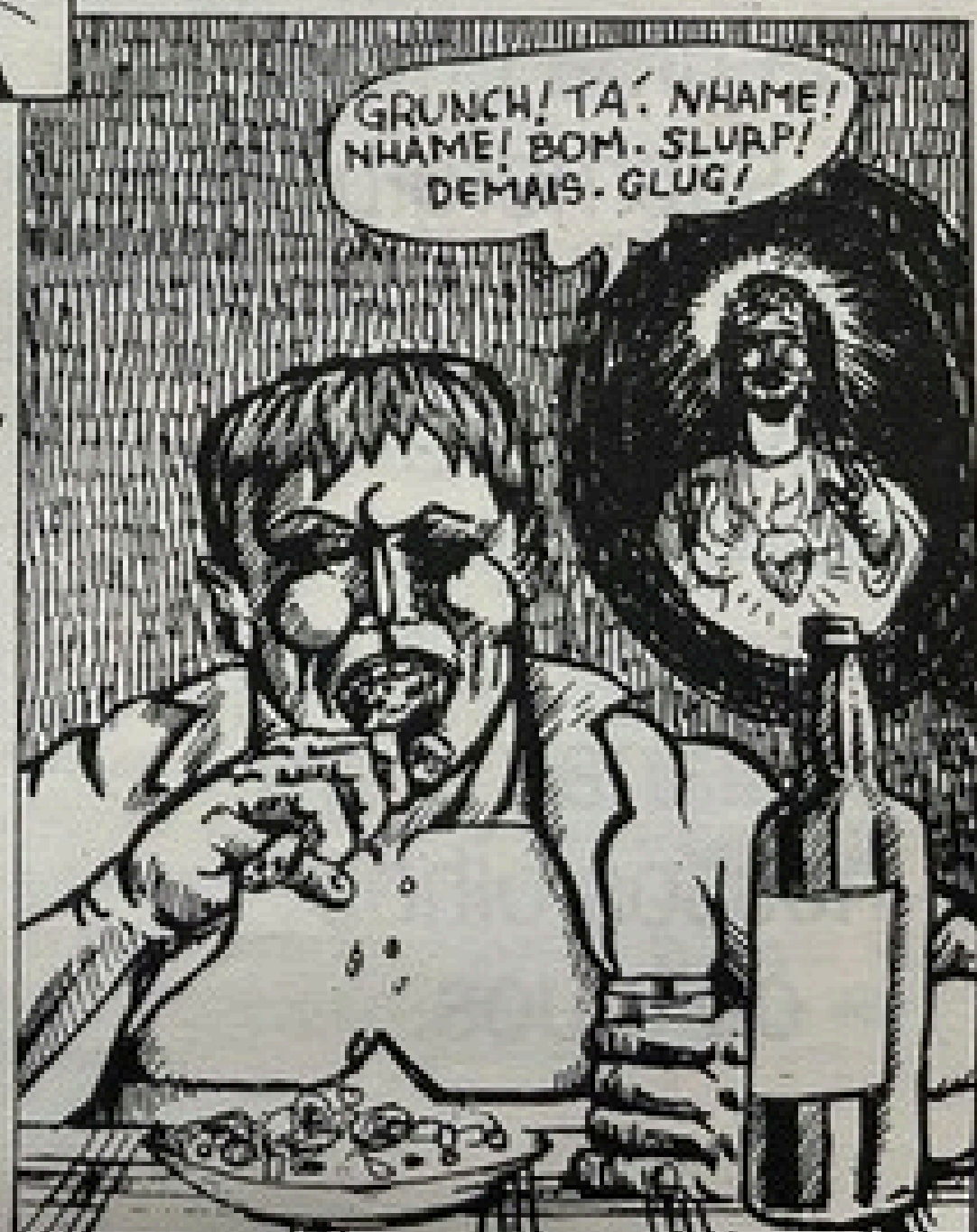
ESTIVE OCUPADO COM O ENTERRO DE UMA MOÇA.

PENSEI QUE V. NÃO VIESSE HOJE.

PODE COMER...
QUANDO O JOÃO
CHEGAR E NÃO EN-
CONTRAR NADA EU
SEI QUE FEGAREI
UMAS **PANCADAS**



QUANDO JOÃO CHEGA DO TRABALHO A COMIDA JÁ ESTÁ PREPARADA. NADA MENOS QUE O FIGADO, O BOFE E O CORAÇÃO DA DEFUNTA TRANSFORMADOS EM SARAPATEL!



MANDU-

19 de abril não
haverá índios no
Piauí. Há muito
tempo não há. A
violência,
injustificada até
pela insanidade
mais cruel, varreu
de nosso território
toda uma cultura
que submergiu no
próprio sangue e
cujos vestígios
sobrexistem em
pequenas ações
cotidianas e em
nossos olhos
oblíquos.



19/4

LADINO

"raça extinta
lembrança extinta
nomes nações
apagadas
no próprio sangue"
(H. Dobal)

Aquém da nostalgia. Além da via pânico-vácuo. Pairando o caos com cisos expostos, um "índio maldito" insiste incomodar o espírito europeizado que insiste em encardir a história do oprimido.

Desde a chegada do carnicheiro Domingos Afonso Mairense e seu bando torpe até a data provável de 1807, a morte imposta pelos invasores fora resistida com valentia e astúcia pelos que aqui já habitavam de data imemorable.

Era tapuiana, a grande maioria dos sedentários de outrora, que se distribuíam em várias famílias na extensa área piauiense. E possuíam características peculiares destoantes dos demais índios do Brasil: quando falavam, tremiam com a voz; quando cantavam não articulavam pronúncias, eram cantos garganteados. Excelentes cantores, assim os denominavam. Hábeis flecheiros, destros corredores, valentes na guerra. Os Gueguês e Acoroás, por exemplo, serviam-se de uma curiosa arma: paus bipontiagudos que facilitavam o acerto do alvo com maior precisão; quando pressentida a presença do inimigo, os tais instrumentos eram fincados, apontando e atravessando os caminhos, com as pontas inclinadas para adiante, em altura de ferirem das verilhas aos peitos, ocultados por fraca ramagem. E quando os perseguidores investiam impetuosamente contra, eram feridos fatalmente sob gritos e aplausos dos gentios.

No livro "ARAWETÉ - Os deuses canibais", Eduardo Viveiros de Castro relata que entre os tapuias havia a prática do endo-canibalismo, ou seja, "comiam seus próprios mortos, pois a terra não era digna de os apodrecer" - puro ato de amor.

Havia outros traços importantes, mas estes já bastam para esclarecer que a **inteligência dos nativos não fora herança européia.**

Manoel, conhecido com a ontonomásia de LADINO, segundo dizem, nascera num grêmio católico e fora educado por missionários da Companhia de Jesus. No entanto, Mandu-Ladino escapou à "domesticação" e fuge da Capitania de Pernambuco.

Mandu-Ladino, por volta de 1712(?) Consegue um feito sem igual: o levantamento geral dos índios do Norte, unindo até mesmo grupos inimigos entre si. Passa a ser a taba de todas as tabas, encabeçando lutas constantes contra os invasores; dá início a uma luta contra os habitantes da margem direita do Parnaíba, que como os demais "civilizados" já tomavam o espaço sertanejo paulatinamente, a despeito dos que aqui já estavam.

A dura resistência de Mandu-Ladino e os seus perdura eficiente anos a fio.

Em 1716, parte do Maranhão uma expedição chefiada por Francisco Cavalcante de Albuquerque com o propósito de desgracar Mandu-Ladino e toda **resistência.** No entanto, mesmo unido ao mestre de campo da Capitania do Piauí, Bernardo de Carvalho e Aguiar, não consegue a eliminação de Mandu-Ladino que habilmente lhes escapa aos golpes. Frustrado em seu principal propósito, desfere na nação Arani todo ódio, arrasando-a.

Não aniquilaram Mandu-Ladino, que morreu, mas não teve como era de costume, seu corpo esquartejado e sua cabeça pendurada numa estaca para ser vista por todos.

Segundo alguns compiladores desses e de outros fatos históricos do Piauí, Mandu-Ladino morrera afogado nas águas do Parnaíba, rio que é de se crer, ele conhecia a fundo, a nado.

O fato é que mesmo depois de sua **declarada** morte, os embates continuaram por muitos anos, até o extermínio total dos habitantes originais do Piauí, as nações indígenas.

Mandu-Ladino não desfila na galeria dos heróis piauienses, pois não serve aos propósitos do Estado, que assenta seu sentimento de patriotismo na **aventura de dois bandeirantes.**

Domingos Dias



Maia Veloso



Maria da Penha



Glaciêde Torres



Luri



Gorette Gonzaga



Maria Elena Rego



Siljane Alves



Elvira Raulino e Mara Beatriz

MAPA MUNDI



Cláudia Brandão



Samaria Andrade



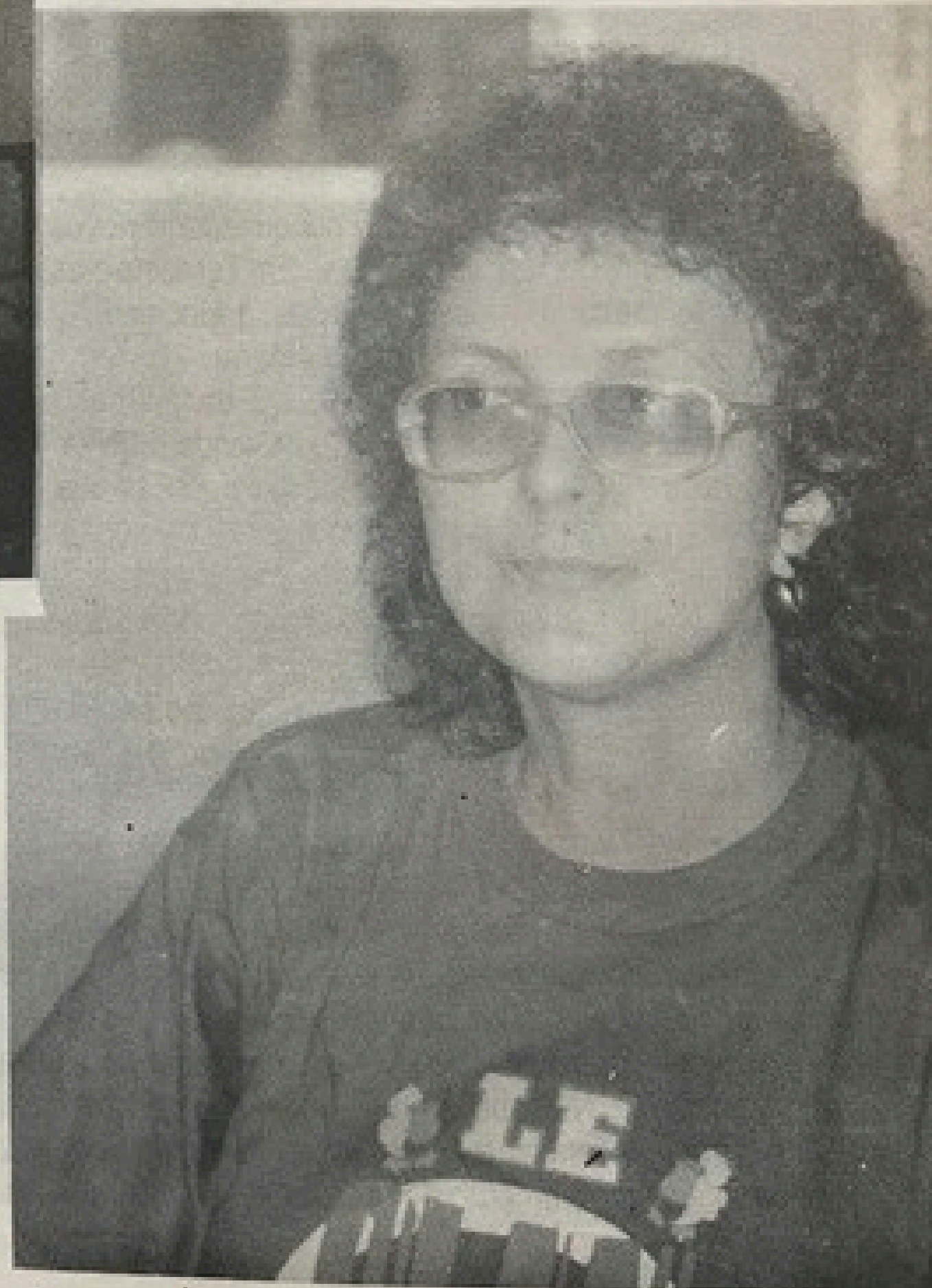
Ângela Ferry



Socorro Pereira



Genú Moraes



Glória Sandes

MULHER JORNALISTA: A NOTÍCIA ESTÁ MAIS FEMININA?

Dia a dia as mulheres estão conquistando novos espaços no mercado de trabalho no Piauí. Em Teresina elas são a maioria nos rádios, jornais e televisões, anunciando que a revolução feminina ainda está longe de parar.

Elas são 50% da população e 1/3 da mão-de-obra mundial. Mas há trinta anos as mulheres ainda lutavam, no mercado de trabalho, por oportunidades iguais às dos homens. O direito ao emprego (crivado nas constituições universais), refletia, em outras frentes, a busca da emancipação feminina. O lar era um bastião da diferença, onde o sexo rei determinava os destinos humanos. Em contraposição à estrutura opressora e à clausura do lar, o trabalho (instituição pública por excelência), apresentava-se como o elemento libertador.

Nos anos 70, as lutas empreendidas nesse sentido, buscavam a efetivação do ideal da mulher trabalhadora, longe dos estereótipos construídos ao longo de milênios. Nos anos 80, as feministas já questionavam se a presença feminina no sistema produtivo realmente significava libertação dos papéis sócio-sexuais rígidos ou era apenas um simulacro para uma nova dependência. Na cabeça de alguns teóricos, o binômio trabalho-libertação feminina, deixou de ser tão óbvio e passou a insinuar o escamoteamento de uma realidade que apenas

apresenta sinais de mudança sem se transformar na essência.

O mercado de trabalho engendrou seus mecanismos de acomodação da mulher, transferindo para o profissional as diferenças acumuladas no campo doméstico.

Mas as viciações conjunturais introduziram, no status quo, elementos de reação automática. "O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa 'verdade' de sujeito humano", argumenta Michel Foucault. Na viciada questão de fundo é ainda a mesma pergunta que anima as velhas discussões sobre a mulher no mercado de trabalho. Existe igualdade de competência? Para Camille Paglia, "as feministas simplificam grosseiramente o problema do sexo ao reduzi-lo a uma convenção social: reajuste-se a sociedade, elimine-se a desigualdade sexual, purifiquem-se os papéis sexuais, e a felicidade e a harmonia hão de reinar sobre a Terra. Quando assim pensam, as feministas, como todos os movimentos liberais dos últimos 200 anos, se revelam tributárias de Rousseau". Segundo ela, o feminismo excedeu-se na sua missão de lutar pela igualdade política, culminando por rejeitar o que é contingente, "Qual seja, a limitação humana imposta pela natureza e pelo destino". Em poucas palavras: liberdade é uma ilusão. Paglia corrobora, respeitadas as distâncias, a tese de Colette Dowling em seu best-seller "O Complexo de Cinderela", onde a autora diz que "a extrema dependência psicológica - o desejo inconsciente dos cuidados de outrem - é a força que mantém as mulheres agilhoadas".

A chamada maternagem, segundo estudiosas feministas é um outro fator que reforça o enclausuramento da mulher ao espaço doméstico. "Essa maternagem é estendida aos demais membros da família, absorvendo a mulher nos cuidados domésticos", diz a jornalista e feminista Glória Sandes. "A libertação só se dá quando a mulher consegue vencer essas pequeninas batalhas no lar, torçando que na família os trabalhos domésticos sejam democratizados".

O perturbador processo de inserção da mulher no campo profissional causou fissuras, e não só nas estruturas sociais que tentam absorver a força de trabalho feminino. Hoje, as próprias mulheres reelaboram o seu discurso social. "Revolution From Within: a Book of Self-Esteem" (Revolução Para Dentro: o Livro da Auto-Estima), de Glória Steinem, tenta reorientar o bôldo feminista para uma reflexão mais íntima: recuperar a "sensibilidade perdida".

Talvez a maior parte das 400 mil mulheres economicamente ativas no Piauí (segundo pesquisa do IBGE de 1990), não reflitam sobre o assunto. Mas, mesmo longe do trabalho teórico que escavouca as sublinhas do estatuto social, as mulheres desenvolvem uma revolução silenciosa e quase imperceptível. É que a abolição das diferenças rígidas entre direitos e deveres entre homens e mulheres abriu espaços para o desenvolvimento profissional contínuo. É o que está se verificando na área jornalística, onde a maioria esmagadora dos profissionais são mulheres. Na televisão, no rádio ou nas redações, elas desempenham todos os tipos de funções com uma larga superioridade numérica. Uma rápida análise do fato indica que o motor da crescente procura do mercado de trabalho pelas mulheres não são mais os

binômios antigos, mas a realização profissional.

A colunista social Mara Beatriz, 22, talvez seja a exacerbação do protótipo da mulher viciada em trabalho. Desde os 16 anos, ela acorda diariamente às 6 horas e cumpre um ritual multimídia. Escreve meia-página de jornal por dia, apresenta um programa de tv e faz colunismo em uma cadeia de rádio, que une Teresina e Altos.

A noite, ela acompanha os eventos que alimentam a sua profissão. "Tem final de semana que tenho convites para mais de trinta eventos.

Alguns eu só vou por obrigação, porque as pessoas esperam a minha presença", revela. "Mas é lógico que eu faço isso porque eu gosto. Quando a gente nasce para fazer uma coisa só vê o lado bom".

COMPETÊNCIA

Para a Assessora de Comunicação da APECEF/PI, Siljane Alves, 23, o maior determinante para a presença maciça da mulher nesse mercado de trabalho no Piauí é o surgimento do Curso de Comunicação Social. "O que tem se verificado tanto no mercado quanto no curso é uma superioridade numérica", diz. Segundo ela, esse fato denuncia que as mulheres estão indo muito mais à luta do que os homens. "Agora, mesmo assim, existem certas peculiaridades nesse quadro. Por exemplo: as mulheres, que são maioria nas redações, estão ocupando espaços mais atuantes enquanto os homens estão em funções que exigem menor esforço. As mulheres estão pegando mais no batente. Mas isso não quer dizer que a comunicação no Piauí é feminina. Quer dizer é que a mulher é uma grande força propulsora." Para o articulista político Paulo Fontenele, a mulher é uma mão-de-obra qualificada para qualquer trabalho intelectual. "Entrar nas redações é uma consequência natural. É a mesma vocação para qualquer atividade. As pessoas consideram a mulher no jornalismo um fato extraordinário, mas eu não".

O ponto doloroso de algumas discussões sobre o assunto é a trivialização do tema, concentrando todas as suas variantes na velha competição entre os sexos. A jornalista Ângela Ferry, editora do segundo caderno do Jornal O Dia, vê a situação com cautela. "Realmente as mulheres hoje estão se destacando nas redações de jornais, mas isso vem do fato de que também estão conseguindo destaque dentro de outras áreas. Toda essa questão é o reflexo da tomada de consciência e da já conhecida emancipação feminina que, com o passar dos anos tirou a mulher de 'dentro do lar' para torná-la também uma cidadã pública, interessada em participar do desenvolvimento do país", acredita. "O fato delas estarem tendo uma certa posição de destaque dentro das redações se deve, é claro, a uma questão de competência, mas não acredito que essa competência dispense uma competição de sexos. Não gosto desse tipo de comparação ou separação. Homens e mulheres devem procurar ser componentes no que fazem, sem distinções. É isso que importa".

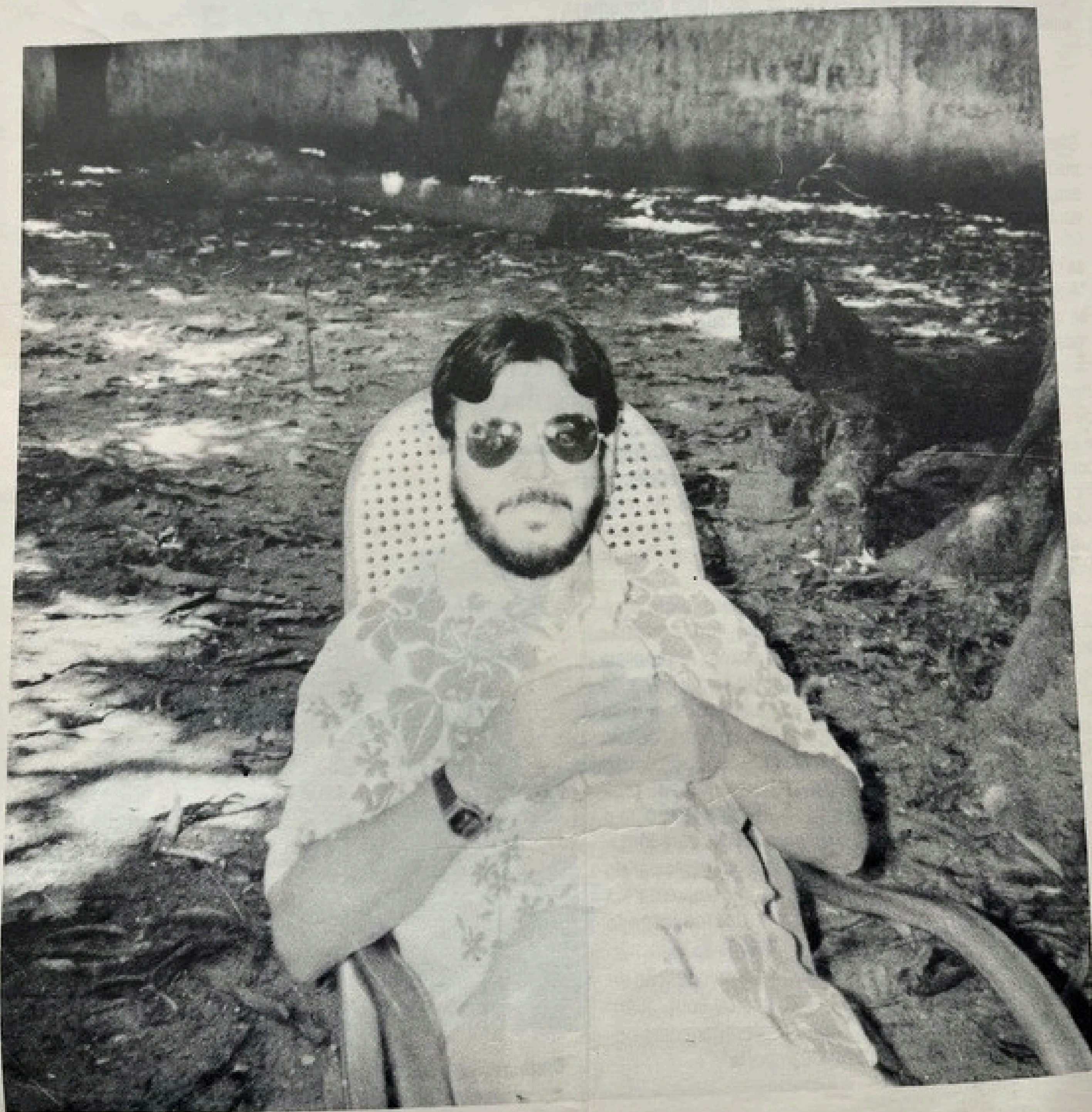


Rosalina Ferreira



Cinthia Lages

"Sou meio avesso a homenagens", diria o maestro. Essa recusa à exortação só poderia vir de alguém isento de vaidades. Mas afinal, são 42 anos dedicados à música e uma produção extraordinária de cerca de quatro mil peças musicais. Ser iluminado pelo **esprit de la musique** é não atravessar a vida sem ser notado.



MAESTRO REGINALDO CARVALHO

"EU AMO A MÚSICA. DESFAÇO-ME POR ELA".

A arte existe porque a vida não basta-já disseram. E é a arte que muitas vezes lança luzes sobre o que deve ser considerado importante e o que não. Que lugar a música ocupa nisso?

A imagem idealizada do paraíso já nos foi apresentada como a de um lugar onde figuras angelicais manuseavam instrumentos musicais com maestria. Nas teofanias - festas onde eram celebradas as aparições de divindades, realizadas pelos antigos gregos-as manifestações musicais estavam sempre presentes. Sem a música os rituais perdiam o sentido. A música, portanto, com frequência é associada à esfera primeva do sagrado, até pelos efeitos que provoca em quem a ouve.

O menino Reginaldo tinha 11 anos de idade e algumas noções musicais quando teve sua primeira audição de música erudita-Bach e Mozart. Foi como que atingido pelas notas ao piano. Encantamento e fascínio que perduram até hoje: "Eu amo essa música. Tenho prazer infinito. Desfaço-me por ela."

Aos quatorze anos compôs compulsivamente uma peça musical e recusava-se a acreditar que tivesse sido composta por ele: "Eu saía cantarolando e perguntando aos meus colegas se eles conheciam aquela música. Não me revelei até receber palavras de incentivo de um compositor carioca afamado. A partir daí, não parei mais."

São cerca de quatro mil peças espalhadas-com amigos ou até mesmo perdidas- que perfazem uma obra individual exuberante.

Sem se deixar encarcerar pelos limites e rigores elitistas da ortodoxia temática, o maestro Reginaldo Carvalho transformou-se num pesquisador incansável-arranjos musicais para corais feitos a partir de músicas folclóricas brasileiras, especialmente piauienses-colhidas ao longo de vinte e um anos em Teresina e em viagens ao interior-além de incursões pela música atonal que o fizeram precursor desse gênero no Brasil.



"Uma batucada carnavalesca brasileira deixaria ensandecido um monge hindu."

Fazer música é capturar a alma secreta dos sons, arregimentar o mínimo, a nota musical, e transformá-lo em grandes comoções sonoras - o enunciado das emoções através da linguagem universal da música. Universal?

Para o maestro Reginaldo a compreensão da música como uma expressão universal compromete o seu entendimento e denuncia uma visão colonizadora e imperialista da cultura. "Hoje em dia é insensato dizer-se que a música é uma linguagem universal. Não se pode mais impunemente falar sobre música como antigamente. Música de Chopin em piano Steinway não quer dizer absolutamente nada para um zulu, na África. Ele poderá apreciar o timbre instrumental, a euforia dos acordes; não haverá, todavia, entendimento musical. Um alemão comum não compreenderá o repertório musical de nossos índios. Uma batucada carnavalesca brasileira deixaria ensandecido um monge hindu."

"Isso significa que quando se fala em música têm-se que estabelecer de que música estamos falando. Essa idéia de música como linguagem universal vem, creio eu, dos colonizadores europeus."

"Os orientais deixaram de nos entender."

A terra é ampla e de cultura varia. Essa imensidão geográfica que separa povos pode determinar comportamentos e opções diversificadas. O maestro afirma que houve um divórcio entre a música do ocidente e a do oriente. "O oriente continua na física, nós optamos pela matemática. Nossos instrumentos musicais são correlamente afinados pela matemática mas inexatos pela física, digamos assim. Os orientais deixaram de nos entender - no sentido "musical" da palavra - e nós deixamos de entendê-los ainda mais."

Apesar das distâncias geográficas e culturais, hoje em dia é cada vez mais comum a fusão de estilos musicais os mais diversos, resultando numa salada musical bem temperada - é a world music, capaz de misturar música marroquina com mestre Salustiano de Olinda.

A relação de maestro Reginaldo com a música nunca se estabeleceu através de uma rigidez sisuda - "onde há amor há bom humor". Prova disso é ter musicado regras gramaticais, teoremas, as excessões da terceira declinação do latim e uma missa profana dedicada a Nossa Senhora dos Remédios com base em anúncios farmacêuticos. Criou e regeu um grupo vocal formado por amigos de classe, o CPT. Comissão Pastoral da Terra? Não. Calcanhar Pra Trás. Esse grupo funcionou como um verdadeiro laboratório para seus primeiros trabalhos.

Irreverências à parte, Reginaldo Carvalho ao se deparar com um livro em tupi-guarani acabou por compor cantigas nesse idioma. Compôs, ainda, música sacra e canções de amor em latim, alemão, inglês e francês.



"Eu vivia intensamente a vida cultural do Rio."

A década de 50 foi decisiva não só para o mundo-pós-guerra, rock 'n' roll, guerra fria. A rebeldia tomava corpo para explodir em protestos de paz na década seguinte. Em 1951, Reginaldo inicia sua vida profissional. Estava no Rio de Janeiro. É ainda na década de 50 que casa, torna-se pai, viaja para a Europa. Lá, no Teatro Maison de France, é convidado para compor a trilha sonora de uma pantomima-peça de autor francês. A direção é de Luis de Lima, português e ator principal.

É elogiado pelo trabalho e ao final, ludibriado. "O português me enrolou. De modo que posso dizer que comecei minha vida profissional sendo roubado por um português."

Em 1956, de volta da Europa, passa a trabalhar ao lado de Maria Clara Machado, no Teatro Tablado. "Eu vivia muito a vida cultural do Rio. Assistia a todas as peças teatrais e concertos, lia adoidado e trabalhava em composição com afinco. Além disso, ainda praticava atletismo, ia muito à praia, dançava e via todos os filmes que podia."

E foi no Rio de Janeiro que aos dezenove anos compôs sua primeira sinfonia. A sétima e, até agora, última, foi feita aqui, em homenagem a Teresina.

"Fazíamos ginástica nas nuvens".

Em 1959, Villa-Lobos, seu mestre, incentiva-o a reiniciar a vida em Brasília. "No começo de sessenta lá estávamos nós no novo Distrito Federal".

"Um fim-de-mundo. Não dava para entender como eu fora bater com os costados naquela ampliação horizontal. Tudo por fazer. Vida de pioneiro. Mas o campo de trabalho era excelente. As crianças se davam bem naquele clima. Dormia-se cedo, acordava-se cedíssimo. Fazia-se ginástica entre as nuvens."

Villa-Lobos preconizara alguns anos antes como seria a vida do amigo Reginaldo em Brasília: atividade intensa-aulas para filhos de políticos, a formação de corais, Centros de Arte, audições musicais; o aparecimento de Clubes de cinema e teatro; o nascimento de pequenos conjuntos instrumentais. As viagens para aperfeiçoamento para o Rio, Minas e São Paulo.

"Fiz minha escolha e entrei na luta. Fiz greve. Fui preso. Desencanto religioso. Por fim, a viagem de minha mulher para fazer mestrado na França, por um ano. Ao seu retorno lá fui eu também me especializar em música eletroacústica. Retorno com divórcio já combinado, uma separação com elegância. Volto ao Rio de Janeiro, ao meu trabalho de origem."

"Teresina foi uma opção existencial."

A infância de Reginaldo Carvalho, esquecendo-se a asma que o perseguia, correu tranqüila entre fazendas e engenhos da Paraíba e do Rio Grande do Norte. A vinda para Teresina, solicitado pelo Estado ao Governo Federal, tirou-o do Rio-centro cultural e consumidor incontestável- mas ele assegura: "Foi uma opção existencial, amor à primeira vista (...) Cheguei aqui para conhecer no dia cinco de março de 72 (...) Voltei de vez no dia vinte e um de julho do mesmo ano. E olhe que eu estava convidado naquela época para ir viver em Roma, Adelaide, Madrid, Buenos Aires ou Londres."

É é precisamente em julho de 1978 que recebe correspondência do International Biographical Centre-de Cambrigde, na Inglaterra-comunicando-lhe que seu nome está incluído desde a oitava edição no Who's who in Music and Musicians' Directory, publicação daquele centro de pesquisa. Através do verbete fica-se sabendo que Reginaldo Carvalho nasceu a 27 de agosto de 1932 em Guarabira, Paraíba. Faz desfilar em poucas palavras as principais atividades e habilidades do maestro e compositor e, por fim, o seu endereço na época: rua Goiás, 999, sul, Teresina, Piauí.

"Gosto dessa terra, da gente daqui. Foi o lugar que escolhi para ser feliz."





REGINALDO CARVALHO O MAESTRO E O HOMEM

Para entendê-lo há que conceber tratar-se de um artista. Um músico. Um músico que ama a música. Que respeita a música. A música é o centro da sua vida. Esse é o grande segredo e o maior detalhe. Um espírito elaborado. Butilado. Esmerilhado. Polido ao requinte. É incrivelmente disciplinado. Repete sempre que o músico é, antes de tudo um ser disciplinado. Conta que na França, onde viveu diversos anos, por duas vezes, quando se quer falar de algo correto, preciso, exato, se diz: "comme de la musique"... o que quer dizer: "que nem música".

O estudo constante é seu hobby favorito. Está praticamente sempre concentrado. Estuda com capricho. Isso não quer dizer, todavia, que ele seja um espírito hermético ou rígido. Pelo contrário, quem o conhece e convive com ele sabe perfeitamente tratar-se também de um ser delicado ao mesmo tempo que dedicado à ironia alegre e divertida, um brincalhão de primeira. É também um contador de histórias sem par. Veja-se o seu livro de "contações"... intitulado *Literatice de Cordão*, justamente desde o título brincando com o nome *Literatura de Cordel*. Diz tratar-se de uma brincadeira. O crítico literário e poeta Hardi Filho, da Academia de Letras do Piauí, manifestou-se deste modo: "se é uma brincadeira, é uma brincadeira que deu certo". Brinca de tornar sérias as coisas mais corriqueiras, como também, muitas vezes, por sinal, de tornar complicadíssimas as coisas mais simplórias, só para se distrair com o espanto das pessoas até perceberem tratar-se de pura brincadeira. Espírito lúdico. Arma, às vezes, o maior teatro, como se diz, para fazer com que as pessoas raciocinem e entendam com clareza. Um método de trabalho pedagógico bem ao seu estilo que ele acha que vem surtindo resultado positivo na grande maioria das circunstâncias.

Ser professor, sua segunda vocação ou sua vocação-irmã, se assim puder-se afirmar. Ama a educação. É um músico que ama a música e é um educador que ama a educação. Agora mesmo, para se reciclar e aprimorar está cursando o Mestrado em Educação na UFPI, onde é professor. Faz o possível para que seus alunos sejam independentes. Não há aluno discípulo seu em canto nenhum fazendo que nem ele diz ou faz. Acha que seria até "uma falta de respeito", querendo com isso dizer que "não seria correto" tal procedimento. A liberdade antes de tudo.

Outra faceta. É um afamado citador-criador de frases. Algumas só para exemplo: "Conheça hoje a linguagem (musical) do seu tempo, para não ter que reconhecê-la, em futuro próximo, como linguagem do passado". Outra: "A diferença entre estar e ser é de estarrecer". Ou essa: "Não vale a pena não ser simples". Ou ainda: "Quem não sabe dosar o prazer é burro". E mais: "Burnice é crime". "Deve-se dizer sempre a verdade mas não dizer a verdade sempre". "A vida é uma só, está passando, vamos curtir-la". "Alegria de pobre é fazer zoadas". "Onde tem fumaça tem pobreza". "O importante é não morrer sem ter vivido".

Um homem comedido, sóbrio e simples que cultiva a elegância no sentido de distinção. "A elegância é um compromisso consigo mesmo" a cada instante, em qualquer circunstância. Recatado, faz questão de não aparecer, de se expor ou ser exposto, de se mostrar, se exibir. Não. De jeito nenhum. Tanto assim que não aprecia nem ser chamado pelo nome na rua. Faz de conta que não é com ele. Aperta o passo. Canhesta a efusões, não gosta de ser congratulado caloroso ou efusivamente, sobretudo ser abraçado por quem quer que seja, dessa maneira, em público. Fica danado quando se lhe retira do chão levantando nos braços, abraçando. Por natureza, é tímido embora muita gente não queira acreditar. "Os tímidos têm a sorte de passar por educados e exemplares, e o azar de serem tomados por orgulhosos, superiores", "é bom ser tímido mas também é chato". "As vezes divirto-me quando pensam que perpetrei algum ato acertado, importante ou até mesmo heróico por astúcia, enquanto eu o tenha cometido unicamente por pura timidez". Por falar nisso, diz que "só rege coral porque está de

costas para o público, mas, na hora de agradecer é aquela tremedeira".

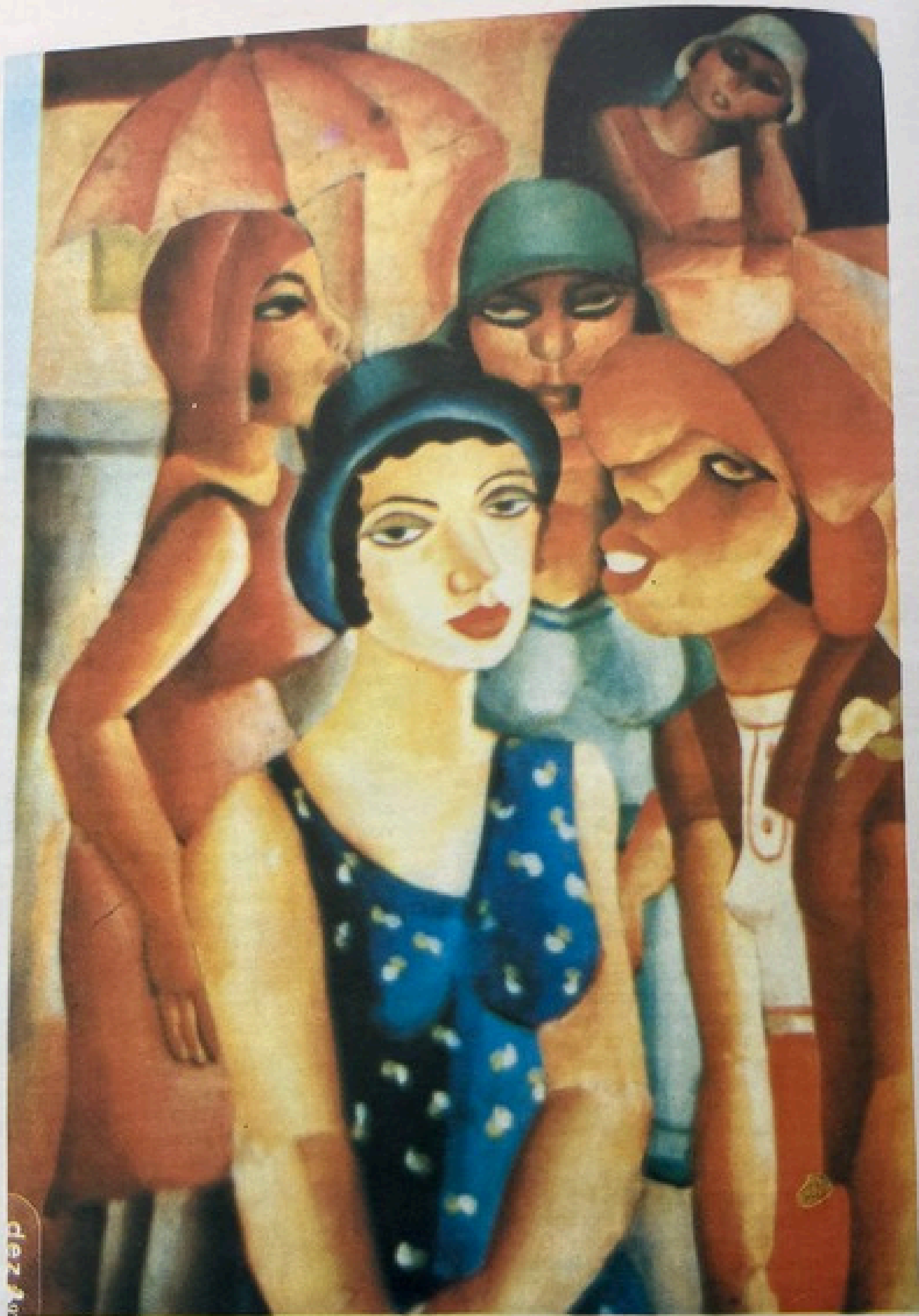
Não tolera música ordinária. Quando sai de casa para se divertir procura lugares que não disponham do tal do "som", do qual tanto se faz questão, cada vez mais, e cujo repertório acha que geralmente é lixo sonoro, poluição acústica extremamente vulgar, banal. Prefere francamente o silêncio. Já houve lances antológicos a respeito desse assunto. Perguntando certa feita se gostava de música, pressupondo o que o esperava na radiola: "Não! Odeio música!". Outra vez um amigo, para agradá-lo, levou um Beethoven para o seu botiquim de preferência. Espantou-se, agradeceu e comentou: "É o mesmo que cantar um "bendito" no meio do baile-de-carnaval", reclamando. "Esculhamba o carnaval! Cada coisa no seu lugar." Futebol? Escola de Samba? "As pessoas vêm progressivamente se interessando por enveredar, em entrevistas fajutas, no trivial comum, no dia a dia banal das criaturas. Uma verdadeira mania. Bem, fui adolescente para o Rio de Janeiro, o segundo lugar onde vivi mais tempo seguidamente depois de Teresina, e desde o começo, amor a primeira vista, foi Botafogo! Ia assistir aos treinos de Mané Garrincha ainda adolescente como eu. E, não resisto ao encantamento da Portela. Vou logo dizendo, antes que me pergunte, meu músico popular favorito é meu ex-aluno Paulinho da Viola. Mas faço questão de dizer que sou contra o Flamengo e não suporto nem ouvir falar na lenga-lenga de Roberto Carlos. Uma pobreza de espírito. Se o reino dos céus estiver prometido para esse significado de pobreza de espírito, aí de mim! A mulher da música popular brasileira. É Elizete Cardoso. É cantora e é intérprete, sem nenhum abuso de afetação, sem cacões nem requebros salientes e sobretudo afinada. Na música erudita brasileira é Villa-Lobos, claro!"

Não quis dizer mais do que isso, porém, somente para informar aos leitores que queiram saber: seu número de simpatia é 56, o primeiro que recebe ao ingressar na primeira escola; pasta de dente usa em rodizio todas as marcas, sem preferência; perfume só francês de verdade, aprecia goiabada com queijo; não usa óculos quando está em casa só quando chega visita. Deixou de fumar, entretanto, quando fumava, também não o fazia em casa a não ser quando tinha visita. Adora cinema quantas vezes for possível; aprecia boa mesa: é hipertenso de uns anos para cá. Não gosta mais de banho de mar nem de piscina (será porque perde o apoio do chão?) Morre de medo de barata (estava sozinho em casa e foi dormir num hotel por causa duma barata que entrou voando pela janela). Entra em curto-circuito quando vê uma mulher de bobs na cabeça no meio da rua (quando era diretor da Escola de Música de Teresina que, diga-se de passagem, foi o seu imaginador e fundador, mandou ir embora se arrumar em casa uma senhora que se apresentou de bobs na cabeça indo buscar a filha), acha que mulher de bobs é o maior acinte estético, razão mais que suficiente para divórcio incondicional. Não aceita o culto católico populista, de mera concessão e pavor de perder clientela e travestido de culto protestante ou de terreiro-de-macumba com suas cantorias atualizadas, idiotas na sua grande maioria, de texto primário e incorreto.

Considera-se religiosamente cristão "pós-católico".

Finalmente gosta: ouvir boa música (seja erudita ou popular, sacra ou profana, antiga ou moderna, de qualquer autor que se tenha saído bem na composição) e apreciar Arte. Fazer música. Ouvir cantoria prosodicamente correta, ouvir belas vozes e belos instrumentos musicais, ouvir falar português corretamente, ler, ir ao cinema, descansar na rede, encontrar com pessoas amigas, ficar em casa, passear, e aquelas coisas "mais importantes da vida". (comer, dormir, fazer amor e dizer besteira)!

Cláudia Tenório
Ex-aluna e amiga



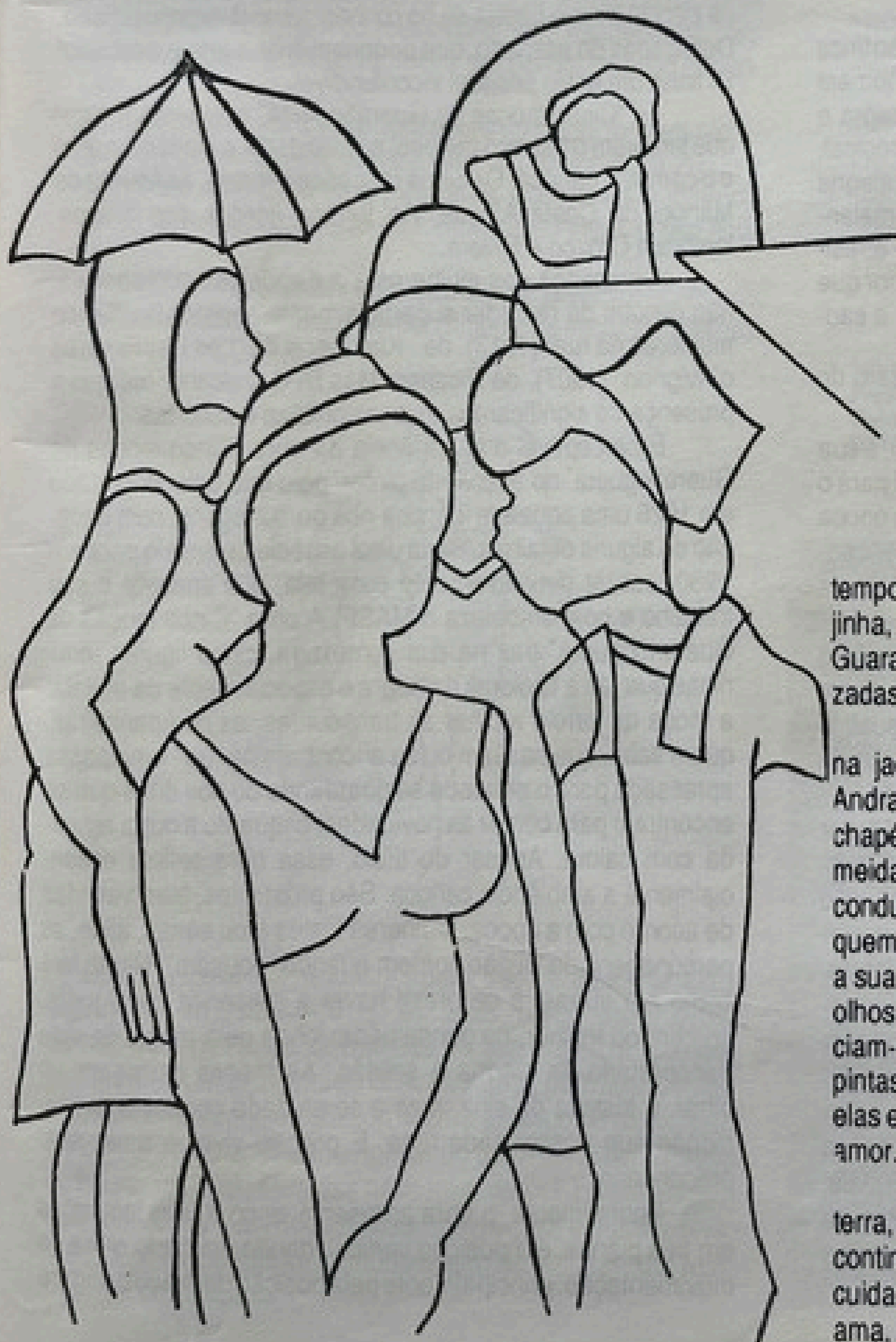
CINCO MOÇAS DE GUARATINGUETÁ

(Ensaio para uma monografia)
César Augusto de Oliveira Maia

- * Título: "Cinco Moças de Guaratinguetá"
- * Autor: Emiliano Di Cavalcanti
- * Época: 1930
- * Técnica: Pintura a Óleo
- * Dimensão: 1,00 x 0,64 cm.
- * Proprietário: Museu de Arte de São Paulo (MASP)

"O Homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um Ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um Ser inacabado, que está em constante busca".

(Paulo Freire)



"As 'Cinco moças de Guaratinguetá' são de 1930, do tempo da melindrosa, do almofadinha, do charleston, da franjinha, da Semana de Arte Moderna - as 'Cinco moças de Guaratinguetá' são de ontem, de hoje, de amanhã, imortalizadas e imortais.

Qual das cinco foi namorada de Sérgio Milliet? A de flor na jaqueta? Qual das cinco quis casar com Oswald de Andrade, abandonar a família e o respeito devido? A de chapéu branco certamente leu versos de Guilherme de Almeida e de Menotti Del Picchia, aprendeu a sonhar. Elas conduzem o destino escrito nos olhos; não foi, porém, o pintor quem traçou os imutáveis caminhos: sina cada um nasce com a sua. Para onde vai apressada a de guarda-sol aberto? Nos olhos súplices, nos seios potentes da moça de verde anunciam-se trágicas manchetes paulistas. A de vestido azul com pintas, aportará no triste casamento. Quem sabe de tudo sobre elas e sobre todas as demais, é Di - a todas amou com infinito amor."

Di Cavalcanti como legítimo carioca, admirava a sua terra, o Brasil e procurou expressar o que de mais simples continha: a sua gente. Gostava tanto de mulata que ao ser cuidado, enquanto criança, só se acostumou com a oitava ama, a mulata Cristiana. Estudou piano aos 11 anos com o

autor de "Vem cá, mulatal", o professor Rocha. Esses dois gritos da memória talvez justifiquem a série grande de mulatas nascidas de sua palheta. Documentou sua época, retratando a paisagem, a gente e seus costumes, a alma sentimental, sonhadora, o lazer preguiçoso, a alegria contida do brasileiro.

Por que Di, um carioca, iria pintar moças de Guaratinguetá? Ou melhor, moças paulistas? - São Paulo na década de 20 se tomou uma cidade atrativa pelo seu progresso industrial e Di que era conhecedor das coisas do Brasil e do mundo, não poderia deixar de participar desse cenário, sendo portanto, um dos responsáveis pela realização da Semana de Arte Moderna em 1922. A verdade, é que a mulata na tela de Di não é paulista, baiana, nem carioca - é brasileira. O pescador não é de Santos nem de Recife, é do mar do Brasil. Por isso é que Di Cavalcanti é um homem tão universal e um pintor tão nacional. Pelas raízes, pernambucano; pela doçura do caráter, baiano; pela poesia captada nas cores, nordestino. Por vezes, o sentimento paulista não só pela atuação fundamental, decisiva na Semana de Arte Moderna. Mas também pela afeição constante a ligá-lo a São Paulo.

Nas telas de Di Cavalcanti é aparente a valorização lírica do que há de mais profundo e permanente na alma do homem brasileiro; esse muito de nostalgia lusitana, ternura negra e melancolia índia; esse complexo de miséria, natureza tropical, macumba, exaltação sexual, praia e procissão; essa alegria triste que explode nas canções carnavalescas, onde o malandro dos morros cariocas suaviza em doce, sorridente e resignada ironia a eternidade dos temas românticos - o amor que é sempre sofrimento, a mulher que é sempre pérfida, a saudade que é sempre cruel.

Entim "Cinco moças de Guaratinguetá" é um retrato do mundo do pintor, do homem Di Cavalcanti.

Segundo Sérgio Milliet, que o conheceu em 1920, a sua pintura era impressionista, com certa tendência natural para o fauvismo. Toda a primeira época (até a semana) é uma época de amor aos jogos de cor, de namoro com a luz, de encantamento ante as descobertas de tons e de matizes. Depois passa a ser expressionista, alguns dizem que não o era.

Mas de qualquer forma, o expressionismo não seria o caminho natural do nosso pintor. O expressionismo é seco, ascético e agressivo e Di é doce, preguiçoso e sensual; o expressionismo é gótico - e Di é barroco. Há uma espécie de pintura que é magra, outra que é gorda. A de Di é gorda.

Di Cavalcanti adotou vários estilos sem se aprofundar em nenhum, por exemplo: Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, mas antes de tudo, foi um pintor figurativo com exaltação lírica. Combatente do abstracionismo, forma de obscurantismo academizante destinado a afastar o povo da pintura. Quando nos referimos à obra "Cinco moças de Guaratinguetá" sentimos a ausência dos estilos mencionados. Cabendo-nos a chamar de "um expressionismo contido" e/ou figuração lírica.

Di Cavalcanti conquistou uma posição única em nossa pintura: É sempre o mais exato pintor das coisas nacionais. Não confundiu o Brasil com paisagens; e em vez do Pão de açúcar nos dá sambas, em vez de coqueiros, mulatas, pretos e carnavais.

Podemos dizer que nosso pintor era um auto-didata, frequentou apenas aulas de pintura, enquanto criança, e em 1917 inicia-se na pintura junto ao professor Elpino. Mas as influências por mais sutis que sejam, não deixam de ser uma espécie de escola. As obras de Di Cavalcanti não deixam de apresentar com as obras de Beardsley (Art-nouveau) nos seus desenhos, de Picasso, Matisse, Delacroix, Orozco, Rivera e outros. Segundo Lourival Gomes Machado, a pintura de Di é uma expressão que apanhou em sua tessitura vital, a realidade brasileira e com tal identidade de essência que faz lembrar a milagrosa correspondência entre o barroco seco e Minas Gerais e a feição dessa província misteriosa. Mais precisamente falando, Manuel da Costa Atayde, que vai influenciar nas suas figuras de cor morena, inclusive na tela, "Cinco moças de Guaratinguetá".

Entim, "Cinco moças de Guaratinguetá", como outras obras do pintor, tem influxos (leves que sejam) de vários artistas, como do Renascimento de Tiziano, Da Vinci, Miguelângelo ou talvez não tenha tido de nenhum, pois na Arte, como na ciência o novo baseia-se no conhecimento já experimentado. Desligadas do passado, que poderiam criar a arte e a ciência! Di tinha um estilo pessoal inconfundível.

As "Cinco moças de Guaratinguetá" apresentam cores que lembram o barroco mineiro; a vivacidade, o Renascimento e o carnaval carioca. Os olhos rasgados e tristes, às figuras de Manoel da Costa Atayde. As formas gordas dos braços, lembram Orozco e Rivera.

A presença das mulheres e a disposição compositiva, não deixam de recordar superficialmente aspectos de "Cinco mulheres na rua" (1913), de Kirchner e de "Les Femmes d'Alger" (1907), de Picasso. Mas Di Cavalcanti, reduziu a presença de significantes expressionistas e cubistas.

É perceptível a importância da obra "Cinco moças de Guaratinguetá" no acervo do pintor, pelo fato dele ter pintado em 1926 uma aquarela idêntica nos personagens, com exceção de alguns detalhes. Seria uma espécie de ensaio para em 1930 realizar definitivamente essa tela, que enaltece o seu trabalho e hoje embeleza o MASP. A obra "Cinco moças de Guaratinguetá" traz na sua contextura, cinco figuras femininas que faz a tipologia da negra e especialmente da mulata: a moça da janela a olhar as transeuntes, as companheiras, quem sabe, que passam ou se encontram na rua - uma passa apressada para o mercado se guardando do sol; duas que se encontram para contar as novidades, enquanto a outra aguarda com calma. Apesar do título, essa obra reflete essencialmente a ambiência carioca. São prostitutas, bem vestidas de acordo com a época. Mulheres tristes e/ou sérias, aliás, as personagens de Di não sorriem quando "pousam". Nesta tela como em outras, é de praxe haver a presença de alguém, homem ou mulher, de pensamento longe pela magia da vida transportado da alegria à solidão. As moças carregam no olhar, a tristeza da sina, mas a serenidade conduz à simplicidade que possui cada uma. É preciso viver e amar sem preconceito...

Formalmente, a obra apresenta cinco figuras femininas em três planos, em posição vertical, dando um certo clima de movimentação, principalmente pela posição do braço da figura

de guarda-sol aberto. A abertura da boca da figura de jaqueta, deixa claro a emissão da mensagem, enquanto a de vestido azul, calma e melancólica escuta. A figura da janela, por estar na área leve do quadro e da cabeça inclinada, passa a idéia de sonhadora, romântica e transcendental e parece cantarolar.

"Cinco moças de Guaratinguetá" constitui síntese da linguagem delineada na forma ampla e arredondada e na cor tropical. Há uma severidade nas regras de proporção e no jogo euritmico de sua visualidade. As três figuras centrais formam um triângulo, lembrando as obras Renascentistas. Enquanto os olhos rasgados e tristes lembram os anjinhos de Atayde, sem esquecer das figuras egípcias. Di usa cores reais, cores intensas que, talvez, seja influência do Renascimento ou do Barroco mineiro, ou quem sabe, do carnaval carioca e ainda, das festas populares do Nordeste.

A cor predominante é o vermelho na sua variedade de tons, que é complementar do verde no centro da tela e contrasta com o azul. A presença do azul, dá uma tensão espacial, quebrando a sequência dos tons predominantes. O azul é uma cor triste, que vai se adicionar aos olhos da figura central, carregando-a de melancolia, sem esquecer da sensualidade que ela transmite com o seu decote rasgado (devasso) e seios potentes.

As linhas verticais e horizontais do fundo, formam retângulos. Vemos na perspectiva a idéia de profundidade. A curva da janela contrapõe as linhas retas, quebrando o ritmo do fundo e dando sequência às formas arredondadas das figuras.

O centro geométrico e visual - perspectivo, ficam nos seios da figura de vestido verde. Símbolo da sensualidade nas obras de Di Cavalcanti.



Di Cavalcanti, levado pelo seu dom artístico expressou em suas obras os mais puros sentimentos do seu lirismo. Pintou as mulatas na sua inteireza, como é exibida nas "Cinco moças de Guaratinguetá", obra que resume de uma certa forma, o estilo do acervo artístico do pintor, que lhe confere a autenticidade no mundo da pintura, na maneira de figurar mulatas: Quantas nasceram de Di? Tantas e cada qual mais bela, mais doce e tema, mais tímida e dominadora, mais deslumbrante. Um território inteiro de mulatas, um tempo, uma civilização.



- * NOME: César Augusto de Oliveira Maia
- * Nasc.: 10.10.62
- * Formação: Educação Artística-Artes Plásticas

Outros dados:

- * Participou de uma Exposição coletiva com temática ecológica no SESC em 1987. Após ter concluído o curso de desenho Artístico Acadêmico.
- * Aluno do curso de Educação Artística - Desenho, na UFPI.
- * Funcionário da Secretaria da Educação do Estado do Piauí.

* Orientação:

Profª. Zozilena de Fátima Fróz Costa na disciplina Evolução das Técnicas de Representação Gráfica, DEA - CCE - UFPI.

Bibliografia

- * Pontual, Roberto.
Entre dois séculos, arte brasileira do séc. XX na coleção de Gilberto Chateaubriand/Roberto Pontual.
Pref. Antonio Houaiss - Rio de Janeiro: J.B., 1987.
- * Niemeyer, um ensaio de Oscar.
Arte no Brasil.
- * Grandes artistas brasileiros.
Di Cavalcanti
Art. Editora Ltda. São Paulo - SP
- * Enciclopédia BARSA
- * Programa de Informática e cultura.
Banco de dados:
Módulo: Pintura brasileira - séc. XIX e XX
Instituto Cultural Itaú
Instituto Equatorial de Cultura: Contemporânea-UIC/
Fortaleza - CE
- * Calendário 1976 da Pirelli S/A
Comentários de Jorge Amado e texto de vida e obras do artista: Diná Lopes Coelho.
- * Zanini, Walter.

ENCONTRO MARCADO: RUBERVAM DU NASCIMENTO

O poeta Rubervam du Nascimento, presidente da União Brasileira dos Escritores do Piauí-UBE, pretende hastear a bandeira da poesia e mudar a política cultural da entidade. Rubervam participou dos principais movimentos literários do país, publicando poemas em várias antologias: Poesia na Praça, Poemas dos Ratos, Sociedade dos Poetas Vivos, Florações Poéticas, Poesia Cadernos de Resistência, Aviso Prévio, O Rio, Galopando, Coração em dois Tempos, Ô de Casa (contos). Com um livro de poemas "Profissão dos Peixes", publicado o ano passado, Rubervam pretende reeditar sua obra numa edição revista e diminuída. Nesta entrevista concedida ao jornalista Raimundo Alves Lima, o Ral, Rubervam fala dos projetos da UBE, passa a limpo a história da literatura brasileira e vasculha os movimentos literários que surgiram nos "anos de chumbo".

*tenho a profissão dos peixes
no dia
a
dia dos ossos*



Entrevistador: Raimundo Alves Lima (Ral)

Entrevistado: Rubervam du Nascimento

+Rubervam, como o senhor observa o silêncio profundo dos grandes editores diante da literatura piauiense principalmente aos escritores da nova geração?

- Este é apenas um dos sintomas decorrentes da carência generalizada do nosso Estado. Ninguém acredita no Piauí e, conseqüentemente, no valor de seus escritores. Mas o grande desafio para a nova geração de escritores é a conquista de um público leitor. Antes de preocupar-se em editar livros por editoras do Rio ou São Paulo, deveria o autor esforçar-se para abandonar de vez o amadorismo e organizar-se para furar o bloqueio entre o autor e o leitor. Adianta publicar pela Globo, Brasiliense, Ática, se não temos público sequer na província? Quase ou nenhuma edição de livro no Piauí ultrapassa os mil exemplares. Às custas do autor ou sob a responsabilidade do Estado, apenas vinte ou trinta exemplares são vendidos no lançamento. O restante é estocado na casa do escritor ou nos porões dos órgãos públicos.

+ A literatura piauiense existe mesmo ou é mais um encontro de igrejinhas literárias, cada autor admirando o seu próprio ego?

- É muito difícil afirmar se temos ou não uma literatura. Que valores estão sendo revistos ou propostos para tal avaliação? Sob que critérios apoiaremos uma definição para a literatura piauiense? É literatura piauiense por que discorre sobre tipos e paisagens com nossas características? O que é ser teresinense, florianense, campomaiorense ou piauiense? Jorge, um brasileiro, do escritor Oswaldo França Jr. é mineiro? Goiano? Paulista? Piauiense? As inquietações de Lucínio, Pedro e Helena, no livro do O.G. Rego de Carvalho pertencem a que lugar? Quem disse que os personagens de Assis Brasil, em seus livros denominados de tetralogia piauiense, elaboram a dimensão exata de uma miséria unicamente nossa? Sendo assim, qualquer autor que, desconhecendo o apoio técnico para a elaboração de sua obra, publique um livro mesclando ambiente e tipos humanos que julga piauienses, estará contribuindo para a formação de um estado literário piauiense? Não é por aí o caminho. Se tivermos coragem e conhecimento suficientes para elaborarmos um conceito para a literatura brasileira feita no Piauí, temos que partir dos significantes estéticos e linguísticos. O extraordinário Kafka foi muito claro ao referir-se a esse tipo de julgamento: "o ser da literatura não é mais do que a sua técnica". Espremidos dentro de um fosso, onde o que impera é a mediocridade literária, temos alguns rascunhos, escritos aqui, publicados aqui, que suportam análises criteriosas. O

mais, é conversa fiada pra ajudar os bois desta província dormirem. Eles que continuam a passar, sem muita pressa. Quanto ao que você chama de igreja literária, não nasceu aqui, existiu e existe em qualquer lugar do mundo, e até pode produzir avanços para a literatura, desde que não constitua uma sociedade de autores mortos. Em uma sociedade onde a realização das necessidades vitais de seus cidadãos constitui um privilégio restrito a poucos, é importante a presença dos escritores, participando das assembleias dos vivos. Já disse outras vezes que o autor do nosso tempo que se fecha em seu próprio esqueleto, pode perder facilmente o contato com a vida, também verdadeira, fora dele. Atravessamos a última década de um século que acumulou retrocessos e perpetuou agonias. Não temos o direito de cruzar os braços e fechar a boca, enquanto no bojo da decadência imperante, sobram, também, nossos interesses.

+ O movimento encabeçado pelo escritor e jornalista Cineas Santos mudou alguma coisa na cultura dos anos setenta?

- Cineas foi quem enfrentou pela primeira vez entre nós, o desafio de editar e distribuir com eficiência o livro no próprio Estado, quando resolveu criar, na década de 70, a Editora Nossa, com sede, CGC e tudo mais. A Editora apoiou o surgimento de quase todos os autores da época. Garantiu o seu nome no livro Do Poder ao Poder, da encantadora Leila Miccolis, publicado em 1987 pela Editora Tchê! de Porto Alegre. Este livro registra, num esforço considerável, os caminhos percorridos pela chamada literatura marginal ou independente, no Brasil, citando os nomes mais representativos. Não tenho dúvidas de que ajudou a garantir o direito de fazer arte na província, o que não é pouco, mas se quisermos ser justos, teremos que acrescentar o brilho pessoal de um agitador cultural competente que conseguiu reunir o que de mais expressivo tínhamos em termos de autores.

+ O senhor poderia passar a limpo a história da UBE, antes e depois da sua administração?

- A história de uma entidade reconhecida de utilidade pública, deve ser pública. Infelizmente a população não conhece a UBE do Piauí. No entanto, pediria licença para falar apenas das realizações e perspectivas de trabalho da gestão iniciada em 11 de março, último. Pretendemos visitar alguns postulados esquecidos pela UBE do passado, aproveitando, inclusive, as matrizes de renovação cultural surgidas no Piauí, no Brasil e no mundo. Não queremos festas, mas acontecimentos propulsores capazes de contribuir para o aprimoramento da arte literária em nosso Estado. Tentaremos elevar o nível de consciência estética, oferecendo cursos e oficinas na área de literatura, utilizando autores daqui e de outros Estados. Temos que incutir na cabeça dos que escrevem e publicam que uma obra, seja em prosa ou verso, só se configura essencialmente, se estiver pautada pelo rigor contencioso verbal, elaboração e pesquisa de linguagens. Nesse sentido, o primeiro passo já foi dado, criado através de Portaria, uma vez que não consta nos Estatutos, toda e qualquer publicação que receber a marca da UBE terá que

ser apreciado pelo Conselho de Publicações, constituído por escritores de comprovados conhecimentos e comprometidos com a linha editorial de modernidade.

+ É sabido que muitas pessoas utilizam revistas e entidades para se promover, como aconteceu em alguns momentos recentes. O que o senhor tem a dizer do ofício de afagar o próprio ego?

- A questão inicial é: os fins não justificam os meios. Acredito nisso de fato. Editar eventualmente uma revista ou presidir uma entidade, não autoriza ninguém a autopublicar-se de modo renitente. Quanto ao afago do próprio ego, o Piauí está cheio de poetas e escrevinhadores que falam o tempo inteiro sobre si mesmos. Um interessante ensaio do poeta Sérgio Campos, denominado Ponto & Contraponto, publicado recentemente pela editora que criou e dirige no Rio de Janeiro, a Mundo Manual, questiona, a despeito de um artigo do Antonio José Trigo, o excessivo tratamento da escrita do Sr. Decorrência, acredito eu, desse afago ao próprio ego. Segundo Sérgio Campos, se há um invencível vácuo entre leitor e autor, certamente eis aqui a impossibilidade de interessar o primeiro sobre as queixas e os doestos do segundo. Conclui dizendo que há escritores que vertem sobre o infeliz leitor um tamanho rol de lamúrias e lhe impõe tamanha carga de problemas existenciais não solucionados que seria melhor que recorresse a um analista.

+ Como o senhor acompanhou os anos de chumbo. A literatura piauiense sofreu alguma pressão dos podres poderes?

- Não tenho dúvidas de que os chamados anos de chumbo, causaram um terrível mal à nação brasileira. As consequências estão aí. Só na área educacional, por exemplo, são dezoito milhões com mais de 15 anos que não sabem ler, nem escrever. Trinta e dois milhões de crianças crescem em famílias cuja renda por cabeça, não ultrapassa um e meio salário mínimo. Isto significa que os pais jamais poderão comprar um livro ou colocarão esses filhos em uma escola particular, pois as públicas estão caindo aos pedaços. Agora, toda autêntica literatura está acima de seu tempo. Nunca pretende salvar-se apenas por cantar a liberdade num tempo de repressão. A liberdade vive na arte mesmo. Em seu poder explosivo. Está implícita no ato de criação. Livre dos esquemas sociais, políticos e religiosos. Livre dos prejuízos. Livre do medo. Livre das normas morais. Livre de si mesmo. É certo que o escritor não pode entregar-se de corpo e alma aos poderosos. Nos anos de chumbo, muitos escritores tiraram proveito da situação e carimbaram seus passaportes para o prestígio e a popularidade. Na sombra do poder escreveram livros que fortificaram a ideologia dos poderosos, prepararam discursos de agradecimentos aos detentores do poder político, e publicaram artigos contra os que utilizavam o mimeógrafo. Lembro que em outro momento desses anos, ocorreu um episódio, no mínimo, ridículo, envolvendo uma família tradicional da província: o guardião da família resolveu trancar num cofre a antologia de contos Ó de Casa, encontrada nas mãos da filha, alegando tratar-se de material pornográfico.



+ Rubervam, o senhor está propondo uma revolução na União Brasileira de Escritores do Piauí inclusive acabando com a maneira mesquinha e provinciana de se escolher o Intelectual do Ano. Que motivos levaram o senhor a mudar o curso dessa história?

- É preciso restabelecer urgentemente a credibilidade da UBE. Os critérios para escolha do Intelectual do Ano, são extremamente viciados e só trouxeram desgaste para a entidade. Os últimos escolhidos não contaram sequer com o voto de um por cento dos associados. E pelo menos nos últimos dois anos, não houve qualquer estímulo para registro e apresentação de candidatos. Há muito venho discutindo a mudança de escolha do Intelectual do Ano, num Estado onde a esperteza e a incompetência sentam na mesma mesa, comem no mesmo prato. Perguntava, o que acrescenta ao autor esse diploma horrível e esse troféu sem graça de intelectual do Ano? Quem é intelectual ou o que significa ser intelectual no Piauí? Nunca obtive respostas satisfatórias. Então resolvemos substituir o prêmio de Intelectual do Ano pela premiação, em dólar, da melhor obra ou conjunto de obras, com a participação da iniciativa privada, além de um prêmio de incentivo, em dinheiro, para o melhor trabalho literário publicado em jornal, suplemento, revista, etc. Constituiremos uma comissão de julgamento com membros dos Departamentos de Letras das Universidades, Centros de Estudantes, Conselho de Cultura, Sindicatos de professores e de proprietários de colégios; etc. Sem que o autor saiba, a cada primeiro de janeiro será anunciado pela imprensa o nome do ganhador.

+ Como o senhor observa os critérios da Academia Piauiense de Letras para que os escritores possam conquistar o fardão. O senhor concorda que um pianista possa chegar à Academia sem apresentar o mínimo de obras literárias?

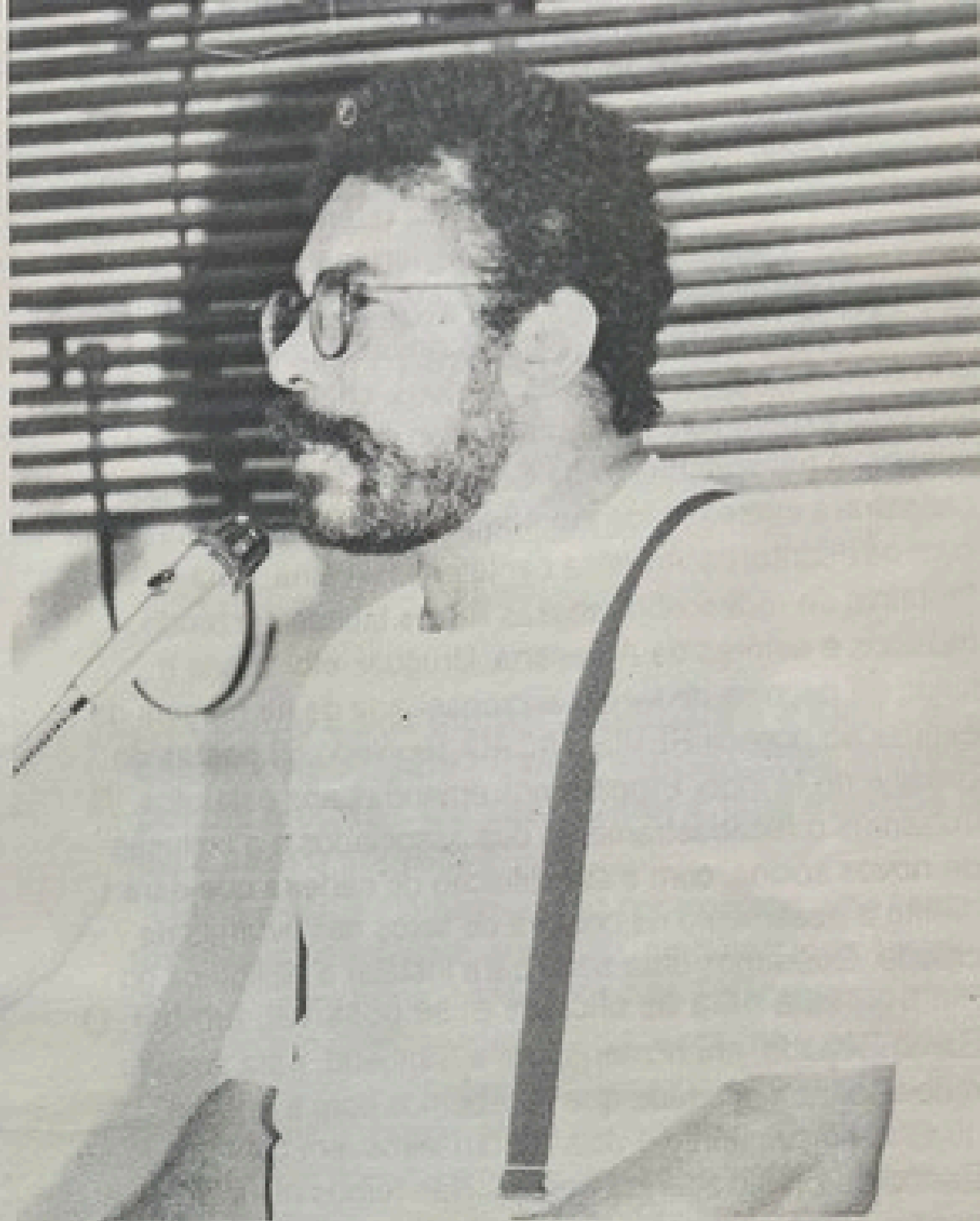
- Claro que não. Nesse caso seria mais lógico que ele tivesse entrado para a turma de locadores de piano de Brasília. Se não é escritor, resta-nos a alternativa de que foi parar na academia via poder, ou melhor, via subserviência secularizada das academias de Letras aos poderes políticos constituídos.

+ O senhor tem esperança de entrar para a Academia Piauiense de Letras?

- Não. Faço restrições a quase tudo que diz respeito as Academias de Letras. Forma e conteúdo. Considero-me um escritor marginal, devorador de ossos. Escritor marginal que se presta precisa estar sempre transitando pelo céu do inferno, para manter-se vivo, pois o inferno é seu lugar para sempre. As sagradas escrituras nos ensinam que só há uma forma ou maneira de entrar no céu. Essa forma é a violência. Sempre imaginei que quando o escritor resolve entrar para a academia é porque parou de falar, escrever, comer, trepar, e que já se encontra na glória da eternidade. Uma espécie de lugar dos sufocados. Um lugar em que a gente é sempre suplente. Um anjo titular, desses que tem um olho só na testa. Um anjo pioco, está sempre ali, no ouvido da gente, dizendo olha eu é que sou teu caminho, tua verdade, tua imortalidade. Não adianta querer gritar, tudo em ti, a partir de agora, será inofensivo. Não, não me sentiria bem vestindo um fardão. A própria ideia da imortalidade pregada pelas Academias, me soa estranha, numa sociedade em que a vida e a morte estão sempre empacotadas em caixões baratos.

+ A imprensa piauiense cumpre o seu verdadeiro papel diante do fazer cultural ou ainda marginaliza, não dando a importância que os artistas merecem?

- A verdade é que o fato cultural não gera notícias no Piauí. Os proprietários dos jornais, rádio e televisão remuneram muito mal os jornalistas, principalmente aqueles que fazem as páginas culturais. A televisão, por exemplo, não investe em programações culturais e na contratação de jornalistas especializados, porque entendem que cultura não dá retorno, nem ajudam a conquistar patrocinadores. Acho que estão errados. Por outro lado, para os agendadores de notícias, é muito mais proveitoso registrar um crime, um assalto, um seqüestro. Os trabalhadores culturais são sempre colocados em último plano. Sempre foi assim e não será fácil mudar. Um dos meus livros de cabeceira, chama-se Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa, onde o autor Maurice-Jean Lefèbre comenta que a arte só é admirada na medida em que faz escândalos. Será que não estamos precisando de escândalos literários para que a imprensa do Piauí se interesse por nós? Tem surgido ultimamente algumas investidas na imprensa escrita, graças ao esforço e a capacidade de jornalistas, recém-formados pela escola de comunicação da UFPI. No



entanto, o tratamento da imprensa em geral, em relação a arte e os artistas, guarda estranhas e absurdas distâncias. O poder Público que desloca de seus orçamentos somas fabulosas para a imprensa, deveria obrigar os proprietários a utilizarem, também, esse dinheiro, na cobertura dos acontecimentos culturais gerados por todos os artistas e não apenas pelos órgãos do Governo. Afinal de contas esse dinheiro é da população.

+ O senhor teve uma passagem no jornalismo, colaborando com a jornalista Glória Sandes, inclusive descobrindo-a como poetisa, quando ela editava uma página literária no O ESTADO e publicava com o pseudônimo de Vera.

- Particpei praticamente de todas as páginas culturais publicadas no Piauí, nas últimas décadas. Transitei, sem maiores dificuldades, por todos os chamados grupos literários que se formaram à época. A experiência - desenvolvida ao lado da Glória Sandes, no jornal O ESTADO, serviu para o amadurecimento de minha poesia. O material era discutido antes de publicado. Às vezes o dia inteiro, a noite inteira. A Glória Sandes há muito nos deve um livro de poesias. O problema é que nunca recebi um tostão do jornal. Acho que nem ela. Inclusive por páginas inteiras com entrevistas de escritores famosos que fazia quando viajava a serviço, pela repartição onde trabalho. O escritor é um proletário, pertence à última classe dos brasileiros. Termina não recebendo absolutamente nenhuma recompensa em dinheiro por aquilo que mais sabe fazer que é escrever.

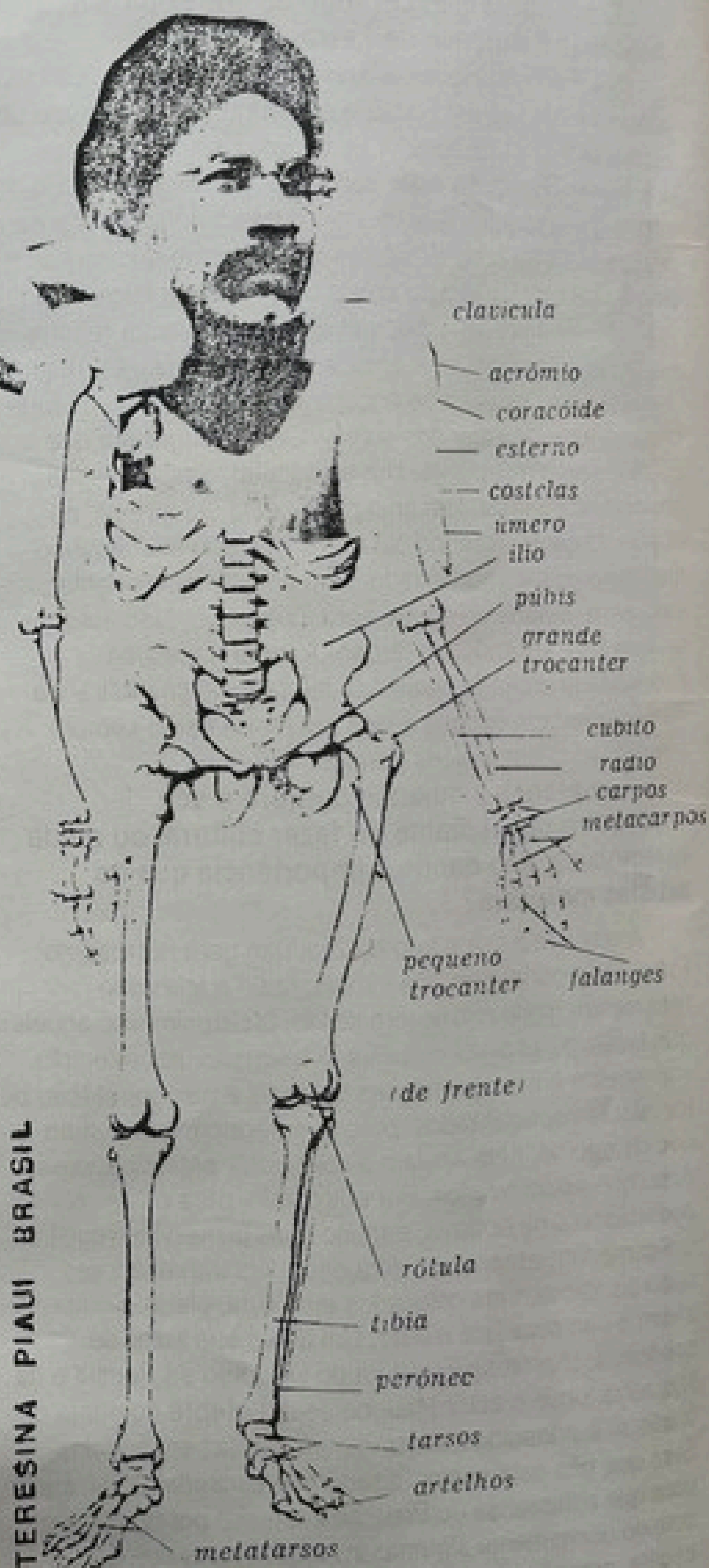
+ O senhor encontrou a União Brasileira de Escritores do Piauí sem nenhuma identidade. O que o senhor propõe para mudar esse quadro?

- Lutaremos por objetivos claros. Com os pés no chão, sabendo onde pisar. Sempre digo que tentar fazer arte no Piauí, é escolher um limite. A ousadia é tentar ultrapassar esse limite. Para tanto, começamos arrumando a casa, enquanto aprimoramos alguns projetos, como o da ARTE EM CARTAZ que fará circular nos ônibus, metrô, bares, universidades, poesia, contos, cartuns, charges, fotografias, etc, cuja experiência inauguramos no dia da posse e outras posses, o funcionamento da Cooperativa de Leitores que cadastrará interessados em adquirir obras e intercambiar com os escritores: America canta em Teresina, uma tentativa de redescobrir nossas raízes latinas, trazendo músicos e autores da Argentina, Uruguai, etc, venda e leilão de pacotes de livros, acompanhada da montagem da exposição poética REVISITAÇÃO, reunindo 59 poetas do Brasil e do Mundo. Proporemos emendas aos estatutos. Já iniciamos o recadastramento dos associados e a inclusão de novos sócios, com a substituição de carteira que dará direito a abatimento na compra de livros nas livrarias da cidade. Queremos uma sede para instalar a biblioteca do escritor, sala para as oficinas e, se possível, um bar, O Barco Bebado, em homenagem a Rimbaud, para adquirir receita para a entidade que recebemos com a irrisória quantia de cinquenta e dois mil cruzeiros, em conta do Banco do Brasil, agência central. Não temos mais tempo a perder. Você conhece a história da Aldeia de Negliunka, na Bielorrússia onde eram desterrados os monges rebeldes e os livres pensadores? Devido a pobreza da terra composta de pântanos e areais, a população levava uma vida desgraçada, ocupada entre outros ofícios, da tecelagem vendida nos mercados. Foi naquele recanto áspero que nasceu uma arte incomparável, as famosas toalhas de Negliunka. Exilado em meu próprio país, terminei cidadão teresinense, por conta própria, desde 1972. Sinceramente como não penso em mudar o mundo a partir do Piauí. É uma loucura pensar que daqui se pode mudar o mundo. Mas tentaremos confeccionar nossas toalhas, vendê-las, se possível, em nossos mercados, e ajudar a descobrir, quem sabe, que o Piauí não é só seca, enchente e solidão.

+ Depois que o senhor assumiu a UBE, nota-se grande interesse dos novos escritores em participar ativamente da entidade. Como o senhor explica essa mudança?

- Aceitei disputar a presidência da UBE na condição de compor eu mesmo o restante da diretoria, primeiro sem a participação de nenhum ex-diretor, depois, incluindo escritores que trabalharam comigo nos anos setenta, e que estavam fora da entidade por se sentirem inúteis dentro dela. Foram seis meses consecutivos de reuniões preparatórias para conseguir trazer de volta escritores comprometidos, sobretudo, com a atitude literária. Nelson Nunes, Chico Castro, José Pereira Bezerra, Laerte Magalhães, William Melo Soares, Hector Pellizi, Graça Vilhena, Suzana Prado, Marleide Lins Albuquerque, Geraldo Borges, Elias Paz e Silva, Domingos Dias, Aci Campelo, José Gerardo Marques, Perpétua Mary Neiva.

" O Piauí não é só seca, enchente e solidão"



Firmamos um compromisso de governabilidade. Todos terão papéis definidos nesta luta. A entidade não funcionará tão somente com o Presidente, Secretário e Tesoureiro. Uma portaria deslocou os membros efetivos e suplentes do Conselho Consultivo para um Departamento de Projetos Especiais que criamos, que já começa a funcionar.

+ Faça um resumo dos escritores e movimentos que surgiram nos anos setenta. O senhor encabeçou o movimento da Cirandinha do escritor Francisco Miguel de Moura?

- A pedra no sapato da literatura produzida no Piauí é, sem dúvidas, a realizada nas duas últimas décadas. Nunca se escreveu e publicou tanto como nos anos pós-69. E embora entenda que o julgamento é qualitativo, posso apostar em alguns bons rascunhos que certamente ficarão, muito melhores do que a maioria das obras publicadas no passado. O Piauí de quase um século de academicismo festeiro e plagiador, até aparecer a competência de um H Dobal, confirmada com a edição de TempoConseqüente. O primeiro poeta que rompeu completamente com o saudosismo doentio e atávico, com o mal da eloquência balofa e rogaçante, no dizer de Paulo Prado, na introdução da Poesia Pau Brasil, de Oswald de Andrade. Quanto a revista Cirandinha que teve o seu primeiro número publicado em 1977, não considero que tenha iniciado algum movimento. Foi mais uma revista lançada com a participação dos que escreviam à época, principalmente poetas, publicados um ano antes pelo livro Ciranda, com versos mimeografados.

+ O senhor parece desconhecer a sua inspiração de contista. Como vencedor de vários concursos no gênero, é difícil aceitar que o senhor não tenha um livro de contos publicado. Por que só a poesia? Existe alguma musa fora de órbita?

- Andei escrevendo e publicando alguns contos, algumas peças de teatro, até entender de uma vez por todas que fazer apenas uma coisa bem feita, no Piauí, já é um grande desafio. Assumi apenas o exercício da poesia, a meu ver, a mais profunda de todas as artes e manhas; Shelley, um poeta inglês do século passado, que soube caminhar na frente, disse que a poesia é ao mesmo tempo o centro e a circunferência do conhecimento. É aquela que contém toda a ciência. E toda ciência deve a ela recorrer, concluindo que a poesia é a raiz e florescência de todos os outros sistemas de pensamento. Já pensou qual seria a nossa situação diante da vida e do mundo se a poesia hebraica, por exemplo, tivesse desaparecido completamente? Mário Faustino que acreditou na poesia como força capaz de ensinar o ser humano a plantar e a colher sentimentos e palavras, afirmou que nenhum meio de comunicação ensina tão profundamente, de modo tão inesquecível, quanto a poesia. Só a poesia foi capaz de manter viva, ao longo dos anos, através de seus cantos, a experiência ancestral dos povos e nações. Que pedra de toque utilizaram os povos dispersos da Grécia antiga para descobrirem uma consciência helênica, além da Odisseia, de Homero?

**" A inspiração
é por demais medrosa,
não suporta a cesta do lixo,
nem o fogo"**

+ Como a sua mulher acompanha a vida do escritor Rubervam? Existe algum ciúme entre um poema e outro? Ou sua mulher é uma espécie de divã para o escritor?

- Eu e a poeta Carmem Lages construímos uma casa de revisitações poéticas e vivenciais, no bairro mais longe desta distanteresina, o Mocambinho Enfeitamos a rua e a calçada com adélias, anas, dalias, bugarins e pedras-palavras. Instalamos uma biblioteca no alto da casa. É de lá que olhamos o mundo. Nada melhor do que morar na mesma casa com uma poeta que sabe trocar idéias sobre o ofício da poesia.

+ Comentam que a sua mulher é uma espécie rara. Conte essa história.

- Você sabia que Carmem significa em latim, verso, poema, canto? A Carmem é uma pessoa linda. Carmem que se fez carne e se fez caminho e habitou em mim carminhamente.

+ E as noites, parece que o senhor conquistou o aval de varar as madrugadas à caça de enredo.

- Não sou tão chegado a noite. Prefiro o dia com sol e suor. Difícilmente frequento os bares de Teresina. Nas madrugadas que sempre invado, tenho como companhias, além de um anjo vestido de nuvens, com vagalumes de fogo nos olhos, que vem e vai da minha a sua poesia, uma lâmpada de 150 wats, livros, jornais, revistas e a conversa viva com escritores de todo o país, que mantenho através de cartas. Sobre a procura de enredos, tudo que tenho para escrever está guardado nas fotografias da memória, nas folhas de cartolinas, nos rascunhos guardados pacientemente, gravitando nas páginas do meu único livro individual, a Profissão dos Peixes. Se você se refere a inspiração, eu sempre disse que a inspiração não trabalhada, pode facilmente atrapalhar. A inspiração é por demais medrosa, não suporta a cesta de lixo, nem o fogo. Li recentemente uma entrevista do Camilo José Cela, onde ele diz que a inspiração é um subterfúgio para poetas e pessoas pouco trabalhadoras. Uma vez perguntaram a Baudelaire o que era inspiração, ele respondeu que era trabalhar todos os dias.

+ Fale do intercâmbio que o senhor mantém com os grandes escritores brasileiros?

- Mantenho contato com vários escritores. Tenho recebido e enviado cartas que se quisesse poderia publicar e causar surpresa aos escritores da terra. Verdadeiros tratados de arte e poesia. Estão todas encadernadas.

Tânia Jamardo Failace, Caio Fernando Abreu, Domingos Pellegrini Jr. Aristides Klafke, Ulisses Tavares, Nilto Maciel, João Bosquo, Eustáquio Gorgone, Artur Gomes, Araripe Coutinho, Célio Nunes, Wilson Bueno, Jorge Pieiro, Sérgio Campos, Carlos Loria, Dalila Teles Vera, Marta Gonçalves, Leila Miccolis, Livia Tucci, Ane, Tânia Diniz, Jomar Muniz de Brito, Claudius Portugal, Damário da Cruz, O. da Silva O. de Porto, Portugal, e tantos outros bons autores que não me lembro agora e que, infelizmente não são publicados nos cadernos da grande imprensa, por isso desconhecidos entre nós.

+ O senhor teve alguma perda no caminho no momento de editar a sua obra?

- Publicar livro no Brasil, sempre foi muito difícil. Nunca se criou um mercado para o livro, no Brasil. Por questões muito mais econômicas, dificilmente as grandes editoras sediadas no Rio e São Paulo apostam no autor novo. Em carta recente, o poeta Polibio Alves, da Paraíba, me dizia sobre as perenes ilhas culturais do nordeste, mantidas, inclusive, a troco do silêncio insano entre os agentes culturais da região. Segundo ele, a causa de tanta cegueira entre nós, não permitindo, dessa maneira, o testemunho crítico e útil do que acontece no momento, na poesia contemporânea. O Brasil só conhece o escritor piauiense se ele mudar daqui, for para o Rio ou São Paulo, ou cometer algum crime. Então fica difícil arrebanhar a clausura. A saída é via Deste Nor, como chamo o Nordeste. Apostar numa saída por aqui mesmo. Aproveitar o sol para semear a semente. Inventar alguma primavera Deste Nor. A Profissão dos Peixes foi publicado com o dinheiro do meu fundo de garantia.

+ Como o senhor analisa o concurso literário para novos escritores lançado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves?

- Todo incentivo do Poder Público aos que se lançam no mundo das artes e das letras, é válido. O que não aceito é essa história do Governo armar e desarmar o circo toda vez. Oscar Wilde deu um toque: "o estado deve fazer o que é útil, o indivíduo o que é belo".

**Oscar Wilde deu um toque:
"O estado deve fazer o que é útil, o
indivíduo o que é belo."**

DO PODER AO PODER

Elias Paz e Silva

A Geração pós-69 assumiu o poder literário no Piauí, destituindo a geração de 45 e outros passadistas desassumidos. A posse da nova diretoria da União Brasileira dos Escritores, secção Piauí (UBE-Pi), na noite do último 11 de março, representou o primeiro "round" da luta, com a marca que caracterizou a geração mimeógrafo, a irreverência e participação poético-político-existencial; depois de empossado no cargo, com toda a sua diretoria, o novo presidente da instituição, o advogado e poeta Rubervam Du Nascimento, se dirigiu ao microfone e convidou a mesa - formada por representantes de instituições públicas culturais e, até, por um desembargador - a voltar a ocupar seu lugar na platéia. Algumas caras ficaram abobalhadas, outras desceram obedientes e voltaram à platéia, para ouvir um discurso, de caráter épico e em tom de compromisso estético, social e político com a poesia e os escritores: Rubervam fez poesia, além de mostrar os seus objetivos para a UBE-Pi.

Até aos enfeites da mesa - com frutas tropicais como a banana, o abacaxi, o caju, entre outras como o piqui (regionalíssimo) e o bacuri - foram cuidadosamente planejados, para marcar a diferença e o sabor da posse, que teve, ainda, um leilão de um pacote de livros de autores piauienses e o discurso indignado de um autor local exigindo a doação dos livros. No leilão, não faltaram lances poéticos, como por exemplo os lances, que variaram em diferença de cinco a dez mil cruzeiros. O ator Fábio Costa garantiu a performance litero-leilãoística. Quase que se transforma numa festa tropicalista, quando o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, Kenard Kruehl, poeta e pesquisador da obra de Torquato Neto, fez pose de "abaixa-aqui" (ou abacaxi), para a foto histórica da nova diretoria da UBE-Pi.

A nova diretoria da UBE-Pi tem em seus "quadros" (relembrando as conotações políticas do vocábulo eivadas de guerrilhas existenciais, como PCBR, MR-8, VPR, POLOP, Violão de Rua, etc) os escritores que empunharam a bandeira do bem-virá das novidades estéticas na província de São José do Piauí, em plena década de 70! O próprio Rubervam, William Melo Soares, Chico Castro, José Pereira Bezerra, Laerte Magalhães (mais um cearense que veio aportar e conquistar o nosso rincão, com contribuição intelectual e estética salutar - experiências no Comboio, Porão, Há Vagas, etc). A eles, o presidente da UBE-Pi reuniu com o que há de melhor - em termos estéticos - na produção literária e intelectual piauiense: Nelson Nunes, Geraldo Borges, Marleide Lins Albuquerque. O Rubervam quer uma UBE-Pi independente, com sede própria, discutindo as grandes questões literárias nacionais e locais, investindo na formação e na valorização do escritor, além de, é claro, rigorosa na seleção de suas publicações, esteticamente rigorosa.



Enquanto a nova diretoria não põe as suas metas políticas e administrativas em prática - veiculadas na mídia impressa, acessível a qualquer consulta de arquivo -, o teresinense está sendo presenteado, diariamente, com uma poesia de qualidade: o projeto Arte em Cartaz, realizado pela instituição em convênio com a Prefeitura Municipal de Teresina, Fundação Cultural do Piauí e Universidade Federal, está fazendo circular, nos ônibus coletivos, a poesia de quatro poetas, a do próprio Ruvervam, a de Carmem Lages (sua "companheira"), de William Melo e do argentino Hector Pellizi (autor do projeto). Idéia salutar, quando a poesia de andar de ônibus custa os olhos da cara e do bolso.

PODER?

A UBE-Pi congrega 200 escritores (o conceito de escritor é um dos pontos a serem REVISITADOS pela atual diretoria), desde aqueles jornalistas, cuja veleidade é escrever poesia ou crônica vez em quando, até imortais da APL, alguns já falecidos - literariamente falecidos. Muitos deles poetas bissextos ou cronistas seculares ou semanares, que nunca sequer uma obra publicaram. Com esse poder de fogo - reciclado com a presença das novas gerações literárias locais -, a UBE-Pi promete dar o que falar, principalmente porque o seu projeto É RE-VISITAR, constituir um fio de continuidade, para uma geração de escritores piauienses e brasileiros, que sofreram uma ruptura histórica (a ruptura estética no Piauí já se iniciara com a geração Meridiano, contemporânea histórica da famigerada geração de 45) durante a ditadura militar.

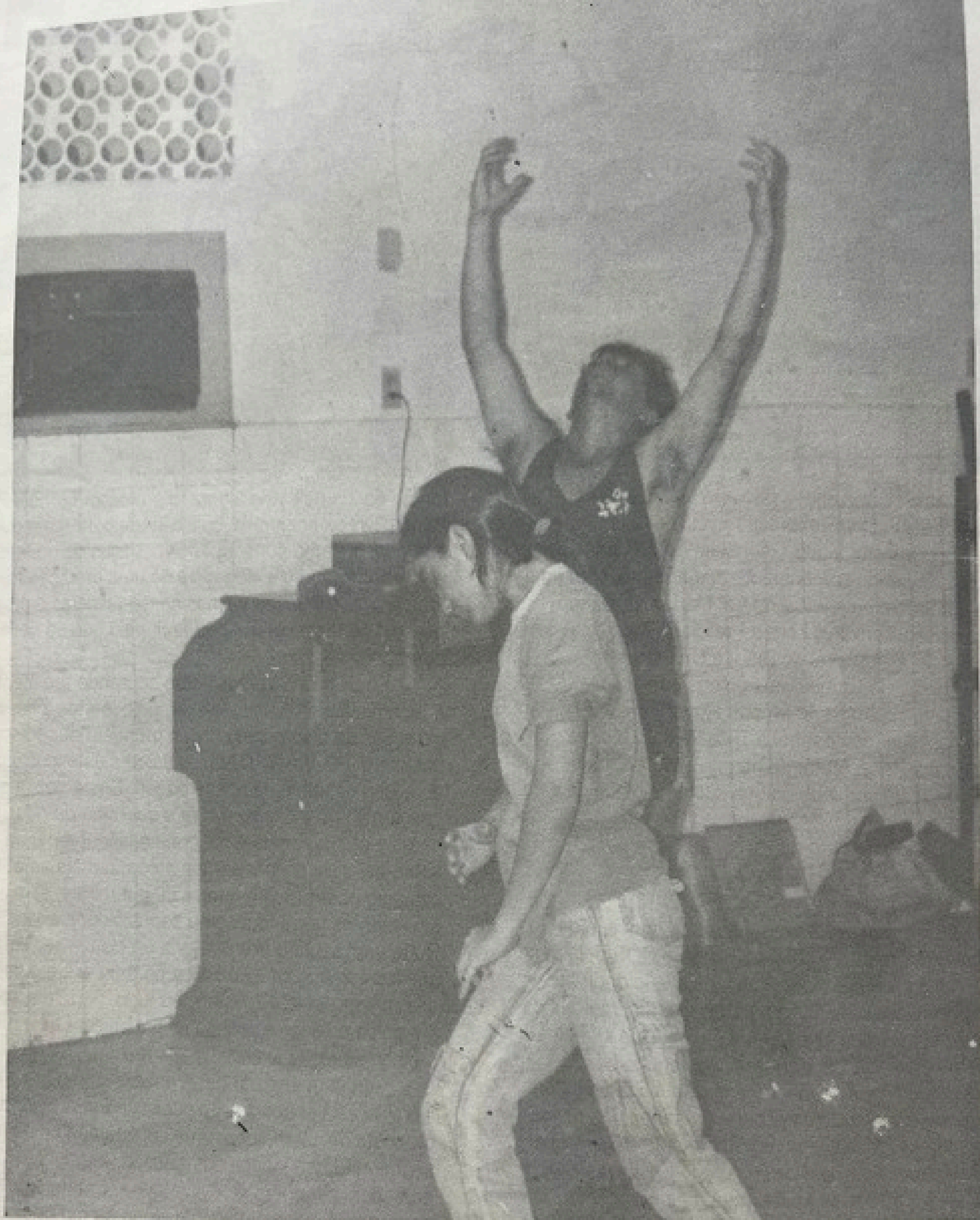
Interessante notar e anotar que as duas outras instituições que congregam os homens de letras e cultura no Piauí - A Academia Piauiense de Letras e o Conselho Estadual de Cultura - estão na mão de um dos representantes da geração meridiano, todos eles vestindo o

fardão da imortalidade, agora: o professor Manoel Paulo Nunes, um ex-comunista crítico literário, homem que optou estrategicamente por ocupar os espaços de poderes institucionais, com a elegância de uma erudição francesa a toda prova, e levar às últimas consequências o projeto pessoal de fazer cultura no Piauí, pelo que se pode perceber.

Se os novos ventos estão soprando realmente, o furacão da UBE-Pi deve mexer, pelo menos, com as novas gerações de piauienses, com a proposta de rediscutir, sob o prisma da RE-VISITAÇÃO, os valores estéticos e políticos do nosso estado e da nossa nação. Desta vez, a geração que constatou a ditadura com a guerrilha de poesia nos bares e na rua, top-less na praia e lançamento de poesia de sobre os edifícios, parece ter chegado mais amadurecida e sábia ao poder (numa guerra de guerrilhas, sem movimentos porra-loucas ou esquizóides): advogado, Ruvervam sabia que a diretoria precisava ser empossada, juridicamente, com a constituição da mesa e componentes da outra diretoria. Providenciou tudo, para, em seguida, dar um golpe estético e político na mesmice. Lênin não faria melhor, se ainda tivesse "o que fazer".

Agora, é esperar para ver. Se uma nova geração de literatos está chegando ao poder no Piauí, com uma proposta de estabelecer uma continuidade estética segmentada ao longo dos anos, a reação inevitável das gerações anteriores se evidenciará. Então, sobram a cooperação ou o conflito, o diálogo ou o monólogo, como estratégia de interação inter-grupal (os muitos que existem numa província, inclusive os blocos do eu-sozinho - não confundir com o bloco histórico de granschi). A próxima geração, ou as próximas gerações, é que farão a peneira histórica, reavaliando os fios de continuidade de tradição e ruptura, presentes no fazer literário - indissociável do existencial - da geração outrora alternativa marginal.

Por enquanto, nunca é demais "olhar com os livres".



Pelo gesto leve, delicado, preciso mas não
medido - a busca da palavra.

Aqui, no depoimento de Ismênia Reis, o relato
da experiência onde a biodança é instrumento
para a expressão dos sentimentos; em que
uma realidade inabordável, através da palavra,
surge liberta e repleta de significados.

BIODANÇA E PRODUÇÃO DE TEXTO

Ismênia Reis

Professora de Redação - UFPI
Facilitadora em Biodança

Enquanto professora de redação tenho buscado procedimentos que viabilizem a expressão verbal dos alunos, que lhes possibilitem dizer sua palavra, não uma palavra vazia, estereotipada, mas uma palavra "grávida do mundo" como lembra Paulo Freire.

Ao aprender a falar, em sua interação social, a criança inicia a dizer coisas significativas, com função na realidade. Exprime o que quer, o que sente, o que pensa. É a palavra-desejo, a palavra-sentimento, a palavra-pensamento.

Esse estado mantém-se mais ou menos conforme o grau de liberdade do meio em que a criança vive.

Na escola, via de regra, além de ter a sua palavra reprimida, impõe-se ao aluno a palavra pela palavra, a palavra que falseia a realidade ou que o remete a uma realidade por ele desconhecida: é a palavra vazia, pois sem a significação que o mundo lhe confere.

Vendo na Biodança um instrumento capaz de resgatar a palavra significativa, propus-me a desenvolver uma experiência em que associo o movimento corporal e criação de texto.

Embora o Sistema Biodança seja bem mais amplo, a minha escolha justifica-se pelos seguintes pontos:

- 1º. A Biodança é uma pedagogia que acredita no desenvolvimento humano a partir do estímulo do lado saudável de cada pessoa;
- 2º. Pressupõe, para a evolução, um grupo acolhedor, em que cada membro aprende o auto-respeito e o respeito ao outro;
- 3º. Considera o homem como ser integral, sem dissociações - corpo-mente, corpo-alma;
- 4º. A Biodança parte da vivência;
- 5º. Considera cada pessoa como sujeito de sua aprendizagem.

Embora a Biodança constitua a base sobre a qual tento edificar a experiência, outras propostas contribuem no que se refere ao processo de criação do texto e da linguagem.

Recorro ao método criado por Samir Curi Meserani, à proposta de Carlos Franchi e aos estudos de Jakobson sobre funções da linguagem.

Samir Curi Meserani, em seu empenho de despertar e desenvolver a criatividade do aluno propõe técnicas que visam desinibi-lo, preparando-o para o ato de escrever. Estimulam a fluência, a flexibilidade verbal e a originalidade.

Carlos Franchi, partindo de uma visão crítica ao ensino tradicional de língua, em que se impõe ao aluno uma série de regras gramaticais, dissociadas do uso, propõe uma prática pedagógica que parte da linguagem real dos alunos, na qual vão descobrir, através da operacionalização e da reflexão, a flexibilidade do sistema linguístico, o poder e a criatividade verbal de cada um.

Sobre os estudos de Jakobson, interessou-me o da função poética da linguagem, a que se centra na mensagem.

Interessa, à construção poética, a seleção e combinação dos elementos lingüísticos. Importa não somente dizer, mas como dizer. E nesse fazer, valem o estranhamento, a ambigüidade, a sonoridade, a rima, o ritmo, a metáfora. Recursos esses utilizados não somente na poesia, mas no cotidiano e na publicidade. Veja-se, por exemplo, um "slogan" do guaraná Antártica: "Sede feliz".

Essas bases - movimento, corpo, vivência, criatividade, reflexão lingüística - podem facilitar a expressão verbal dos alunos, ponto de partida para o desenvolvimento de seu potencial lingüístico, considerando este, não isoladamente, mas interligado a outros potenciais humanos, como inteligência, sensibilidade...

Desenvolver o potencial lingüístico das pessoas, eis a tarefa do professor de língua.

Esta tarefa, entretanto, não se cumpre através da decoreção de regras gramaticais, muitas delas em desuso. Por que uma criança de 2ª série do 1º grau há de aprender "vós estudais"? De pouco adianta, também, o estudo da língua através de conceitos, às vezes mal formulados ou incompletos - sujeito é o ser do qual se declara alguma coisa, mas em "o brinquedo, o menino quebrou", o conceito se aplica a "o brinquedo" enquanto o sujeito é "o menino".

O estudo das regras gramaticais só tem sentido se estiver em função de uso: quer na expressão, quer na compreensão de enunciados lingüísticos. Assim, o ensino da gramática será adequado à idade, ao meio cultural e às necessidades dos alunos.

"O ensino de língua deve estar à serviço do desenvolvimento humano"

Sobre o ensino de língua, existe, ainda, um grande engano: considera-se gramática igual à língua (são muitas as pessoas que dizem saber português - referindo-se à gramática do registro das classes dominantes). Língua, no entanto, é mais que regras gramaticais. São as palavras, as suas significações (significados e sentidos), as suas variações e possibilidades de combinação. São os vários torneios sintáticos disponíveis e adequados a situações diversas. É o texto com suas regras, flexíveis, de composição.

E aprender língua é aprender a elaborar o pensamento, a ler o mundo; a ouvir e entender a leitura de outros, abrindo-se (e não se fechando preconceituosamente) à linguagem dos vários emissores com os quais lidamos cotidianamente. É reler o já lido, descobrindo a plurissignificação de um texto, num processo de reflexão sobre a língua e o mundo. É organizar as idéias na elaboração de um texto; descobrir, em leituras e produções, as significações e variações das palavras e das construções sintáticas. É recriar enunciados, percebendo a riqueza dos recursos lingüísticos. É aprender a dialogar e a expressar-se poeticamente.

O ensino de língua, portanto, pode estar a serviço do desenvolvimento humano, pois que, nesse rico processo de aprendizagem, em que cada aluno se torna sujeito, enquanto emissor e receptor, descobre ele o seu potencial lingüístico e o desenvolve, compreendendo a língua não como uma entidade externa, superior aos indivíduos (ou essa coisa complicada que faz crer a maioria dos professores de português, também eles vítimas do ensino), mas vendo a língua como produto da construção humana, que possui função pessoal e social: a expressão e a comunicação das pessoas, entre as pessoas, na construção de sua realidade.

Nesse processo, ganham aluno e professor, porque se libertam do modelo tradicional, autoritário, de ensino e se enveredam por um caminho de descobertas, de expansão, de criatividade.

"Criatividade verbal é revelar-se através da palavra"

Consiste a proposta em aplicar Biodança à área de criação de Texto, com o objetivo de facilitar ao aluno a expressão de sua criatividade verbal escrita, entendendo criatividade no sentido que a define Rolando Toro:

"o ato criador por excelência é parir-se a si mesmo".

Assim, criatividade verbal é revelar-se através da palavra, em que se conjugam a emoção e a ação sensível do córtex, promovendo um ato novo, não somente para quem recebe, mas também para quem o faz.



Para a organização da experiência a se desenvolver, propõem-se dois momentos:

- a) o da vivência através da Biodança
- b) o de criação de textos

A estruturação do primeiro momento orienta-se por dois objetivos:

- a) a integração sensível do grupo
- b) o desenvolvimento da criatividade

A integração do grupo ocorre através de exercícios básicos da Biodança: sincronização em par, entonia, danças com feedback, brincadeiras, fluidez em grupo, encontros.

O desenvolvimento da criatividade baseia-se na proposta de Rolando Toro resumida no seguinte quadro:

1ª etapa:	2ª etapa:	3ª etapa:	4ª etapa:
Expressão Primal	Integração Yin-Yang	Comunicação Expressiva	Elaboração Criativa

O segundo momento compõe-se de três fases, que também se interpenetram

1ª fase	2ª fase	3ª fase
Desinibição do ato de escrever	Criação de texto	Reelaboração de texto

Na primeira fase, com o objetivo de preparar o aluno, estimulam-se a fluência verbal, a integração sensitivo-motora, através de exercícios de associação livre, desenhos induzidos por música, escrever sobre situações inusitadas.

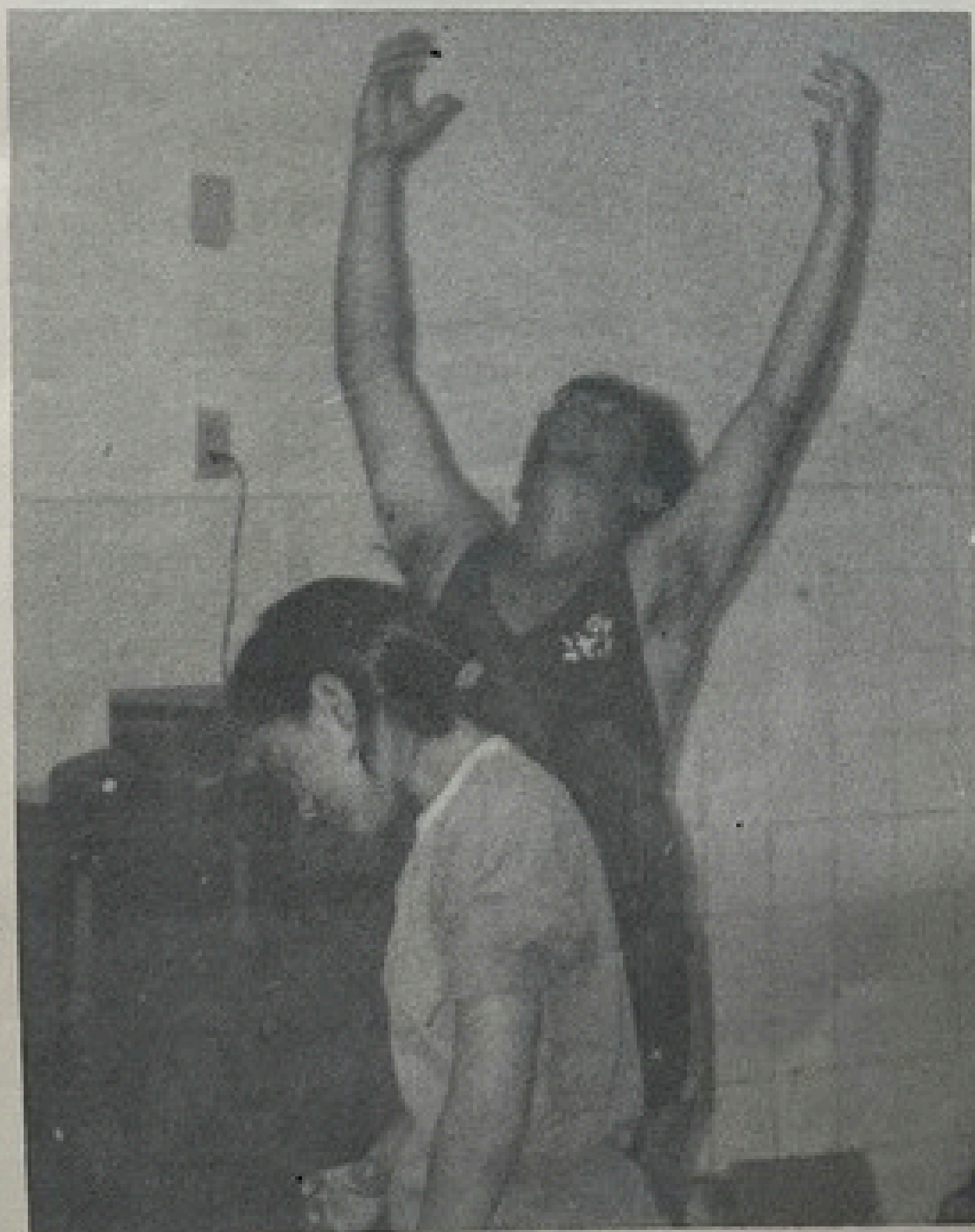
Na segunda etapa o aluno cria textos sem uma preocupação com a forma, mas com a expressão substantiva, significativa. O que aqui se deseja é a produção da matéria a ser utilizada na terceira fase.

Nesta fase, o sujeito busca uma adequação formal. Reelabora seus textos, selecionados por ele. Avalia o resultado conjuntamente com os outros participantes: é o processo do artesão, que cria e recria, limando, aperfeiçoando sua obra.

Resumindo: Na primeira fase, preocupa-se com o **sujeito criador**; na segunda, o **processo em si**; na terceira, a **obra**, embora tudo isso seja apenas uma questão de enfoque didático; na realidade esses três elementos remetem a um único fenômeno: o da criação.

O desenvolvimento do processo parte do movimento corporal, dirigindo-se aos objetivos propostos, introduzindo-se o momento de criação de texto na 3ª etapa: o da comunicação expressiva.

Quero salientar que, considerando o tipo de experiência, nova, numa linha em que não se pode (e nem se deve) prever, os resultados tendem a ser dos mais diversos e pessoais, cabendo ao experimentador mais descobrir do que buscar resultados previstos.



Consideremos, agora, a evolução dos alunos através da comparação de textos.

a) "Triste e com medo de enfrentar a vida, de amar e de fazer amizades profundas".

Em 27-05-91

"Um toque, calor humano, sinal de vida Pulsante, ardente".

Em 03-07-91

Esses dois trechos de uma aluna novata em Biodança, mostram uma mudança não apenas no conteúdo, mas também na linguagem: no primeiro predomina a função emotiva, o segundo apresenta marcas poéticas.

b) Um outro aluno, que apresentava no início textos em linguagem referencial, em estilo repetitivo e circular, aprendeu a ser expressivo e simples:

"A emoção e vida estão intimamente ligadas. Viver é procurar descobrir o que existe de bom e ao mesmo tempo conhecer a si mesmo para viver melhor. A emoção está presente em todos os momentos da vida".

Maio 91

"Ah! Que bom tocar tuas mãos
Quanta energia
Que calor gostoso
Uma vontade de não parar
Há uma comunicação intensa entre nossos dedos
Nossas palmas vibram
Há uma fusão das partes
Que se difundem pelo corpo
E termina no olhar".

Julho/91

c) "Ao contemplar o cair da tarde vejo quão grandiosa é a natureza"

"Sinto-me abrindo os braços como se fossem asas".

Maio/91

"A natureza faz parte de ti
A natureza faz parte de mim
O universo está em nós".

Junho/91

Comparem-se com:
"A natureza em ti, em mim
O universo em nós".

Julho/91

"Ah, teu olhar
mistério, encontro, presença".

Os textos finais dessa aluna mostram uma linguagem melhor elaborada, substituindo uma forma mais linear, analítica por outra mais sintética, de maior efeito poético.

d) Resta avaliar o último dos quatro alunos que chegaram ao final.

Este, poeta, mais ensinou-nos que aprendeu. Há, entretanto, um texto produzido por ele, a "frio", conforme a sua declaração, que demonstra a força da vivência no processo de criação de texto.

O aluno não participou das vivências preparatórias, criou seu texto a partir da leitura dos poemas.

"Eu quero um amor gigante na sua simplicidade. Alimentado pelo dia-a-dia onde não haja superior, mas onde sejamos cúmplices do mesmo ideal: Amar. Amar sempre..."

Compare-se com o seguinte, induzido por música:

"De encontro é que se faz o início

com o ar

com a terra

com o mar

e seguir neste caminho

onde tudo se fez belo

onde tudo se faz belo

como o pássaro que voa".

O testemunho dos alunos demonstra que a experiência despertou o interesse por leituras de textos poéticos e pelo próprio fazer poético, além de facilitar a comunicação entre eles.

Este fato induz-me a uma reflexão sobre a prática pedagógica, nas escolas, que visam incentivar a leitura de poesia (ou outros textos literários) a partir da leitura dos poetas consagrados, o que nem sempre se traduz em sucesso, porque além de autoritária, a sua base não está na experiência pessoal dos alunos. Quando este passa, ele mesmo, a ser o poeta, naturalmente surge (ou pode surgir) o interesse pela leitura de outros poemas.

Finalizando, quero ressaltar que os resultados positivos dessa experiência se devem sobretudo aos próprios alunos, que se tornaram sujeitos de sua aprendizagem, e que esses resultados constituem, para mim, um ponto de partida para incursões pelo caminho que conduz à liberdade da expressão verbal, construtiva, saudável, uma vez que se comprovou, pelos textos criados, ter a vivência o poder de deflagrar a expressão verbal, de resgatar a palavra plena de sentido.



BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler: Crônicas*. São Paulo: Ática.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 1987.

FRANCHI, Carlos. *Criatividade e gramática*. In: *Trabalhos em lingüística aplicada*. Vol. 9, Campinas: UNICAMP, 1987, p. 5-45.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1982.

MESERANI, Samir Curi. *Criatividade*. Vol. 5, São Paulo: Impres, 1972.

MORAES, Vinicius. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Cia José Aguilar Editora, 1968.

TORO, Rolando. *Teoria da biodança: a conspiração do amor*.

Textos organizados por César Wagner de Lima Gois e reproduzidos pela Escola de Biodança do Ceará.

A partir desse número a revista "Cadernos de Teresina" planta o verde em suas páginas. A Página Verde é um espaço reservado à informação e à discussão de temas ambientais e conta com a colaboração da Secretaria Municipal do Meio-Ambiente.

Após quase um ano da realização da Conferência Mundial sobre Meio Ambiente, a ECO-92, no Rio de Janeiro, muito pouco efetivamente aconteceu. Os crimes contra a natureza, que colocam em risco a vida no planeta, mantêm-se na mesma escala de avanço.

Tratados e Convenções foram assinados por dezenas de Chefes de Estado, a maioria continua como promessa de ação, escrita no papel. Mas estes documentos são uma vitória ecológica, através deles o processo gradual de destruição do meio ambiente poderá ser, se não barrado, reduzido a níveis aceitáveis.

A implementação dos Tratados e Convenções depende da postura de cada nação em cumprir os compromissos adquiridos com a assinatura dos documentos. Mais importante do que isto, ainda, é a postura dos cidadãos em cobrar, utilizando os instrumentos legais, a concretização dos avanços. Além da cobrança, espera-se uma atitude pessoal dos membros da sociedade em evitar as agressões contra o ecossistema.

Conquistar esta atitude passa pela necessidade de promover uma educação ambiental junto à população.

Infelizmente, poucas pessoas têm consciência ou reconhecem sua real dimensão no planeta. O homem precisa sentir-se parte do meio ambiente e saber que este determina suas condições de vida.

Por isso, lutar pelo cumprimento dos Tratados e Convenções da ECO 92 não é lutar por ideais e, sim, pela vida, pelo direito de viver bem e desfrutar das riquezas naturais. Comece já a engrossar a fileira dos que defendem a vida. Repense seus modos e costumes, como, por exemplo, jogar lixo no chão, fumar ou arrancar sem necessidade um galho de árvore.

Coisa Séria

Agora, em Teresina, existe uma Secretaria Municipal encarregada do assunto. O objetivo é educar, promover, fiscalizar e controlar ações que vão manter o equilíbrio ecológico na nossa cidade. Além disso, uma das metas do órgão é a participação comunitária nos projetos desenvolvidos. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente possui Assessoria Setorial de Planejamento, Departamento de Educação Ambiental, Departamento de Fiscalização e Controle, Museu de História Natural e o Conselho Municipal de Meio Ambiente. A sede da Secretaria fica no Parque da Cidade, avenida Duque de Caxias, s/n.

Floresta Fóssil

A Floresta Petrificada do rio Poti, bairro Ilhotas, é Área de Preservação Ambiental Permanente, depois do Decreto Municipal Nº 2.195, que cria o Parque Municipal da Floresta Fóssil do rio Poti. Isso significa que qualquer atividade que traga danos à floresta é proibida. Caso ocorra, os responsáveis serão punidos de acordo com a lei nº 4.771, do Código Florestal, que prevê multas e reparação.

A Floresta Petrificada tem mais de 200 milhões de anos. São 60 troncos fossilizados que datam bem antes da extinção dos dinossauros. Alunos e professores das universidades federais do Piauí, Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco e São Paulo vêm realizando estudos e pesquisas na área.

Mais Verde

As margens do rio Parnaíba, em breve, vão contar com 20 mil novas árvores. As mudas já foram plantadas ao longo de 20 Km do lado do Piauí e 20 Km do lado do Maranhão. São espécies nativas e exóticas aclimatadas, tipo Pau d'água, Ingá, Mamorana e Bambu. Com o plantio pretende-se evitar o assoreamento das margens e salvar o Velho Monge.

O trabalho de plantio envolveu técnicos e trabalhadores rurais e faz parte do Projeto de Recuperação das Áreas Degradadas em Matas Ciliares da Bacia do Rio Parnaíba, desenvolvido pela Fundação Rio Parnaíba em convênio com o Ministério do Meio Ambiente.

Esta é a segunda etapa do Projeto, a primeira aconteceu em janeiro do ano passado, quando foram plantadas 60 mil mudas. Além do plantio, um trabalho de educação ambiental é realizado, principalmente junto à comunidade ribeirinha, com o objetivo de preservar a vegetação das margens através da conscientização. Nesta atividade são utilizados cartazes, cartilhas, placas e palestras em escolas.

Ligação Direta

A população dispõe agora de um telefone exclusivo para fazer denúncias de atos praticados contra o meio ambiente. O telefone funciona na Fundação Rio Parnaíba, organização não-governamental do Piauí. É o Telefone Verde, que atende pelo número 223-7015.

Marcelo Lopes

A política de áreas verdes para Teresina, está contemplada pela legislação urbana municipal, através das leis do II Plano Estrutural de Teresina, Uso e Parcelamento do Solo e Preservação Ambiental, aprovadas em 1988.

As principais medidas normativas dessas leis consistem na reserva, garantia e sistematização do uso e ocupação dos espaços verdes.

Pelas leis de uso do solo obteve-se o zoneamento da cidade, com a definição de uso e funções urbanas, conforme as características predominantes: áreas residenciais, comerciais, industriais, institucionais e de preservação ambiental.

A Lei de Parcelamento do solo garante 35% das áreas de loteamento para instalação de equipamentos urbanos e sociais, sendo 10% deste percentual reservado para implantação de áreas verdes (praças e equipamentos de lazer).

A Lei de Preservação Ambiental cria 08 (oito) zonas, sendo 03 (três) referentes à áreas de proteção do patrimônio arquitetônico e cultural. As demais constituem-se de áreas verdes agrupadas nas seguintes categorias: áreas consolidadas (praças públicas e vias arborizadas); Terrenos de loteamentos destinados à implantação de praças públicas e equipamentos de lazer; áreas de Parques (privadas); áreas inundáveis, encostas e terrenos marginais aos rios.

A maioria dessas áreas encontram-se descaracterizadas, desprovidas de seus elementos naturais, invadidas e utilizadas para fins incompatíveis com a sua função.

Instalam-se favelas, atividades comerciais, serviços e atividades industriais, ocorrendo principalmente nos terrenos marginais aos rios e lagoas e nas reservas de áreas verdes dos loteamentos e de conjuntos habitacionais. O que contribui para aumentar a carência de áreas verdes para as necessidades atuais e futuras da população.

Na consolidação do verde, a arborização assume uma grande importância: ajuda a recompor o equilíbrio biológico, pois a árvore é responsável pela produção de oxigênio, indispensável ao processo respiratório, contribui na purificação do ar, proporciona sombra e ameniza o clima.

Dessa forma a política de áreas verdes não busca efeitos meramente estéticos, mas uma necessidade de melhoria da qualidade de vida, sendo necessário não apenas a existência de leis, mas a implantação, o controle, a preservação dos espaços e a educação ambiental da população.

Preservação ambiental. O que antes parecia um sonho de ecologistas utópicos transformou-se nas últimas décadas em palavra de ordem de cunho popular e planetário. Há, de fato, uma preocupação crescente que se traduz em projetos de empresas governamentais, não governamentais e na ação direta de indivíduos isolados, no sentido de promover a melhoria das condições de vida baseada no equilíbrio do ecossistema.

E é nas cidades onde há as grandes concentrações humanas. A preservação das áreas verdes e a manutenção das praças como espaço democrático e ecológico é uma via concreta para a realização desse sonho.

* Pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo, conforme dados processados pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, indica que 10% do total de praças existentes na cidade encontram-se invadidas.

de Teresina
CADERNOS

Suplemento

de Teresina
CADERNOS

**UM
SANTEIRO
E A
ARTE
DA
IMORTALIDADE**

A NOITE ENCONTRA MARIA INSONE, PREOCUPADA



MARIA VENTURA
ME DÁ MIA FUSSUR
QUE TU TIRISTES
DE MINHA SEPULTURA
MEU DEUS!
ESTA VOZ...
QUEM SERÁ?

MARIA VENTURA
ME DA' MI'A FUSSURA
QUE TU TIRASTES
DA MINHA SEPULTURA
QUE EU JA ESTOU
NA COZINHA

Ó M.
PRA Q
VIOLA
DAQUE
E A'

Ó MEU DEUS!
PRA QUE EU FUI
VIOLAR A COVA
DAQUELA MOÇA?
E AGORA?

MARIA VENTURA
ME DA MIA FUSSURA
QUE TU TIRASTES
DA MINHA SEPULTURA
QUE EU JÁ ESTOU
NA SALA.

SÓ
CASTIGAR
DO DEUS
QUE EU
MIM
ME

SÓ PODE SER:
CASTIGO, TENTAÇÃO
DO DEMÔNIO. O
QUE VAI SER DE
MIM O ME PERDOA
MEU DEUS.



MARIA VENTURA
ME DA' MI'A FUSSURA
QUE TU TIRASTES
DE MINHA SEPULTURA.
QUE'U JA' VOU TE PEGAR!

NA
POR

NÃO!
POR FAVOR.

MARIA, ACORDA. V. ESTAVA TENDO UM PESADELU

EU JA VOU SAIR PARA COMPRAR A FUSSURA!

FUSSURA... AINDA BEM QUE FOI SO UM SONHO.

EU JÁ VOU
SAIR PARA
COMPRAR A
FUSSURA!

RUSSURA...
AINDA BEM QUE
FOI SO UM SONHO.



KARINE GALLAS

Nasceu em Caxias-MA. e cursa Artes Plásticas na UFPI. Já desenvolveu trabalhos com pinturas mas, desde 1990, dedica-se à escultura que retrata mais fortemente a anatomia humana. Em setembro deste ano participou de uma exposição coletiva, dentro do projeto Chapéu de Couro, do SESC, e da mostra de trabalhos de artistas piauienses, no aniversário do Teatro 4 de Setembro.

**MESTRE
DEZINHO**

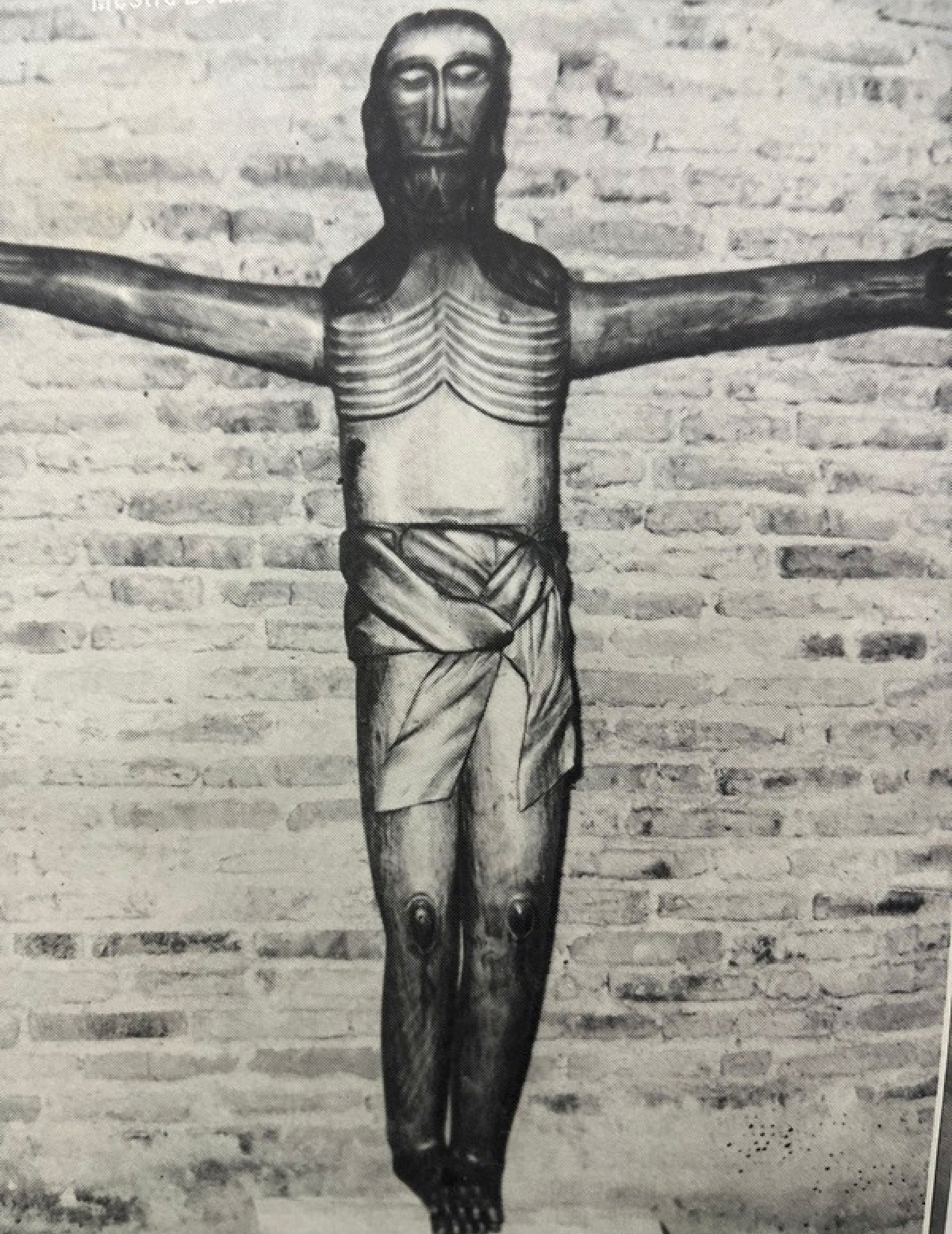
**UM
SANTEIRO
E A
ARTE
DA
IMORTALIDADE**





O olhar acompanha o movimento das mãos - os gestos são precisos e seguros. É que mestre Dezinho não tem diante de si um pedaço de madeira. Visionário, é uma escultura o que ele vê. Os rasgos na madeira são para nós, apreciadores de sua arte da imortalidade.

Mestre Dezinho - um santeiro e a arte da imortalidad.



Mestre Dezinho é um filósofo. Um filósofo do cotidiano e das mazelas diárias. Não é difícil perceber isso - basta trocar algumas palavras. O tom satírico e bem-humorado denunciam o talento de um bom proseador.

A visão que tem da arte, de si próprio e da vida pode até produzir boas gargalhadas mas, bem mais que isso, induz a referências humanas universais-o homem na busca de si mesmo e o difícil percurso dessa senda.

José Alves da Silva nasceu a 22 de março de 1916. O cenário do nascimento nos parece familiar: "nasci numa esteira, num couro de boi". A cidade, Valença do Piauí, tipicamente interiorana-a vida correndo lenta, a feira marcando o único dia de grande movimento na monotonia.

Dona Antonia Maria da Silva, modista conhecida, e Aristides Alves de Oliveira tiveram o seu sétimo filho, três ainda viriam, e nem sequer imaginaram que de uma existência pacata e simples surgiria o artesão que ganharia mundo para projetar o nome de seu estado internacionalmente.



"Lá em casa nem gato tinham."

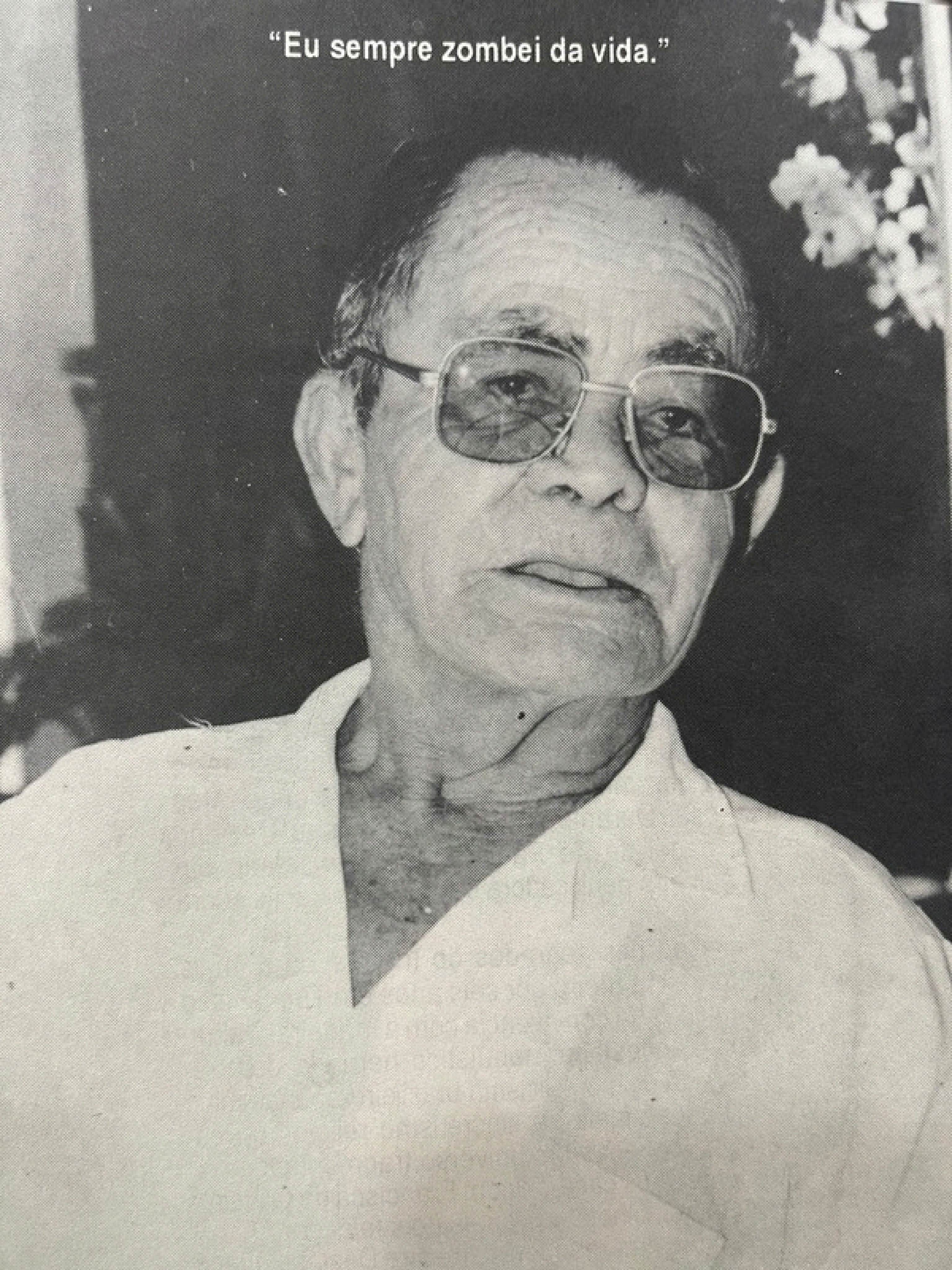
O sentido do talho na madeira sempre foi esse - o da sobrevivência. Dos dezoito aos vinte anos trabalhou como ajudante de carpinteiro do pai fornecendo portas e janelas para dez municípios vizinhos à Valença. Mas não foi só isso. Durante muito tempo mestre Dezinho assumiu o papel de Zé Padeiro, tendo instalado em Valença a primeira panificadora da cidade-a Panificadora São José.

A iniciação nos segredos do trigo levou-o, mais tarde, a tornar-se padeiro por seis anos em Timon. Isso não o afastou de sua convivência com a madeira. Talhava ex-votos-manifestação tabuística herdada dos negros e absorvida pelo catolicismo brasileiro- apenas mais um dos diversos sinais de sincretismo religioso. Pés, mãos, braços, cabeças-um universo fragmentado.

Aos vinte anos casa-se com Francisca de Oliveira, com quem teve 8 filhos, dos quais dois faleceram.

De espírito empreendedor, mestre Dezinho nunca

“Eu sempre zombei da vida.”



se deixou aniquilar pela, subliminar mas inarredável, falta de perspectiva que povoa secularmente as pequenas cidades nordestinas.

Era o momento de procurar novos caminhos. O filho mais velho, Jessé, precisava continuar os estudos. E disso mestre Dezinho não abria mão-a possibilidade dos filhos conquistarem novos horizontes parecia-lhe possível apenas através da cultura, do saber que ninguém arrebatava.

A decisão veio fácil. Em 1961 mestre Dezinho-alcunha adquirida ainda em Valença-chega a Teresina para morar na rua Simpício Mendes trazendo a família e um grajal com quarenta e duas galinhas e um galo. "Logo no primeiro dia fui visitado por um ladrão. Adeus grajal, adeus galinhas. Mas eu sempre zombei da vida; é pra frente que a vida anda."

Ao chegar a Teresina já tinha garantido lugar como vigia da praça da Vermelha, mas continuava com a

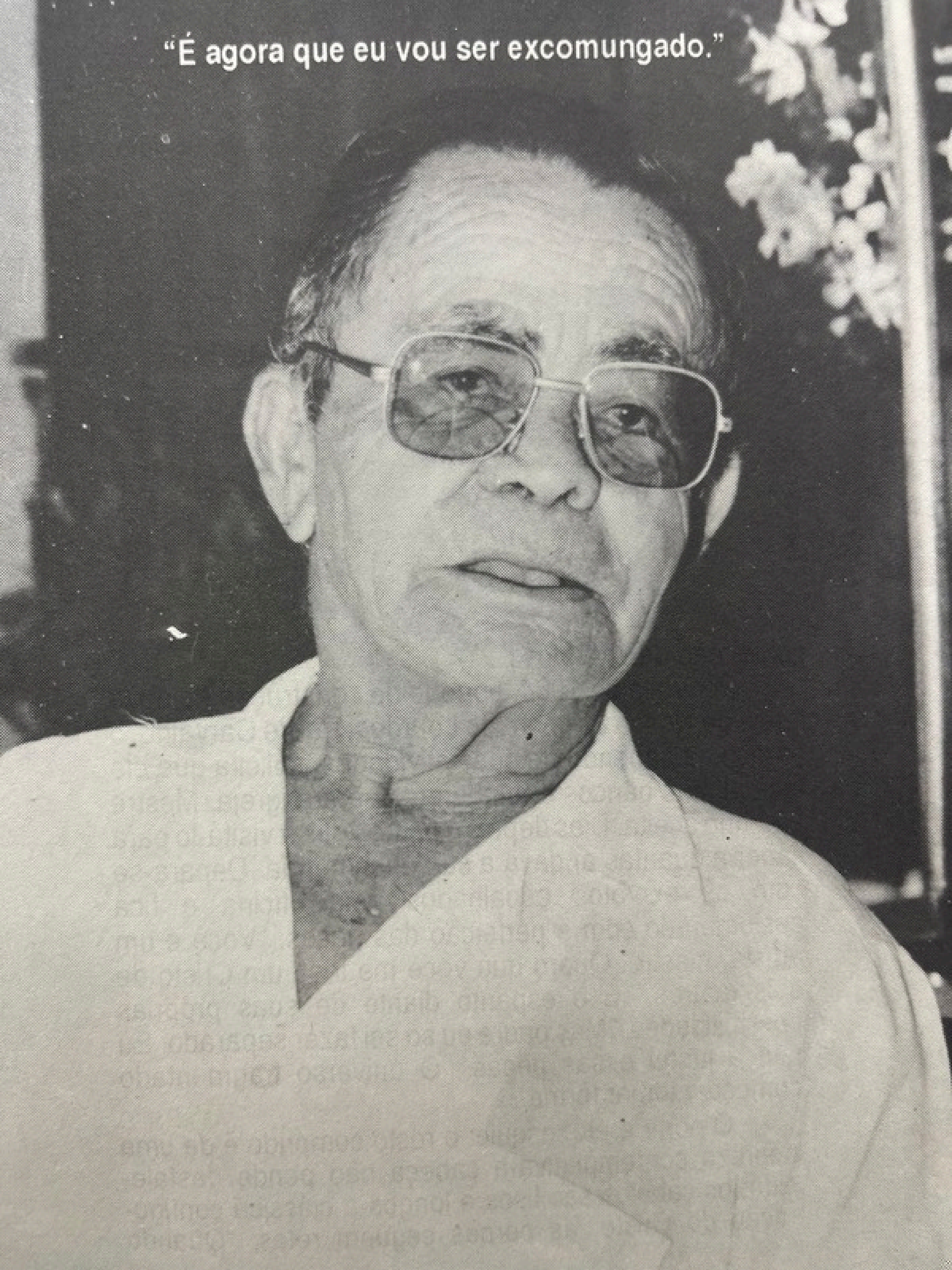


confeção de ex-votos.

Por volta de 1964, período da construção da nova igreja de Nossa Senhora de Lourdes, Padre Carvalho, o pároco, já sabendo de suas atividades, solicita que ele faça alguns bancos e tamboretos para a igreja. Mestre Dezinho aceita. Dias depois o padre volta a visitá-lo para saber a quantas andava a sua encomenda. Depara-se com os ex-votos espalhados pela oficina e fica deslumbrado com a perfeição das peças: "Você é um artista, mestre. Quero que você me faça um Cristo de dois metros." E o espanto diante de suas próprias possibilidades: "Mas padre eu só sei fazer separado. Eu nunca juntei essas peças." O universo fragmentado começa a tomar forma.

O porte ereto, esguio; o rosto comprido é de uma nobreza contemplativa-a cabeça não pende desfalecida; os cabelos são lisos e longos-a clássica configuração do Cristo; as pernas seguem retas. "Quando

“É agora que eu vou ser excomungado.”



chegou a hora de por um pé em cima do outro foi engraçado. Eu tentei de todas as maneiras. A madeira não ajudava, acabei desistindo e o Cristo ficou assim mesmo. É original. É o único Cristo crucificado do mundo que tem os pés emparelhados."

No dia da entrega da peça o Padre Carvalho ao invés de recebê-la, encomenda duas a mais-Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernadete, de joelhos, a seus pés. Mestre Dezinho, incrédulo: "Mas, padre, as imagens da igreja são tão bonitas, delicadas, finas mesmo. O senhor vai querer trocar aquelas imagens por essas aqui?"

Como os ex-votos diluídos na fragmentação, as profissões do mestre se uniam nesse momento numa só-ele era um escultor.

As peças agora formavam um todo uniforme, assim como já era possível divisar uma personalidade sólida de artista. Havia em suas esculturas uma marca pessoal. Havia estilo. A representação das divindades-anjos antropomórficos-e santos cristãos surgiam de suas mãos em formas límpidas, de faces lisas e beleza impassível. Não era um santeiro comum que vinha ao mundo.

Mestre Dezinho, o escultor, em sua intuição de artista incorporava à sua obra a herança do barroco brasileiro, toques dispersos do gótico europeu mesclados à já consagrada arte santeira nordestina.

Quando o Pe. Carvalho anuncia que vai trazer Dom Avelar, à época Arcebispo de Teresina, para apreciar as esculturas, mestre Dezinho em seu bom humor e sem perceber ainda a dimensão de sua grandeza: "Meu Deus, é agora que eu vou ser excomungado."



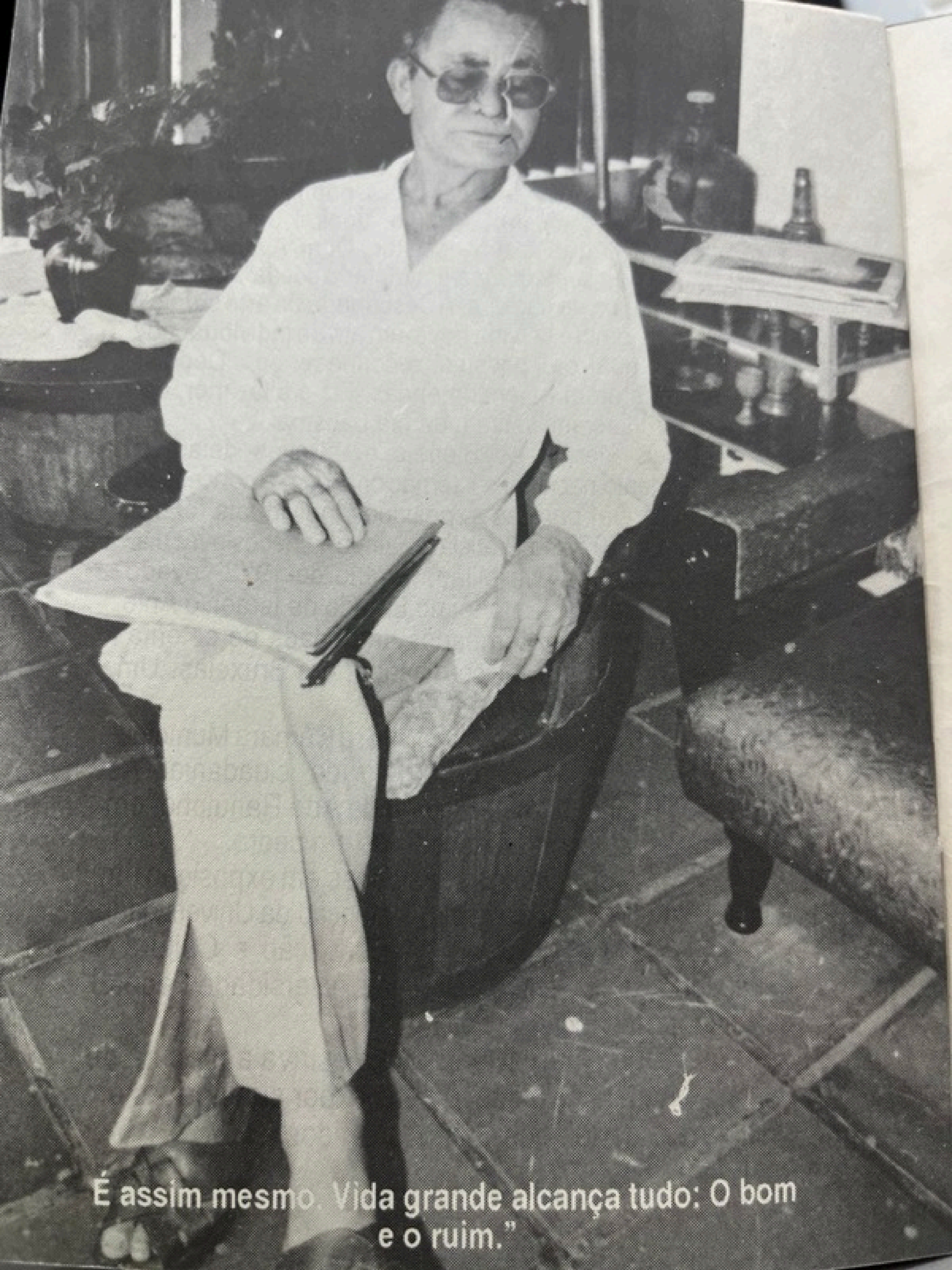
Dom Ávelar veio, viu e deu início a um diálogo meio insólito mas que implicaria numa decisão definitiva na vida daquele que logo mais seria considerado um dos melhores escultores de arte sacra popular no país: "Meus parabéns, mestre Dezinho. Você é um grande escultor". "E o que é um escultor, Dom Avelar?" "É aquele que põe semelhança em matéria sólida". Estava sacramentada uma carreira. A descoberta da arte surgia como um vislumbre de vida nova-um ato de individuação através do qual era possível reconhecer-se. "Depois disso aumentaram as encomendas. Fiz o altar-mor, os anjos-guardiães, inclusive o da pia batismal."

Depois vieram as Bienais e, através delas, o reconhecimento nacional e internacional com a concessão de prêmios. Daí para as exposições individuais foi um passo só. Em 1972 na Bratislava, ainda Tchecoslováquia. No Centro Domus, em Milão, no ano de 1973, levado pelo Governador do Estado; no Estado de Israel, o Anjo do Bem, esculpida em meados da década de setenta, vigia. Há peças no México, França, em Bruxelas. Um São Francisco foi enviado à África.

No dia 8 de novembro de 1976, a Câmara Municipal de Teresina confere-lhe o título de cidadania. As exposições continuam. A Galeria de Arte Ranulpho, em São Paulo, acolhe suas esculturas em cedro.

Nos Estados Unidos suas peças em exposição em Miami e Nova Iorque despertam a atenção da Universidade do Nebraska. O Ministério da Educação e Cultura é notificado do interesse e aciona a Universidade Federal do Piauí, que o localiza.

A Universidade do Nebraska estava à procura de um representante brasileiro para expor suas peças em seis universidades dos Estados Unidos.



É assim mesmo. Vida grande alcança tudo: O bom e o ruim."

Mestre Dezinho viaja e, no dia 14 de outubro de 1982, recebe diploma de cidadão honorário do Estado do Nebraska, título comprovado pelo quadro pendurado em uma das paredes de casa.

De construção singular, a casa curiosamente se assemelha a um mandala-o centro é seu quarto, núcleo de sua consciência criadora. É lá, em noites insones, que maquina suas invenções. A casa, de uma composição prática original, foi concebida por Mestre Dezinho numa dessas noites: o acesso é feito por uma entrada lateral; em cima, quem escuta o chamado da porta não precisa descer para abrí-la-é apenas puxar uma alavanca posta às costas do bandeirante guardião, uma escultura que pertenceu ao Governo do Estado. Mestre Dezinho recuperou-a para trazê-la de volta-estava avariada e esquecida nos porões do Palácio de Karnak.

“É assim mesmo. Vida grande alcança tudo: o bom e o ruim.”

E nas palavras de Olney Krüse:” (...) a arte brasileira, hoje, existe e está viva, por exemplo, num gênio (a palavra está desgastada mas para ele é exata) chamado apenas de Mestre Dezinho.”

Fundação Cultural Monsenhor Chaves

Presidente

Eugênia Maria Parentes Fortes Ferraz

Superintendente

Amália M^a Lages Téles

Cadernos de Teresina - Suplemento Especial

Coordenação Editorial

Marleide Lins Albuquerque

Programação Visual

Marleide Lins Albuquerque

Arte-final

M. Lins

Carlos Alberto

Redação

Maria Aldenires de Sousa Lima

Composição

Marcelo Costa

Ribamar Albano

Revisão

Conceição Lemos

Maria Aldenires de Sousa Lima

Fotografia

Jairo Cezar

REVISTA "CADERNOS DE TERESINA"
FUNDAÇÃO CULTURAL MONSENHOR CHAVES
1993